

ANO XIX
Nº 140

PUBLICAÇÃO DE

EDIÇÕES



RIO GRANDE DO SUL

SEU JORNAL OFICIAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

série didática

APRENDA



Alfabetização

1º série - I

2º série - II

3º série - III

4º série - IV

Manual do Professor:

com orientação
sugestões
bibliográfica
solução de todos os
exercícios propostos

Professor,
veja, use e faça
que seu aluno
APRENDA
CONTENDO:

Comunicação e Expressão

Integração Social

Iniciação às Ciências

(Matemática e Ciências)

Livro para o Aluno:

totalmente ilustrado,
dinâmico
Incentivando a pesquisa

Caderno de Exercícios:

para fixar
e verificar
a aprendizagem



EDIÇÕES TABAJARA

SÃO PAULO
Rua Petrópolis, 238
Fone: 71-2580

PORTE ALTORE
Rua da Andrade, 1764
Fone: 24-1973 - 24-7779

NESTE NÚMERO

Editor: Henrique
FOTO ALTO: — 30.
Art. Sócio: Dr. Waldemar, 2224 — 12.º andar.

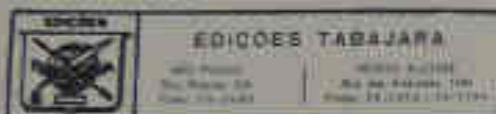
Fundadores: Prof. José de Souza Gomes
Presidente: Prof. Dr. Augusto Lacerda
Secretário: Prof. Dr. Edmundo Reis

Redatores e Redatoras: Prof. Dr. Henrique
Prof. Dr. Henrique Henrique

Editorial: Prof. Dr. Henrique Henrique
Assistente: Prof. Dr. Henrique Henrique
Prof. Dr. Henrique Henrique
Prof. Dr. Henrique Henrique

Supervisão Técnica: Instituto de Pesquisas e Orientação Educacional (IPOE) — antigo Centro de Pesquisas e Orientação Educacional e de Extensão da Faculdade (COPDE) — SAC — 33.

PUBLICAÇÃO DE



Quinteto:
Olimpo Tabajara
Joel Tabajara

Fundador — 8 número 1968

Assinatura 1072 Cr\$ 40,00

Os pedidos de cancelamento e remessa do número devem ser feitos em nome da EDIÇÕES TABAJARA — Av. Presidente Vargas, 26 — Vila Mariana — Fone 22-2242 São Paulo e Araras, 0726 — Fone: 40-4000 CHEQUE VISADO OU VALOR DECLARADO pagáveis nas agências bancárias adimplentes.

Reembolso total ou parcial de qualquer texto publicado pela REVISTA DO ENSINO é vedado de acordo com o lei.

Os direitos autorais restam reservados.

Desenvolver estabelecer parceria com outras entidades.

We wish to extend our thanks with all sincerest congratulations.

Tiragem deste número: 32.000 exemplares

Composta e impressa na

www.editoratabajara.com.br

CAPA: Comitê de Nilza Occhi Haertel

SUPLEMENTO DIDÁTICO:

CONHECENDO NOSSA HISTÓRIA: I REINADO (1822-1831)

REPORTAÇÕES — NOTÍCIAS

- 58 — Reunião no Estado do Rio Grande do Sul — Integrantes do RS no X Congresso de Professores Primários — Outras Notícias para Informações do Professor

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

- 62 — CAIXINHA DE RIMAS — O Mar — Meu Cachorrinho — O Vento

ENSINO FUNDAMENTAL

- 2 — CARACTERIZAÇÃO DO CURRÍCULO DO ENSINO DE 1º GRAU
 3 — I — Considerações Gerais
 3 — II — O Sistema Educacional e o Sistema Curricular
 3 — III — Quadro de Referência para o Currículo do Ensino de 1º Grau
 3 — IV — Bases do Currículo
 14 — V — O Aluno e seu Processo de Desenvolvimento
 19 — VI — Objetivos
 22 — VII — Organização Curricular
 40 — VIII — Outras Bases Teóricas, Método Científico — Relações e Estruturas — Processos de Comunicação
 48 — IX — Planejamento do Currículo
 50 — X — O Professor do Ensino de 1º Grau
 53 — VIDA NA ESCOLA — Premiar ou Repreender: Quanto?
 56 — REVISE SEU PORTUGUÊS — Você Sabe Distinguir as Orações Adjetivas Restritivas das Explicativas?
 60 — CANTINHO DAS NOVIDADES — O LINDO Tem sua Ver
 62 — COMO APROVEITAR O SUPLEMENTO "CONHECENDO NOSSA HISTÓRIA: I REINADO" (1822-1831)
 63 — LITERATURA BRASILEIRA — José do Patrocínio

R. Ens.	Porto Alegre	v. 19	nº 140	p. 1-64	Abri 1972
---------	--------------	-------	--------	---------	-----------

Visando oferecer aos professores melhores condições para a execução da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 — que fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras providências — é nosso propósito intensificar a divulgação, tanto na própria Revista como em separatas, de documentos a ela relacionados.

Dentro desse objetivo, é que publicamos neste número

CARATERIZAÇÃO DO CURRÍCULO DO ENSINO DE 1.º GRAU

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Diretora: MARIA TIZIDORA BOFILL

Coordenadora da Assessoria Técnica: NELLYE SEVERO MARIATH

GRUPO-BASE DE CURRÍCULO DO ENSINO DE 1º GRAU

Responsável pela estrutura básica do currículo:
MARIA CLEUSA GUERRA

Coordenação

NEUSA JUNQUEIRA ARMELLINI

CURRÍCULO POR ATIVIDADES

ALSINA ALVES DE LIMA, MARIA FLORA DE MENEZES RIBEIRO, JUREMA SARAIVA DIAS, MARIA LIGIA AGUIAR, LUIZA WALDEMAR (Equipe DED); WANDA ROCHA (Equipe DAC), BEATRIZ RIBEIRO (Equipe DAC)

CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDO

Área de Comunicação e Expressão

RAUL JOSÉ MORAES MACHADO, WILMAR PEREIRA DOS SANTOS (Equipe DAC), FRANCISCO CAMARGO NETTO (Equipe DED)

Área de Ciências

RITA ALMEIDA, ZILÁ MARIA GUEDES PAIM, LEDA LOPES SPERB, GISELDA BRITTO DIAS

Área de Integração Social

MARILIA BONINI, MIRIAM REJANE SARAIVA MOREIRA, MARIA DE LOURDES DOS SANTOS, JUCY OSÓRIO, LÍDIA BENÍCIO DA FONSECA

Fundamentação e Metodologia

LIZIA HELENA NAGEL, RUTE VIVIAN ANGELO, NEUSA JUNQUEIRA ARMELLINI

Orientação Educacional

EDA SCHROEDER, ROSA MARIA GONÇALVES FACHIN

I - CONSIDERAÇÕES GERAIS

A promulgação da Lei 5.692/71 aponta reformulações na filosofia educacional, visando encaminhamento de soluções aos problemas mais relevantes do nosso sistema de ensino tanto do ponto de vista técnico-administrativo como técnico-pedagógico, abrindo-lhes amplas perspectivas de ação.

A nova Lei, ao estabelecer "mudanças", não pode prescindir de um reajuste curricular que sirva a seus propósitos, porque o currículo, considerado como um dos instrumentos básicos do desenvolvimento do aluno, se constitui no suporte para qualquer mudança na educação.

Deixada à parte a reforma educacional, poder-se-ia considerar como irreversíveis os estudos de revisão do currículo porque:

— desenvolve-se, no País, ultimamente, uma mentalidade de planejamento em educação que conduziria, forçosamente, à reconsideração do currículo;

— a tendência ao alcance aos melhores padrões de ensino, decorrente do aperfeiçoamento gradativo dos recursos humanos, também conduziria ao reexame dos currículos, principalmente se associar aquela tendência às necessidades de expansão quantitativa da rede de ensino;

— pesquisas realizadas em extensão nacional ou estadual atestam a inadequação dos currículos da escola primária, principalmente os de 1^a série, o que impõe, independente da Lei, uma acurada revisão curricular.

Como resposta à problemática da revisão curricular o Departamento de Educação Fundamental da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, através de seu Grupo-Base de Currículo do Ensino de 1º grau, elaborou diretrizes curriculares para o Sistema Estadual de Ensino.

Estas diretrizes se constituem numa interpretação técnico-pedagógica da Lei 5.692/71 a partir do estudo dos currículos existentes e até aqui executados, visando a:

- garantir e fortalecer a unidade nacional assim como do próprio conhecimento humano;
- atender e preservar as diferenças regionais, locais e a unidade do sistema estadual de educação;
- ajustar o ensino às diferenças individuais.

A partir dessas diretrizes, a escola, interpretando-as e ajustando-as à sua realidade particular, transformará o currículo numa alavanca da melhoria dos padrões de ensino do nosso Sistema Educacional.

II - O SISTEMA EDUCACIONAL E O SISTEMA CURRICULAR

Dados estatísticos e o senso comum demonstram a pouca eficiência e a baixa produtividade de nosso sistema de ensino. Essa insatisfação é ressaltada através de comentários de professores, de profissionais, de pais de alunos e dos próprios alunos.

Várias hipóteses têm sido levantadas, algumas tentativas de solução encaminhadas. Os pontos críticos sempre apontados giram em torno da necessidade de melhores escolas, com equipamentos mais adequados, professores mais bem preparados e currículos mais funcionais, adaptados à realidade.

Deve-se salientar que, na maioria dos casos, têm sido as pressões políticas e o descontentamento geral com o sistema educacional, mais do que

as novas descobertas psicológicas, os condicionantes básicos responsáveis pelas reformas curriculares dos últimos anos, em vários países.

Em Teoria e Prática do Planejamento Educacional, Osvaldo Ferreira de Melo relaciona, entre outros, como aspectos deficientes de nosso ensino, os seguintes:

- evasão de 90% do alunado na escola, com maior incidência dos bero-dotados;

- seletividade da escola brasileira com discriminação de currículo para elite e outro para trabalhadores;

- escola distanciada dos modernos meios de comunicação, impotente para transmitir a cultura acumulada face ao avanço científico, diário e incômensurável;

- academicismo e falta de articulação, sistematização e ordenação do currículo escolar;

- reação e falta de adaptabilidade, por parte do professorado a novos currículos, técnicas e métodos.

Lauro de Oliveira Lima ainda faz referência à inconsistência de relação entre as instituições culturais do meio e as escolas.

No Plano Estadual de Educação, de 1967, encontramos como focos de emperramento de nosso sistema de ensino entre outros os seguintes:

- alto índice de evasão;

- defasagem entre o número de alunos ingressantes no sistema e número de concluintes;

- acentuado percentual de retenção do aluno na escola, no mesmo adiantamento, principalmente na 1^a série;

- matrícula tardia, encontrada especialmente nas zonas rurais;

- pouca duração do dia escolar;

- insuficiência e inadequação das condições materiais da escola;

- número elevado de professores leigos: 47% do total de docentes;

- ausência de especialização e atualização dos professores, acentuadamente os de 1^a série;

- inadequação dos currículos às possibilidades reais dos alunos;

- organização rígida dos currículos com a predominância da educação geral, sem oportunidade de exploração vocacional;

- inadequação dos currículos das escolas de formação de professores às exigências curriculares do ensino primário;

- desarticulação entre o currículo do ensino primário e médio;

- pouca integração escola-comunidade, considerados como elementos estanques;

- ausência de pesquisas educacionais e de um sistema estatístico que permita identificar as melhorias quantitativas e qualitativas do sistema.

Ao analisarmos os pontos críticos de emperramento do sistema educacional, seja a nível federal, estadual ou mesmo escolar, verificamos que, em maioria, incidem basicamente sobre 3 elementos:

- a) **qualificação de recursos humanos;**

- b) **organização curricular;**

- c) **condições materiais da escola.**

A legislação educacional e a atual política governamental visam imprimir maior rendimento ao sistema, tanto em termos de quantidade como de qualidade, estabelecendo diretrizes e oferecendo recursos no sentido de encaminhar soluções aos seus problemas mais relevantes.

Se a ênfase ao sistema educacional é dada em termos de produtividade e de desempenho eficiente em função de seus objetivos, podemos traçar um paralelo entre sistema produtivo e sistema educacional.

Todo sistema envolve:

- um conjunto de peças ou elementos;

- com funções diferentes,

- atuando e interagindo,

- para obtenção de certos resultados.

Envolve uma ideia de rede onde os elementos com funções diversas se interligam, interagem, são interdependentes, portanto, se integram.

Podemos, então, identificar algumas ideias-chave, relacionadas ao conceito de sistema:

- organização

- coordenação

- interdependência

- ordenação-hierarquia

- coerência

- integração

Ariindo Lopes Corrêa e Edson Machado de Souza, em "Metodologia para a Avaliação do Desempenho da Rede de Ensino Industrial", ao realizar uma interpretação teórica de sistema educacional como um sistema produtivo, afirmam que todo o sistema produtivo utiliza um processo que implica o consumo de certa(s) matéria(s)-prima(s), outros produtos e serviços que, adequadamente combinados e tratados, levam à obtenção do produto final desejado.

A(s) matéria(s)-prima(s), e outros produtos, os serviços e os demais componentes do sistema utilizados no processo são designados genericamente de fatores de produção.

As maneiras distintas pelas quais esses fatores podem ser combinados e tratados, para produzirem o resultado desejado, isto é, o produto, estão definidas pela tecnologia do processo.

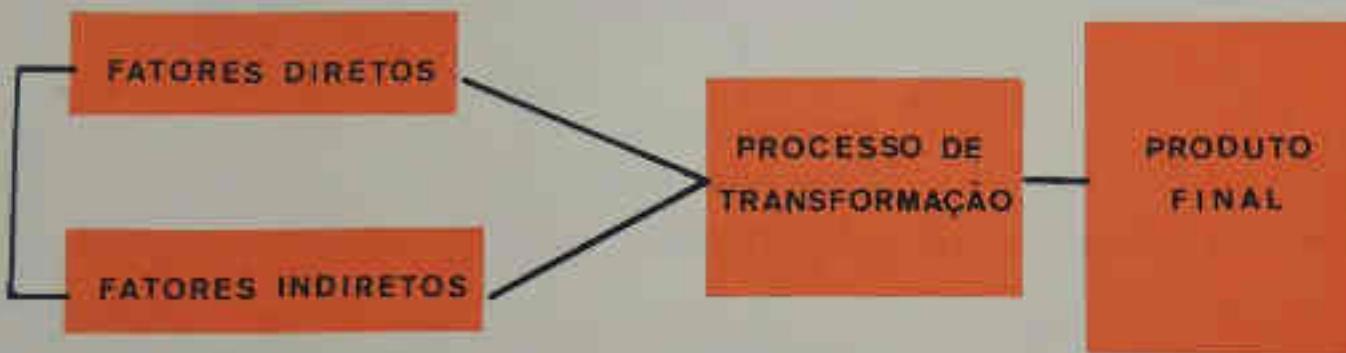
Especificando melhor, temos que num sistema de produção vamos encontrar fatores diretamente envolvidos na obtenção do produto e fatores cuja contribuição é apenas indireta; daí a distinção entre fatores diretos e indiretos. São considerados fatores diretos:

- matéria-prima
- mão-de-obra
- instalações e equipamentos

Os fatores indiretos são representados pelos:

- serviços de administração
- serviços de alojamento
- serviços de alimentação
- serviços de saúde

Os fatores mencionados, adequadamente combinados e tratados pela tecnologia empregada, passam por um processo de transformação, determinando a obtenção de um produto final.



Correlacionando os elementos acima especificados com o sistema educacional temos:

A — como fatores diretos:

- alunos, matéria-prima do processo;
- professores, principal tipo de mão-de-obra utilizado;
- instalações, salas de aula, laboratórios, oficinas;
- equipamentos de laboratórios e oficinas, bibliotecas, mobiliário em geral, equipamentos técnicos (retro-projetores, filmadoras etc.);
- materiais, recursos didáticos audiovisuais como filmes, "slides" etc.

B — como fatores indiretos:

- serviços administrativos, envolvendo a direção, coordenação pedagógica, orientação educacional, secretaria, grêmio de alunos, círculo de pais e mestres, merenda escolar etc.

C — como processo de transformação:

- a aprendizagem realizada pelo aluno como decorrência da tecnologia empregada, ou seja, do currículo da escola, o qual expressa a combinação e o tratamento de todos os fatores do sistema.

D — como produto final:

- a consecução dos objetivos da escola, a formação do indivíduo.

A matéria-prima do processo educacional está representada pelo conjunto de alunos que ingressam no sistema no início de um período de tempo determinado e por ele fluem, submetendo-se a um processo de transformação como decorrência da ação curricular da escola. Este processo de transfor-

nituição como decorrência da ação curricular da escola. Esse processo de transformação encaminha ao produto final que compreende a matéria-prima transformada, enriquecida, ou seja, o aluno com novos conhecimentos, novas habilidades, novas atitudes. Exematizando:



Vemos assim, que um dos condicionantes básicos do desempenho do sistema educacional se configura no planejamento e organização de um currículo adequado às condições de nossa realidade, visto que os índices de eficiência, produtividade e rendimento de um sistema são consequências diretas da tecnologia empregada.

Benjamim Bloom, em "Taxonomy of Educational Objectives" apresenta 4 questões básicas para a organização curricular:

1. Que propósitos ou objetivos educacionais deseja a escola alcançar?

2. Que experiências de aprendizagem podem ser oferecidas pela escola, a fim de que estes objetivos sejam alcançados?

3. Como estas experiências de aprendizagem podem ser efetivamente organizadas, de modo a garantir a sequência e a continuidade no processo de aprendizagem do aluno e a auxiliá-lo a integrar o que de outra forma se transformaria em experiências isoladas de aprendizagem?

4. Como pode a eficiência dessas experiências e, por conseguinte, o alcance dos objetivos propostos, serem avaliados pelo emprego de diferentes mecanismos e controle?

Destacamos, a partir das 4 questões levantadas por Bloom, os elementos básicos do currículo:

- objetivos
- seleção e organização de conteúdos
- seleção e organização de experiências de aprendizagem
- definição do sistema de avaliação.

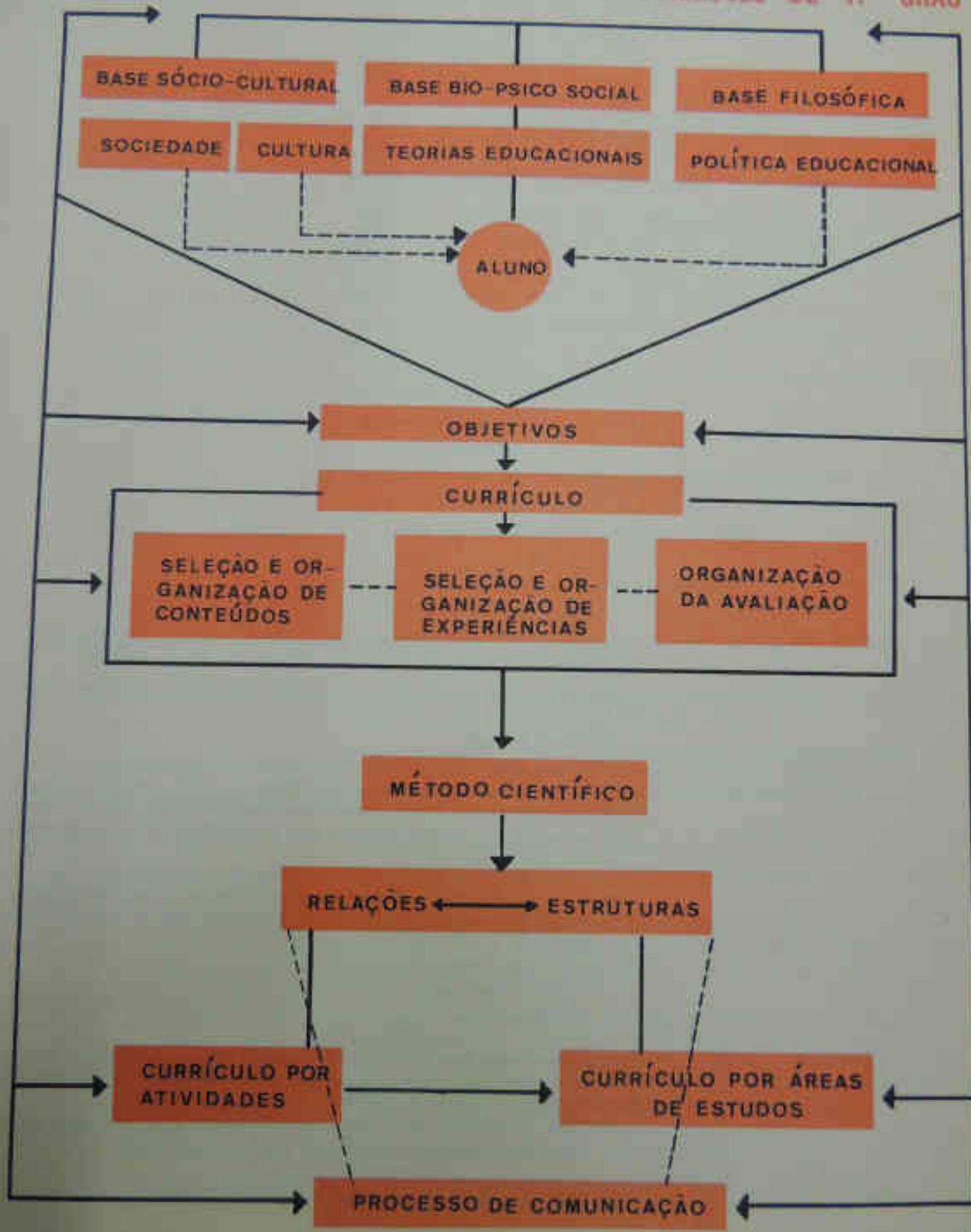
Estes elementos básicos, guardam interdependência entre si e constituem, por sua vez, o sistema curricular.

As decisões quanto à definição destes elementos do sistema curricular devem estar fundamentadas pelo estudo e análise e compreensão das características da realidade bio-psico-social do aluno, da sociedade e cultura e da filosofia educacional, constituiendo-se nas bases do currículo, sobre as quais se realiza a montagem de um sistema curricular flexível, aberto e funcional, capaz de atender às exigências da realidade do sistema educacional.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CORREA, Arlindo Lopes & MACHADO, Edson de Souza — *Metodologia para avaliação do desempenho da rede do ensino industrial*. Rio de Janeiro: MEC-DEM, 1971.
 2. DITMAR, Eva Van — *Reforma curricular*. Porto Alegre, UFRGS, 1969.
 3. MELO, Onaldo Ferreira de — *Planejamento educacional*. Porto Alegre, Globo, 1969.
 4. PFEIFFER, John — *Uma visão nova da educação*. São Paulo, Nacional, 1971.
 5. RIO GRANDE DO SUL — Conselho Estadual de Educação. *Plano estadual de educação*. Porto Alegre, 1967.
- Documento elaborado pelas professoras RUTE VIVIAN ANGELO e NEUSA JUNQUEIRA AKMEILLINI — Grupo-base de Currículo do ensino de 1º Grau Área Técnica — Departamento de Educação Fundamental — SEC-RS.

III – QUADRO DE REFERÊNCIA PARA O CURRÍCULO DE 1.º GRAU

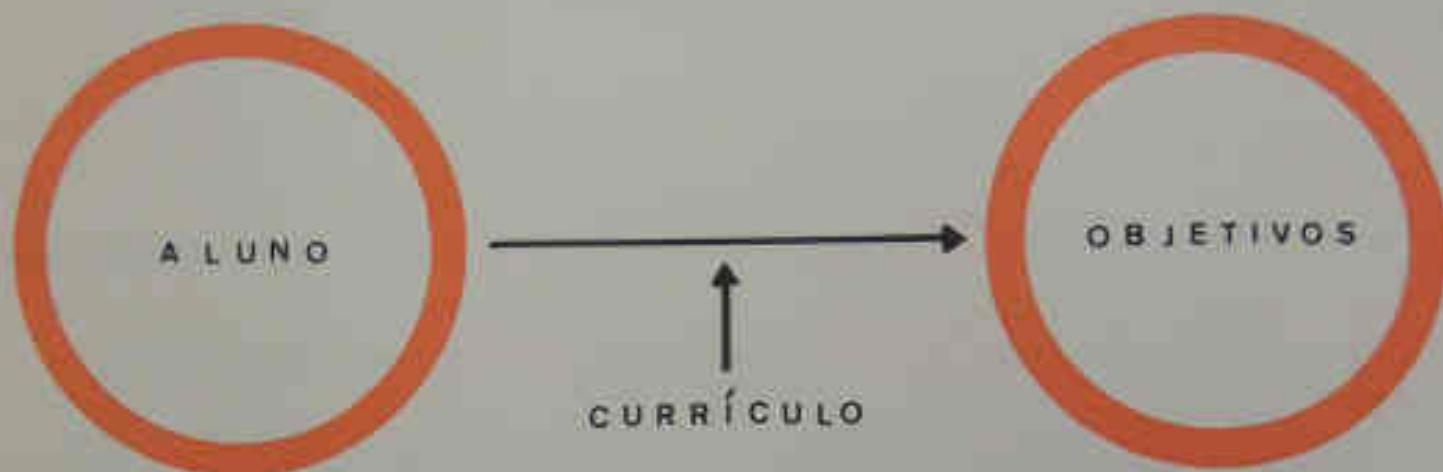


IV - BASES DO CURRÍCULO

Curriculum é o conjunto de todas as experiências que o aluno vive e realiza sob a responsabilidade da escola, visando à consecução dos objetivos educacionais.

Neste conceito destacam-se como componentes básicos:

- o aluno como sendo o foco e acento do currículo;
- os **objetivos educacionais** como norteadores do processo educativo;
- a **responsabilidade da escola** no planejamento das experiências de aprendizagem;
- o próprio **currículo** como um meio, um instrumento para a consecução dos objetivos educacionais.



O objetivo da escola é promover o desenvolvimento do aluno. Para tanto, é indispensável definir o que para ele representa a pessoa do aluno.

Face ao avanço das ciências educacionais, é o aluno, atualmente, considerado como:

- um ser integral;
- um ser singular, com particulares interesses e necessidades;
- um ser inserido num determinado tempo e espaço cultural e responsável pela continuidade do movimento ascensional da cultura e da sociedade;
- um agente da própria educação com possibilidade de auto-realização.

Os especialistas, ao determinarem diretrizes para o currículo, e os professores, ao interpretarem e adaptarem estas diretrizes a nível de escola e aluno, se apoiam em ideias norteadoras, que nada mais são que as bases do currículo:

- base socio-cultural
- base bio-psico-social
- base filosófica

A análise dessas bases fornece os elementos para a definição e direção de objetivos, bem como para toda a organização curricular, expressos através das respostas às seguintes questões:

- Quais as características e tendências da cultura e da sociedade atual?
- Que tipo de homem está e estará a sociedade a exigir?
- O que é um homem culto em nossos dias?
- Que tipo de educação requer o homem de nossa época?

- Como se processa o desenvolvimento humano?
- Como se realiza o processo de aprendizagem?
- Quais os princípios filosóficos que norteiam a política educacional vigente?

BASES SOCIO-CULTURAIS

A Lei 5.692/71 "trata de infundir um sentido vital e renovador à educação para aproveitar a cada indivíduo segundo suas aptidões e prepará-lo para ocupar um posto dentro da amplíssima gama de possibilidades que oferece uma sociedade dinâmica e progressiva como a que se afigura para o futuro".

O homem de amanhã viverá em condições bem diferentes das de seus pais e professores, evidenciando-se, com isso, a necessidade de que a educação tenha uma visão prospectiva do homem e da sociedade, a fim de melhor prepará-lo não só para o presente como também para o futuro, levando-o a penetrar, neste futuro, bem instrumentalizado.

Vivemos num mundo caracterizado por constantes mudanças e transformações.

O marcante desenvolvimento científico e tecnológico dos nossos tempos trouxe como consequência:

- automação
- condicionamento
- explosão de conhecimentos e dos meios de comunicação
- acentuado processo de industrialização
- crescente complexidade da organização social
- ascensão das massas
- renovação de valores — novas hierarquias de valores
- divergências ideológicas
- ruptura dos padrões de relacionamento na família, na escola e em todas as áreas de cultura humana.

A explosão científica tornou o homem não mais habitante apenas de um determinado contexto geográfico e cultural.

A todo momento, cinema, rádio, televisão, impressos de toda parte, colocam a cultura ao alcance do homem, tornando-o habitante de todo o planeta, oportunizando-lhe participação direta ou indireta de todas as culturas.

O homem é um cidadão do mundo.

Tudo leva a reforçar a necessidade vital da interação entre a Escola e a Vida.

As massas de informação que o aluno recebe fora da escola e que receberá ao longo da vida não poderão ser dominadas facilmente. Elas constituem uma ameaça permanente de dispersão, é "a doença da informação" no dizer de Louis Le Gallant.

O momento está a exigir uma educação que permita ao indivíduo atender às constantes solicitações de maior compreensão e interpretação dessas informações, sistematização de conhecimentos, crítica e confronto de fontes de informações, sob pena de se ver pressionado e condicionado, deixando assim de "viver em plena integração de sua liberdade".

A Lei 5.692/71 impõe à consideração dos educadores em geral a urgência de sistematizar o pensamento, a ação e as normativas que devem construir cada nível de educação escolar. A conscientização dos problemas brasileiros expressos em crenças, valores e necessidades de nossa sociedade, e as

consequências de uma intensa expansão técnico-científica, proporcionam a definição dos rumos de nosso sistema de educação, no sentido de preservar o homem desse processo alienígeno que ameaça a sua sobrevivência na vida em comunidade.

A escola, através de seu currículo, deve enfatizar o como pensar e não só o que pensar. Segundo Huxley "uma educação que ensina o que pensar e não como pensar é uma educação de escravos e senhores".

Dewey ressalta muito bem este aspecto quando diz: "se não é possível a escola provar todas as afirmações, como não o é fornecer todos os dados de uma questão, sua missão é, em compensação, implantar, profundamente, hábitos eficientes para permitir distinguirem-se as opiniões formadas das meras afirmações, conjunturas e hipóteses, desenvolver uma forte e sincera preferência pelas conclusões convenientemente provadas e introduzir, no trabalho do indivíduo, os métodos habituais de investigação e raciocínio adequados aos diversos problemas que se lhe antecedem".

E a ênfase do método científico.

O homem culto de nossos dias, a fim de atender às tarefas que lhe são e lhe serão exigidas deve ter uma formação humanístico-técnico-científica. Este homem é concebido como aquele que é capaz de:

- ser disponível, participante, ter espírito de equipe;
- ter independência de juízo, estar preparado para escapar às ideias preconcebidas;
- avaliar constantemente tudo, ter espírito crítico;
- identificar problemas, levantar alternativas de soluções, ser flexível;
- reconstruir incessantemente um mundo em movimento constante, ser criador;
- ter intuição, imaginação, raciocínio lógico;
- ter energia, gosto do risco, confiança no futuro da humanidade;

— evidenciar efetivo desempenho econômico, cívico, ético e político, compatível com suas potencialidades e aspirações, exigências e contingências da sociedade em que está inserido.

E a tarefa da escola é contribuir para a formação do homem de hoje e de amanhã.

BASES BIO-PSICO-SOCIAIS

A formação do homem, que a sociedade está a exigir, depende não só do trabalho sistemático da escola, como também das influências exercidas pela família e pelo seu contexto socio-cultural.

Considerando o ser humano como um organismo dinâmico, um sistema de energia em busca de equilíbrio constante em suas forças internas e o meio ambiente, a escola procura contribuir para o estabelecimento saudável deste equilíbrio no indivíduo.

A ação da escola, através de seu currículo, propicia experiências de aprendizagem que permitirão ao aluno modificar seu comportamento. Esta ação será tanto mais efetiva quanto mais alicerçada estiver em descobertas e formulações de teorias educacionais.

As ciências educacionais nos fornecem elementos para uma configuração cada vez mais nítida da pessoa do aluno, apontando seus interesses, suas necessidades básicas e como o processo da aprendizagem se realiza.

O atendimento, de forma positiva, às necessidades básicas do indivíduo condiciona, em grande parte, seus mecanismos de aprendizagem.

Estas necessidades básicas podem ser classificadas como sendo de:

- natureza física
- natureza social
- natureza integrativa

1. As necessidades físicas são as de alimentação, abrigo, higiene, movimento etc., cujo atendimento é

indispensável ao pleno desenvolvimento físico e à conservação da saúde do indivíduo.

2. As necessidades sociais podem ser assim desdobradas:

2.1 necessidade de correspondência — o que significa desejo de carinho e de afeto. A criança precisa da apreciação íntima e preferencial dos outros.

A satisfação dessa necessidade lhe dá gratificação.

2.2 necessidade de consideração — manifesta-se na criança pelo desejo de ser admirada, aceita, merecer consideração pela sua pessoa e por suas realizações; principalmente por parte do grupo social a que pertence.

A satisfação dessa necessidade leva a criança à autoavalização.

2.3 necessidade de novas experiências — atende à natural curiosidade infantil. Esta necessidade pode ser observada, em sua forma mais simples, nas atividades bási cas das crianças ou através de suas experiências espontâneas de pesquisa, experimentação... A satisfação dessa necessidade oportuniza o desenvolvimento do **espírito criador**.

2.4 necessidade de segurança — significa que a criança precisa, para o desenvolvimento saudoso de sua personalidade, sentir-se física, afetiva e psiquicamente segura, ao abrigo de mudanças perturbadoras. A satisfação dessa necessidade possibilita a criança a enfrentar com equilíbrio situações problemáticas da vida.

3. Necessidades integrativas são aquelas que se evidenciam através do desejo de relacionar-se com algo transcendental ao indivíduo, ou seja, a necessidade de possuir uma filosofia de vida expressa por uma nítida hierarquia de valores.

O atendimento às necessidades bio-psico-sociais do educando, além de causar-lhe satisfação pessoal, reforça o seu engajamento no processo educacional, garantindo, assim, seu desenvolvimento pessoal e social.

As várias teorias educacionais, especialmente as da aprendizagem, concordam ao afirmar que toda aprendizagem é auto-aprendizagem e que envolve um processo de modificação de comportamento.

Diz-se que houve aprendizagem, quando houve mudança de comportamento, isto é, quando o educando passa a emitir novas formas de pensar, sentir e agir.

Assumindo uma posição eclética em relação às várias teorias de aprendizagem, destacamos alguns princípios que embasam, de forma mais direta, a organização do currículo.

- da intenção
- da situação-problema
- da ação
- da experiência anterior
- da integração
- da socialização
- da individualização
- das pequenas etapas
- da verificação imediata
- da repetição em situações variadas

1. Princípio da intenção

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando qualquer atividade levada a efeito pelo aluno tiver, para ele, significado vital, isto é, corresponder a um fim.

2. Princípio da situação-problema

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando, frente a uma situação-problema, o educando tem possibilidade de colocar à prova suas idéias, comprovar suas hipóteses e constatar, por si próprio, a validade das mesmas.

3. Princípio de ação

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando implica em atividade física (motoria) ou psíquica (emocional ou intelectual) o que leva o aluno a modificar seus modos de perceber, pensar, sentir e agir, ou seja, a aprender.

4. Princípio da experiência anterior

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando o aluno encontra na nova situação proposta ponto de referência, pontos comuns às duas situações: a anterior e a atual. Dessa forma, cada experiência anterior é pré-requisito para a ulterior.

5. Princípio da integração

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando envolve tanto diferenciação como integração.

O comportamento, durante o processo de aprendizagem, vai se tornando cada vez mais diferenciado e ao mesmo tempo mais integrado, mais generalizado, mais eficiente.

6. Princípio da socialização

Toda aprendizagem melhor se efetiva quando a mesma depende da extensão do sentido-social em que se realiza a aprendizagem. E a socialização para a democratização.

7. Princípio da individualização

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando o aluno tem oportunidade de trabalhar de maneira pessoal, pois os indivíduos diferem uns dos outros em aptidões específicas, interesses, métodos de trabalho, ritmo de aprendizagem.

8. Princípio das pequenas etapas

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando o aluno vai dominando os passos do processo, em pequenas porções sucessivas e encadeadas.

9. Princípio da verificação imediata

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando o aluno tem oportunidade de verificar, imediatamente, o resultado de suas respostas e realizações. Isto estimula o aluno a manter o nível de motivação e permite-lhe fixar a resposta correta.

10. Princípio da repetição em situações variadas

Toda aprendizagem melhor se efetiva, quando o conteúdo desta aprendizagem for repetido em momentos e situações diferentes, com novas técnicas. A repetição na aprendizagem propicia o aumento da compreensão.

BASES FILOSÓFICAS

A filosofia educacional, a partir de uma perspectiva global e realística, procura tornar o planejamento da educação humana, coerente e objetivo, segundo os valores considerados relevantes à sociedade a que se destina.

A base filosófica de educação se concretiza através de política educacional adotada. Esta última será alicerçada por um sistema filosófico que emite um escalonamento de valores, fundamentando juízos e proposições da mesma política educacional que transformará a própria filosofia em aspectos legais de ação.

O Governo considera a educação condição básica ao desenvolvimento auto-sustentado, não havendo limites para a demanda social da educação.

"A educação deve proporcionar a plena realização do homem nas suas diferentes dimensões, tornando-o cada vez mais capaz de exercer julgamentos criteriosos e de assumir maiores encargos e responsabilidades. A educação exige das sociedades organizadas o estabelecimento de uma política que permita a realização de seus fins e a sociedade deve oferecer a seus membros, por meio de educação, condições para o desempenho de seus papéis sociais. A educação brasileira deve orientar o esforço de aperfeiçoamento político nacional no sentido da construção de uma sociedade de participação cada vez menos injusta."

A aceleração da revolução na educação tem por meta governamental "criar as bases para uma década de desenvolvimento, capazes de possibilitar ao Brasil, no final do século, formar entre as sociedades desenvolvidas, sem perder sua identidade sócio-cultural".

Para a consecução dos propósitos acima mencionados, é de extrema importância que os planos curriculares se compatibilizem e ponham em ação os princípios básicos que orientam a Lei 5.692/71, instrumento legal e norteador de todo movimento de atualização e expansão do sistema de ensino brasileiro.

O Princípio de atualização, em função do currículo, requer a montagem de um plano de ação estruturado em bases amplas e flexíveis a fim de:

- permitir à escola ajustar-se, dinamicamente, às múltiplas variáveis que nela interferem, quer sejam em termos de diferenças locais e regionais, quer sejam em relação às mudanças que se operam no campo do conhecimento e no das técnicas de trabalho;
- ser possível a realização de reajustes que assegure continuidade, expansão e aceleração do processo educacional brasileiro, tornando a população um fator de produção e destinatária dos resultados do progresso.

O sistema curricular, atendendo o princípio de atualização, permite ao currículo modificar-se sem crises periódicas, tornando-o válido por um longo espaço de tempo, já que poderá adaptar-se ao tipo de aluno que atenderá e às diferentes solicitações de uma sociedade em mudanças.

O sistema curricular ao atender o princípio de descentralização busca um estilo evitando um modelo único, no sentido de adaptar-se às realidades mais modestas, sem tornar-se impedimento ao progresso e, reciprocamente, "incentivar audácia sem descurar para a insuficiência".

O currículo deve ser elaborado e executado em função de uma dada realidade, consideradas as peculiaridades de comunidade, as características da clientela, as possibilidades humanas e materiais da escola.

A descentralização curricular não é enfocada numa perspectiva de totalidade, porém se reveste de características de descentralização articula-

da onde os Estados, os municípios, as escolas e os alunos possuem certa liberdade e autonomia.

Não podia ser de outra forma porque a execução do plano curricular, a nível de escola, é parte integrante de um sistema curricular de nível nacional onde cada órgão educacional tem suas competências bem definidas, e princípios e objetivos comuns a toda nação precisam ser observados, a fim de que sejam preservadas a unidade e a segurança nacional, em especial ao se tratar de um país de dimensões continentais como o Brasil.

O princípio de integração — princípio eminentemente renovador da Lei 5.692/71, visualiza o ensino de 1º Grau como um bloco único em que as articulações internas (currículo) se processam tanto em sentido vertical quanto horizontal, de modo que os obstáculos ao progresso do aluno, na escola, são levantados pelas condições pessoais do próprio aluno.

A integração vertical, do currículo do ensino de 1º Grau, garante a continuidade, o aprofundamento e o encadramento lógico das experiências de aprendizagem, assim como da maior flexibilidade à execução do plano curricular para compatibilizar:

- tempo destinado ao ensino de 1º Grau;
- capacidades e aptidões do aluno;
- evolução acelerada de certos conhecimentos, técnicas e formas de vida.

A integração vertical, no currículo, aparece como uma porta aberta por onde o aluno pode passar em busca de novas oportunidades.

A integração horizontal, se especifica por uma série de experiências de aprendizagem relacionadas e organizadas em torno de um foco integrador, com o fim de atingir objetivos previamente estabelecidos.

A integração horizontal propicia a ação coletiva:

- relacionar o desenvolvimento das potencialidades do aluno;
- garantir a unidade dos diferentes momentos de interdependen-

dência e relação dos vários campos de estudo;

- dar sentido mais global e abrangente às experiências de aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

Decorrentes do princípio de integração surgem os de *continuidade* e *terminalidade*.

O currículo, face a este último princípio, passa a organizar-se sob duplo aspecto no sentido de:

- oportunizar e favorecer a continuidade do processo educacional do aluno, se assim o aluno desejar;
- oferecer condições de terminalidade educacional isto é, instrumentalizar o educando para que ele, no momento em que as contingências sociais o exigirem, se encontre apto, segundo suas possibilidades individuais, a ingressar na força viva do trabalho.

Esta nova colocação dada ao atual sistema de ensino brasileiro, busca valorizar a criatura como pessoa capaz de progredir e aperfeiçoar-se harmonizando o atendimento das condições pessoais do educando com o processo de desenvolvimento em que está empenhado o País.

Outro princípio, com significativas implicações curriculares, é o da *concentração de meios*.

Esse princípio procura racionalizar os recursos disponíveis da comunidade, tentando amenizar as carências materiais e humanas que a implantação do novo sistema de ensino está a enfrentar. A reunião de recursos e esforços, ao mesmo tempo em que elimina duplicações e corrige a dispersão, reforça, amplia e acelera a implantação da reforma.

O currículo, como um dos meios de concretizar essa reforma, precisa enquadrar-se nesse princípio e racionalizar seu plano de execução, de maneira que escola e comunidade formem um todo integrado e juntos trabalhem para a melhoria dos recursos humanos e da eficiência do processo educacional.

O currículo de 1º grau, como foi explicado até agora no presente tra-

balho, é visto como um sistema-aberto, onde não só as partes que o integram se influenciam mutuamente, mas também o próprio sistema intercambia influências com o seu meio ou ambiente.

Daí, a necessidade de existência de um mecanismo retroinformador que favoreça a avaliação constante dos produtos do sistema curricular, a fim de que os mesmos sejam confrontados com os objetivos educacionais propostos e, dessa forma, constatar-se o grau de validade dos resultados alcançados e das mudanças produzidas.

Concluindo, a Lei 5.692/71 visa, através de sua concretização, que o indivíduo aprenda a viver numa sociedade humana, superando suas próprias deficiências, alcançando os objetivos propostos e sentindo que a vida é um extraordinário desafio que devemos saber aceitar, interpretar e viver dando nossa parcela de contribuição para a construção de um novo universo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOYNARD, Aluízio Peixoto et alii — *A Reforma do ensino: lei n.º 5.629 de 11 de agosto de 1971*, publicada no Diário Oficial da União em 12 de agosto de 1971. [São Paulo] Lisa-Livros Irradiantes [1971]
2. BRASIL — Ministério da Educação e Cultura. *Piano setorizado de educação e cultura*. Rio de Janeiro, 1971/74.
3. — — — *Resumo explicativo do ensino de 1º e 2º graus*.
4. BRUNER, Jerome S. — *O processo da educação*. São Paulo, Nacional, 1968.
5. FERRY, Gilles — *Reinventando o papel do professor*. Porto Alegre, UFRGS, 1967.
6. LEYTON, Mario — *Un modelo pedagógico del planeamiento educacional*. Revista de Educación, Santiago, 9-1968.
7. LIMA, Lauro de Oliveira — *Educar para a comunidade*. Petrópolis, Vozes.
8. LINDGREN, Henry Clay — *Psicologia na sala de aula*. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1971.
9. — — — *Mutações em educação segundo Me Luhan*. Petrópolis, Vozes, 1971.
10. MARQUES, Juracy C. — *Ensinar não é transmitir*. Porto Alegre, Globo, 1969.

- 11 ————— Princípios, métodos e técnicas de ensino, exercício programado, secção do livro "aula como processo", Porto Alegre, Globus (No prelo).
12. MOSQUERA, JUAN José Mauricio — Aprender e ensinar: duas faces de uma moeda, SUPEGIE.
13. NASSIF, Ricardo — Pedagogia de nosso tempo, Petrópolis, Vozes, 1968.
14. NISKIER, Arnaldo — A nossa escola, Rio de Janeiro, Brugera, 1971.
15. PELLEGRINI, Marion Z. & SILVA, Eliane L. I. da — Princípios básicos que servem a lei que não se diretrizes para o ensino de 1º e 2º graus, Porto Alegre SEC-DEF, 1971.
16. RAGAN, WILLIAM B. — Currículo primário moderno, Trad. de Ruth Cabral, Porto Alegre, Globo (1967).
17. RIO GRANDE DO SUL, Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais, *Ensaios de uma psicologia do currículo*, Porto Alegre, 1963. (Trabalho realizado pela Equipe de Psicologia na 1ª Conferência Estadual do Currículo).
18. SOBREVILA, Marcelo A. — Didática de la educación, Buenos Aires, Kapelitz, 1968.
19. TEIXEIRA, Antônio — Mestres de amanhã, Revista Pedagógica, Rio de Janeiro.
20. TYLER, Ralph — Princípios básicos de currículos e instruções, Santa Maria, Universidade Federal, 1971. (Curso de Pós-Graduação em Educação.)

Documento elaborado pelos professores ILCE NORMA RIEGEL e NEUSA JUNQUEIRA ARMELLINI.

V - O ALUNO E SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Sendo o aluno o foco de nosso currículo, é preciso refletir sobre o que sabemos dele e de seu desenvolvimento:

O professor não pode definir seus objetivos de ensino sem conhecer o que deseja ensinar. O presente trabalho permitirá uma visão integral do aluno em seu processo de desenvolvimento.

As tarefas do desenvolvimento humano são problemas que surgem para os indivíduos em determinado tempo de vida e têm suas raízes:

- no crescimento físico e fisiológico e nas capacidades do indivíduo;
- na fase de seu crescimento intelectual e emocional;
- nas expectativas e exigências da cultura e da classe sócio-econômica em que ele vive.

A realização de uma tarefa prepara para a posterior em continuo, tal que as tarefas de uma etapa de desenvolvimento integram-se na seguinte.

Algumas tarefas resultam principalmente da maturação física (como aprender a caminhar), outras resultam de pressões culturais da sociedade (como aprender a ler), outras, ainda, resultam das aspirações e valores da personalidade (como a escolha de uma profissão). Na maioria das vezes, porém, as tarefas resultam de todos esses fatores conjugados. Esta assim evidenciada a importância do aspecto sócio-cultural do desenvolvimento, demandando atenção para o papel da aprendizagem e, consequentemente, para o papel dos educadores a quem cabe propiciar essa aprendizagem na época adequada.

As tarefas de desenvolvimento, portanto, são aprendizagens indispensáveis, pois o indivíduo tem que conseguir ajustamento normal, saudável e saudável a si e à sociedade.

Algumas devem ser aprendidas num período de tempo muito curto, enquanto outras podem persistir em vários graus de intensidade durante

várias fases do desenvolvimento cronológico. Como exemplos podemos citar o convívio social que passa por vários estágios. O indivíduo, com o passar dos anos, se relaciona em diferentes níveis, com os seus semelhantes. A criança da paixão de dança desde que comece a caminhar, desempenhando-se cada vez melhor com o passar do tempo. A criança antes dos 2 anos já joga bola, mas foi constatado que somente após aos 4 anos obtém certo grau de eficiência.

Durante o período de 6 a 12 anos aproximadamente, prosseguem algumas fases de desenvolvimento iniciadas cedo como aprendizagem dos papéis desempenhados pelos dois sexos e desenvolvimento da consciência. Outras modificam-se um pouco, tais como maiores cuidados ao comer, vestir-se e decidir atividades próprias.

As tarefas sociais mudam da adaptação aos pais para a adaptação a um mundo social mais amplo, como o grupo de companheiros.

COMPORTAMENTO DE ENTRADA

Aos 7 anos, as crianças apresentam como comportamento um certo grau de dependência dos adultos, além de estarem no início de operações intelectuais concretas, iniciando sua adaptação a grupos e em processo de aprendizagem de padrões de conduta moral. Cabe à escola auxiliá-la, proporcionando-lhe experiências que facilitem o exercitar habilidades de ordem motora, social e intelectiva, desenvolver uma escala de valores, independizar-se dos adultos, viver democraticamente.

HABILIDADES DE ORDEM MOTORA

A aprendizagem de habilidades necessárias para os diferentes jogos requer desenvolvimento de ossos, músculos e maturação que conduz à coordenação dos grandes músculos. Quase toda a habilidade que a criança precisa dominar na escola envolve certas tarefas motóras. A leitura, por exemplo entre outras habilidades, exige controle de movimentos dos olhos, ato de segurar livros, virar páginas etc.

Dos 7 aos 9 anos, a criança é desafiada para atividades que requerem rapidez e exatidão. Alcança isto como resultado da maturação e prática de andar de bicicleta, dançar e pular corda. As atividades deste grupo claramente giram mais em torno do uso do corpo do que de exercícios mentais. Qualquer programa escolar que empregue materiais manipulativos — argila, areia, pregos, martelos — estará contribuindo para melhor desenvolvimento da criança.

Dos 10 aos 12 anos a coordenação entre duas mãos, pés, órgãos do sentido se faz mais facilmente. Pular corda, corridas a pé são ótimas.

Um ponto a ressaltar: foi constatado que meninas e meninos apresentam a mesma eficiência nas atividades motoras, tudo dependendo da oportunidade de exercitá-las. O relacionamento com companheiros da mesma idade é continuação da primeira tarefa no trato com irmãos e pais. As lições, porém, são mais traumátizantes, devido à menor tolerância dos companheiros pelos erros.

HABILIDADES DE ORDEM SOCIAL

É um período em que a criança adquire as estruturas básicas sociais. Colhe elementos não só do grupo familiar como de seus professores, companheiros, comunidade e mundo — através do cinema, rádio, TV, livros etc.

Pais e professores podem prestar melhor assistência nesta tarefa, proporcionando a base para um sólido conceito do ego. A auto-imagem é produto da atmosfera geral no lar e na escola e, mais especificamente, da aceitação das diversas diferenças individuais, tolerância das deficiências, louvores pelas realizações e apresentação de tarefas desafiadoras que poderão ser realizadas, apesar de certo esforço.

HABILIDADES DE ORDEM INTELECTIVA

Ler, escrever e usar a matemática são tarefas que dependem da maturação intelectual da criança, mas deve-se considerar, também, a base de experiência do aluno: contatos anteriores com livros e gravuras conhecimento anterior do que está sendo lido.

ESCALA DE VALORES

Desenvolvimento de uma escala de valores e internalização de regras é tarefa que continua a partir dos primeiros tempos da infância. Enquanto a primeira parte depende da identificação com os pais, a última depende da escola e do contato com os companheiros. Da experiência em grupos, aprende-se a necessidade de regras. Quando surgem discrepâncias entre os círculos morais dos adultos e a conduta moral destes e quando surge conflito entre valores morais e integridade do ego, atrasa-se o desenvolvimento do caráter.

As crianças aos poucos vão entendendo a estrutura de controle representada pelas regras, chegando aos 9 e 10 anos com uma boa compreensão do seu próprio desempenho e do desempenho dos companheiros em diferentes jogos.

INDEPENDÊNCIA

Conseguir independência pessoal dos adultos é tarefa que varia bastante em termos de idade e rapidez em nossa cultura. Aqui poderíamos falar desde a supervisão rigorosa dos atos das crianças até a completa falta de orientação de um adulto com relação às mesmas. Tanto uma como outra são prejudiciais e o processo mais acertado é difícil de ser determinado. Entretanto, podemos dizer que a rebeldia contra a autoridade dos pais, mostra que a criança tem iniciativa e fibra para desejar experimentar sua força para adaptar-se ao mundo.

VIVER DEMOCRATICAMENTE

Para viver democraticamente, a criança deverá ter experiências saudáveis no lar, escola e comunidade.

No lar, permitir à criança livre manifestação de suas idéias e, de acordo com a sua maturidade, certo grau de liberdade para determinar atividades.

Na escola, métodos semelhantes: dar maior atenção à voz da criança, permitir que escolha seus líderes, vote em conselhos estudantis.

Em linhas gerais, esses são usos que consideramos interessantes lembrar, no sentido de salientar a importância que os mais variados fatores exercem no desenvolvimento de uma criança, e também enfatizar a preocupação que a Escola deve ter em estar atenta a que seus alunos tenham seu processo de desenvolvimento atendido em todas as suas etapas, para que o aluno atinja os comportamentos de saída da melhor maneira que lhe é possível. Poderíamos destacar como mais importantes, entre outros, as operações de nível abstrato que devem estar mais enriquecidas.

As operações da experiência infantil que até então eram bem concretas e visavam particularmente a realidade em que a criança vivia; os objetivos tangíveis de serem manipulados e, evidentemente, de serem submetidos a experiências efetivas, se transformam aos poucos em pensamento operatório-formal, que vai de 12 a 14 anos de idade, quando é atingido um nível de abstração.

COMPORTAMENTOS DE SAÍDA

Neste momento irrompe a adolescência, que traz uma transformação realmente profunda no sentido da mentalidade. Para Piaget, as operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta ao plano das puras idéias.

Quanto ao espeto social, a adaptação e identificação com a turma assumem proporções enormes. Os grupos são mistos e rapazes e mocinhas preocupam-se com atividades sociais, fazendo da escola seu laboratório social. Aprendem a se comportar como adultos no meio dos adultos e gradualmente vêm inserir-se no mundo destes.

Face ao apresentado, constatamos novamente quão significativo é o papel da escola que não poderá, apenas, se limitar a repetir ou apresentar conhecimentos em termos de simples transmissões.

A escola é algo muito profundo. Representa um campo de experiência no qual o indivíduo deve operar o seu próprio conhecimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GABRIEL, John — Desarrollo de la personalidad infantil. Buenos Aires, Kapelusz, 1971.
 2. GARRISON, Karl et alii — Psicología da criança. São Paulo, IBRASA, 1971.
 3. HAWTHORST, Robert — Human development and education. New York, Longman Green, 1953.
 4. MANNHEIM, K. A. STUART W. A. — Introdução à sociologia da educação. São Paulo, Cultural, 1969.
 5. MOSQUERA, Juan José Mourão — Desenvolvimento cognitivo. Porto Alegre, EPIGS, 1972.
 6. NOVAES, Maria Helene — Psicología escolar. Petrópolis, Vozes, 1970.
- Trabalho elaborado por ROSA MARIA GONÇALVES FACHIN

NOTA DA AUTORA — O presente trabalho é complementado pelo resumo anexo.

ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO

IDADE

6 ANOS	PENSAMENTO	CONDUTA MOTORA E VERBAL	SOCIALIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> — Inteligência intuitiva. — Letura da experiência. 	<ul style="list-style-type: none"> — Vive sua linguagem antes de pensá-la. — Mobilidade da inteligência lógica. — Difícil de decidir. — Dispensaria. 	<ul style="list-style-type: none"> — Prática de uma série de jogos que inicia e abandona com surpreendente facilidade. — Mobilidade maior nos meninos que nas meninas. — Ocupações prediletas: pintura com lápis, modelagens, cubos, em tudo demonstrando sentido de criação. 	<ul style="list-style-type: none"> — A vontade manifesta-se pela obediência às regras, à exatidão, à aceitação do sorte comum. — Dificuldade de reagir face à complexidade das relações humanas. — Maturação psico-biológica da criança apta para disciplina intelectual. — Gosta de ser elogiada.

CARACTERÍSTICAS GERAIS

- Facilmente inquieto e taciturno se não tem objetivo.
- Gosta de novas experiências, tem dificuldade em orientar-se em casa e na escola.

IDADE

De 7/8 a 11/12 anos	PENSAMENTO	CONDUTA MOTORA E VERBAL	SOCIALIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> — Inteligência operativa concreta: pensa concretamente sobre cada problema, à medida que a realidade o propõe. 	<p>Coleta — Simples coleção de objetivos.</p> <p>Classificação — Destacar as partes em relação ao todo e comparar uma das partes do todo.</p> <p>Sertação — Operações de sertação em relação aos comprimentos (7 anos) pesos (9 anos) e volumes (11 anos).</p> <p>— Raciocínio deductivo — (início dos 7 anos).</p> <p>— Atenção voluntária mais fácil.</p> <p>— Começo da lógica (discussão).</p> <p>— Pensa em função do que vive, do que está presente.</p>	<p>Atitudes reveladoras da habilidade motriz.</p> <p>Exploração sistemática e anistêmática.</p> <p>Necessidade de jogos de movimento.</p> <p>Aceitação de jogos com regras definidas nos quais precisa manter igualdade.</p> <p>Interesse em adquirir várias habilidades, ligadas à técnica.</p> <p>Curiosidade ativa a respeito do ambiente e das coisas.</p> <p>Exploração-Manuseio.</p>	<ul style="list-style-type: none"> — Aversão ao sexo oposto (10-12). — Companheirismo. — Notável mudanças nas atitudes sociais. — A criança é mais membro do grupo que indivíduo. — Disposições de aventuras. — Emoções fortes, impulsos voluntários fortes e autocontrole fraco. — Reconhecimento de suas condições de reciprocidade em relação aos companheiros. — Respeito mutuo, lealdade. — Colaboração efetiva quando há vida comum, mas não mais contundente seu ponto de vista com o dos outros. Entretanto, há momentos em que há necessidade de exigir colaboração.

IDADE

De 11/12 anos em diante	PENSAMENTO	CONDUTA MOTORA E VERBAL	SOCIALIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> — Inteligência operatória abstrata. — Opera com operações por meio de proposições simbólicas. 	<ul style="list-style-type: none"> — Cria sistemas através da elaboração de teorias abstratas. — Tem condutas de refletir sobre simples suposições, sem a necessária relação com a realidade. — Possui maior concentração, controle e organização. — Metáfisica — O eu é forte, suficientemente forte para reconstruir o Universo e suficientemente grande para incorporá-lo. — Rebeldia: intensificação da agressividade, antagonismo à autoridade. — Messianismo. — Fase de inferiorização. — Reforma da sociedade. — Plano de vida cheio de projetos altruístas, fervor místico, megalomania, egocentrismo. 	<ul style="list-style-type: none"> — Reuniões a dois ou em pequenos círculos. — Discussões sem fim, combatem o mundo real. — Jogos de inteligência. 	<ul style="list-style-type: none"> — Conquista da personalidade de e sua inserção efetiva e integral na sociedade dos adultos. — Cooperação. — Os sentimentos social fortes e sacrificam seus interesses próprios em prol de uma causa.

CARACTERÍSTICAS GERAIS

De 7/8 a 11/12 anos:

- Organização da vontade, que é uma regulamentação de energia que favorece certas tendências às custas de outras.
- Concentração individual.
- Susceptível a um começo de reflexão.
- Sentimento forte de justiça: A criança julga severamente, sem condições de perceber as situações acentuantes de um caso. Os sistemas de valores estão ligados a códigos severos. Para ela, tanto a injustiça como a mentira são ameaças à própria realidade.
- Preocupação com problemas de ordem sexual.
- Necessidade de jogos de movimentos: Os meninos se interessam por ferramentas, máquinas, armas, pesca, caçadas, bolitas. As meninas por bonecas, costura, dança, brincar de cozinha e cabelereira.
- Leituras preferidas:
pelos meninos — aventuras, heróis, fatos informativos;
pelas meninas — contos de fadas, românticos etc.

De 11/12 anos em diante:

- Coloca-se em igualdade com os mais velhos, mas sentindo-se outro, diferente deles, pela vida nova que o agita quer ultrapassá-los e espantá-los, transformando o mundo.
- O adolescente descobre, em certo sentido, o amor, que é como se fosse a projeção de todo um ideal em um ser real, donde as decepções são repentina e sintomáticas.
- Adaptação.
- Avidez pelo saber (10 a 12 anos).

FONTE DE CONSULTA

1. LIMA, Lauro de O. — *Dinâmica de grupo*.
2. PIAGET, Jean — *Ses estudos de psicologia*.

Resumo elaborado pelas Orientadoras Educacionais: EDA SCHROEDER, LUCIA SEVERO DA SILVA, ROSA MARIA GONÇALVES FACHIN, VANDA SCALABRINI a partir de um esquema de CLARA PERLAUTO.

VI - OBJETIVOS

Todo o sistema existe em função de um objetivo.

O objetivo do sistema define e norteia toda a estrutura e organização de seus componentes.

Objetivo é aquilo que se quer atingir.

Pode-se distinguir dois grandes níveis de objetivos: os gerais e os específicos. Os gerais, também chamados educacionais, se constituem em objetivos amplos, as grandes metas que revelam a filosofia de educação adotada. Eles descrevem o tipo de homem que queremos formar, a longo alcance. Estão definidos na própria legislação. Assim, vamos encontrar como **objetivos de Educação Nacional**, no artigo 1º da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, os seguintes:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitem utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de "raça".

Temos, posteriormente, os **objetivos de 1º e 2º Graus**:

Lei nº 5.692/ Cap. I/ Art. 1º: O ensino de 1º e 2º Graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

Objetivos do 1º Grau: (Art. 17) O ensino de 1º Grau destina-se à formação da criança e do pré-adolescente, variando em conteúdo e métodos segundo as bases de desenvolvimento dos alunos.

Objetivos das matérias: (Artigo 3º do Projeto anexo ao Parecer nº 853/71 de 12/11/71). Além dos conhecimentos, experiências e habilidades intrínsecas às matérias fixadas... o seu ensino visará:

- a) **Comunicação e Expressão** — "o cultivo de linguagens que ensejam ao aluno o contato coerente com os seus semelhantes (comunicação) e a manifestação harmônica de sua personalidade, nos aspectos físico, psíquico e espiritual (expressão)", "sem deixar de ressaltar a importância da Língua Portuguesa" como expressão da cultura brasileira", consonante o disposto no artigo 4º, I 2º da Lei 5.692;
- b) **Estudos Sociais** — "o ajustamento crescente do educando ao meio, cada vez mais amplo e complexo, em que deve não apenas viver como conviver, sem deixar de atribuir a devida ênfase ao conhecimento do Brasil na perspectiva usual ao seu desenvolvimento";
- c) **Ciências** — "o desenvolvimento do pensamento lógico e a vivência do método científico", sem deixar de por em relevo as tecnologias que resultam de "suas aplicações".

Objetivos do processo educativo: (Artigo 3º, § 1º do Projeto anexo ao Parecer nº 853/71 de 12/11/71): "O ensino das matérias fixadas e o das

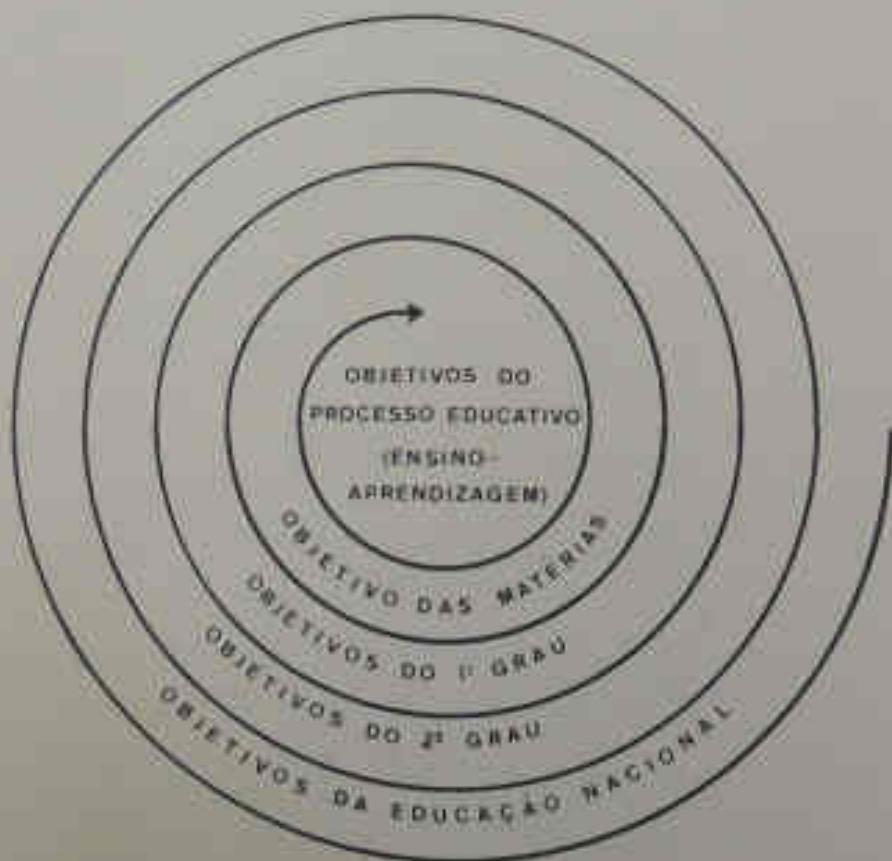
que lhe sejam acrescentadas, sem prejuízo de sua destinação própria, deve sempre convergir para o desenvolvimento, no aluno, das capacidades de observação, reflexão, criação, discriminação de valores, julgamentos, comunicação, convívio, cooperação, decisão e ação...

Objetivos do Curriculo do Ensino de 1º Grau, RS (numa linha de hierarquia e interdependência): O aluno deverá ser capaz de:

- dispor-se
- participar
- conviver
- redescobrir
- comunicar
- criar

em todos os momentos do processo educativo por qual passa.

O acima exposto nos permite estabelecer um **CORPO DE OBJETIVOS** que oferece um caminho para a unidade do sistema educacional onde se fundamenta a unidade do país.



Os objetivos da Educação Nacional somente se efetivam através de aspectos particulares e concretos do processo educativo. E é nesta determinação, explicitação, especificação dos grandes objetivos que reside o maior problema da educação. E nesta passagem dos objetivos "a posteriori" para a situação de quotidiano que reside o maior empeachment para a configuração do homem proposto pela legislação do país.

E necessário, aos países em desenvolvimento, definir claramente os objetivos particulares, parciais (de ensino) que são os degraus para a realização dos objetivos mais gerais.

É indispensável que se deixe de interpretar subjetivamente os objetivos da educação.

É imprescindível "a formulação explícita em termos operativos" das grandes metas educacionais, da seqüência, das ações indispensáveis para obtê-las, e dos instrumentos e recursos que estas ações implicam.

Neste momento já estamos a falar na 2ª classe de objetivos que se constituem nos Específicos ou de Ensino. Estes se referem, no processo educativo, ao que tange à situação própria de cada momento ensino-aprendizagem (portanto-objetivos a curto prazo).

Para um objetivo de ensino responder à exigência de perfectibilidade deve dizer: Para que ensinamos? O que ensinamos? Como ensinamos? Quando ensinamos?

A formulação correta de um objetivo deve abranger os elementos constituintes da situação de aprendizagem, tais como:

- Conduta desejável
- Atividades
- Conteúdos (métodos)
- Avaliação.

As condutas desejáveis são obtidas através de ações dos alunos sobre conteúdos selecionados. As atividades dos alunos devem estar inseridas no próprio objetivo porque ele é o produto que se quer alcançar e este produto diz respeito ao educando em primeiro lugar.

As informações, os conteúdos, são instrumentos ou meios para se atingir os objetivos, e ao associarmos, acima, "conteúdos-métodos" salientamos a importância do último para levar o aluno a reconhecer o essencial, descobrir coisas por si e observar cientificamente a natureza, a realidade trabalhada.

Ao ser capaz o aluno de, num determinado contexto, reconhecer o essencial, descobrir coisas por si e observar cientificamente a natureza, já estamos falando em objetivos a médio prazo, o que nos remonta ao CORPO DE OBJETIVOS para um maior detalhamento.

O CORPO DE OBJETIVOS da Educação deve ser visto no sentido de Integração quanto à VERTICALIDADE E HORIZONTALIDADE na Escola, enquanto empresa destinada à transformação da matéria-prima (o aluno).

O sentido VERTICAL corresponde a uma "Unidade-Sequência", lógica, de objetivos ao longo do tempo. O mesmo objetivo se repete através do sistema educacional, nos diferentes graus do ensino. Um mesmo objetivo vai se aprofundando, por graus de dificuldade, para dar sistematização e continuidade ao processo educativo do 1º Grau até ao nível Superior.

O sentido HORIZONTAL é definido como relacionamento, e articulação dos objetivos do mesmo nível que possibilita a integração intra e inter-áreas, em termos de conteúdos a serem trabalhados, condutas a serem evidenciadas, atividades a serem realizadas.

O CORPO DE OBJETIVOS bem explicitado, com coerência e coesão, impede a problemática, de ordem posterior, no conjunto educacional, fazendo com que as grandes metas sejam atingidas de maneira mais rápida, com eficiência e rentabilidade, quanto aos resultados a alcançar com respeito ao homem que está sendo formado.

Os objetivos não mais podem ser vistos, desta forma, com empirismo para que a tarefa educativa se realize em bases científicas, pois só esta forma de encarar o processo ensino-aprendizagem possibilita ao sistema o controle e a previsão válida para as mudanças que se façam necessárias efetuar, devido ao progresso cultural constante, o que a própria Lei nº 5.692 prevê no seu embasamento norteador — o da ATUALIZAÇÃO.

VII - ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO DO ENSINO DE 1.º GRAU

1. CARATERIZAÇÃO GERAL

A organização do currículo é determinada pelos objetivos educacionais do ensino de 1º grau e pelas diretrizes legais dos elementos do Sistema Educacional, em seus diferentes níveis, assim especificados:

1. Conselho Federal de Educação

- Fixa matérias relativas ao Núcleo Comum
- Define para cada matéria
 - Objetivos
 - Amplitude

2. Conselho Estadual de Educação

- Relaciona as matérias que poderão constituir a parte diversificada.

3. Departamento de Educação Fundamental

- Realiza interpretação técnico-pedagógica e emana diretrizes para execução do currículo a nível de escola.

4. Escola

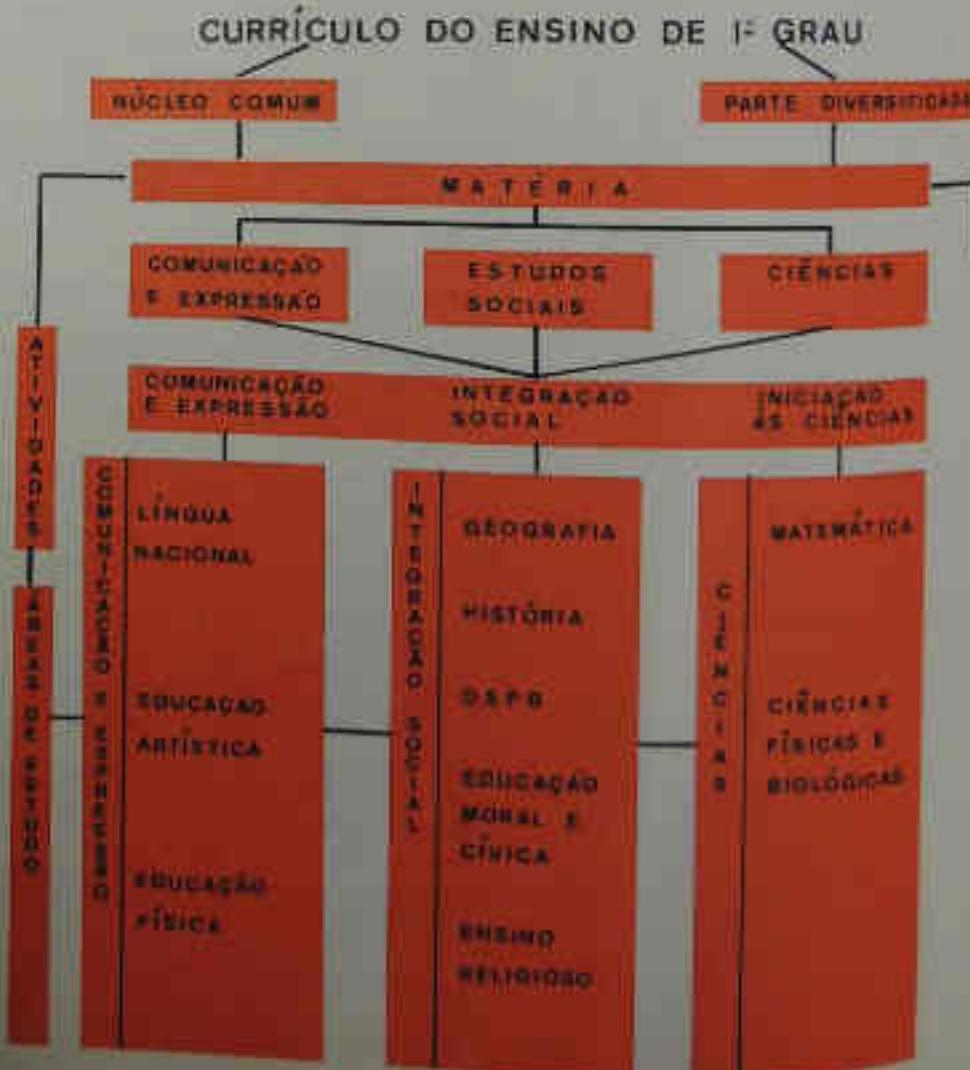
- Elabora seu Plano Curricular incluindo:

- núcleo comum
- matérias selecionadas, da parte diversificada
- estudos não decorrentes das matérias relacionadas (parte diversificada) mediante aprovação do CEE.

Cada um desses elementos do Sistema Educacional define diretrizes culturais, segundo suas funções e competências, garantindo não só a identidade como a unidade do sistema, tanto a nível nacional, através do Ministério de Educação e Cultura — Conselho Federal de Educação, como a nível estadual — Secretaria de Educação e Cultura — Conselho Estadual de Educação e como a nível de escola.

A escola, considerada unidade básica do Sistema, define seu plano curricular, a partir dessas diretrizes, responsabilizando-se pela sua execução.

O currículo do ensino de 1º grau do Rio Grande do Sul, no que se refere ao núcleo comum, baseando-se no Parecer 853/71 — CFE e na interpretação pedagógica do Grupo-Base de Currículo do Ensino de 1º Grau, apresenta a seguinte organização:



Analisando, temos que o **Curriculo do Ensino de 1º grau** é constituído pelo **núcleo comum** e pela **parte diversificada**:

- **NUCLEO COMUM:** é o conteúdo básico do currículo a nível nacional. É o conjunto de matérias fixadas pelo CFE, através da Resolução de novembro de 1971, que deverá ser estudada por todos os alunos do 1º grau, com o objetivo de assegurar a unidade nacional em termos de educação (princípio da unidade).
- **PARTE DIVERSIFICADA:** é o conteúdo do currículo a nível regional. É o conjunto de matérias acrescidas e articuladas ao núcleo comum pelo CFE e unidades escolares de cada Sistema, com o objetivo de atender "as peculiaridades locais, às diferenças individuais dos alunos e aos planos dos estabelecimentos de ensino" (princípio da variedade).

Tanto o núcleo comum como a parte diversificada expressam-se em matéria, aqui considerada como "materia-prima", "materia bruta" que deverá ser trabalhada.

- **MATERIA:** é todo o campo de conhecimentos fixado ou relacionado pelos Conselhos de Educação e, em alguns casos, pela escola. Envolve conhecimentos, experiências e habilidades relacionados a este campo de conhecimentos.

As matérias relacionadas ao **núcleo comum** são:

- Comunicação e Expressão
- Estudos Sociais
- Ciências

"A matéria, ao apresentar-se sob a forma didaticamente assimilável, se converte em **atividades, áreas de estudo e disciplinas**."

"As **atividades, áreas de estudo e disciplinas** constituem categorias curriculares não estanques, que devem convergir para uma reconstituição da substancial unidade do reconhecimento humano, através de seu relacionamento, ordenação e sequência, a fim de que do conjunto resulte um todo orgânico e coerente."

A conversão da matéria em atividades, áreas de estudo e disciplinas dá origem as duas formas básicas de organização do Curriculo do Ensino de 1º grau:

A — CURRÍCULO POR ATIVIDADES: "carateriza-se pela ênfase nas experiências de aprendizagem em situações concretas", sendo que as matérias são trabalhadas globalmente envolvendo: Comunicação e Expressão, Integração Social e Iniciação às Ciências.

B — CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDO: "carateriza-se pela integração de conteúdos afins e pelo equilíbrio entre as situações de experiências concretas e a sistematização de conhecimentos".

Cada uma das **Áreas de Estudo**, compõe-se dos seguintes **campos de estudo**:

— **COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**

- Língua Nacional — estudada com especial relevo
- Educação Artística
- Educação Física

— **INTEGRAÇÃO SOCIAL**

- Geografia
- História

- Educação Moral e Cívica
- Ensino Religioso
- Organização Social e Política Brasileira

— **CIENCIAS**

- Matemática
- Ciências Naturais (envolvendo Programa de Saúde)

Especificamente, no 2º Grau temos:

CURRÍCULO POR DISCIPLINAS: "carateriza-se pela predominância dos conhecimentos sistemáticos".

A distinção entre estas 3 categorias curriculares, ou forma de organização curricular, está somente "no grau em relação ao **jogo situação-conhecimento**".

"Assim como o conhecimento há de estar presente desde a atividade sob pena de que o ensino a nada conduza, também não dispense alguma conexão com o real no estudo das disciplinas, sem o que se descambará para um intelectualismo vazio e inconsistente."

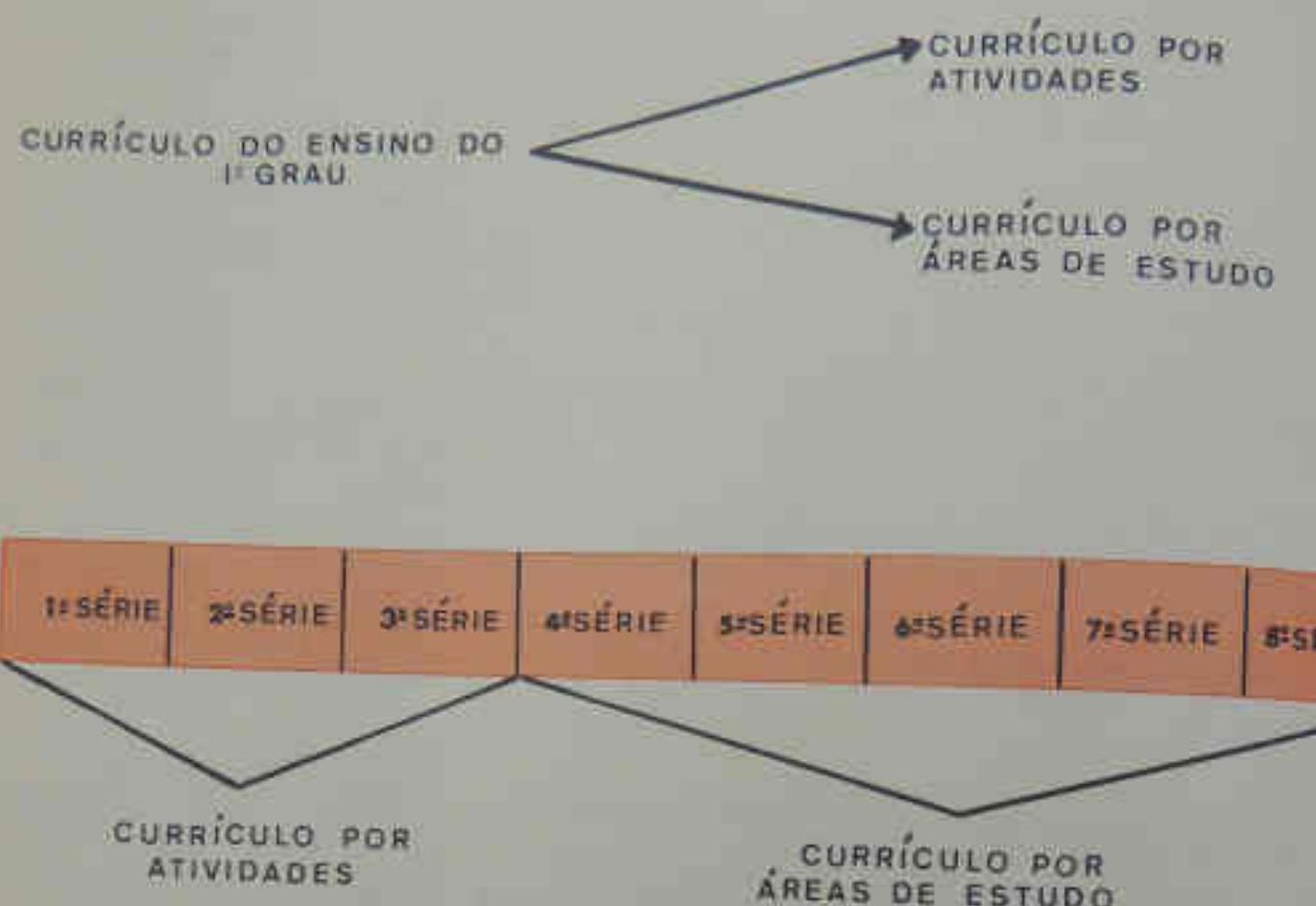
A escola, ao definir seu **plano curricular**, está definindo o **Curriculo pleno**. O **curriculo pleno** — abrange o núcleo comum e a parte diversificada, bem como as disposições necessárias ao seu relacionamento, ordenação e sequência. Envolve uma parte de educação geral e outra de formação especial.

EDUCAÇÃO GERAL: envolve uma base comum de conhecimentos, experiências e habilidades, indispensável a todos os alunos, visando à unidade e à continuidade do processo educativo. Será exclusiva nos anos iniciais de escolarização e predominará sobre a formação especial até o fim do ensino de 1º Grau.

FORMAÇÃO ESPECIAL: é o conjunto de conhecimentos, experiências e habilidades que tem como objetivo a sondagem de aptidões e a iniciação para o trabalho. Caracteriza a terminalidade.

REFORMA DO...

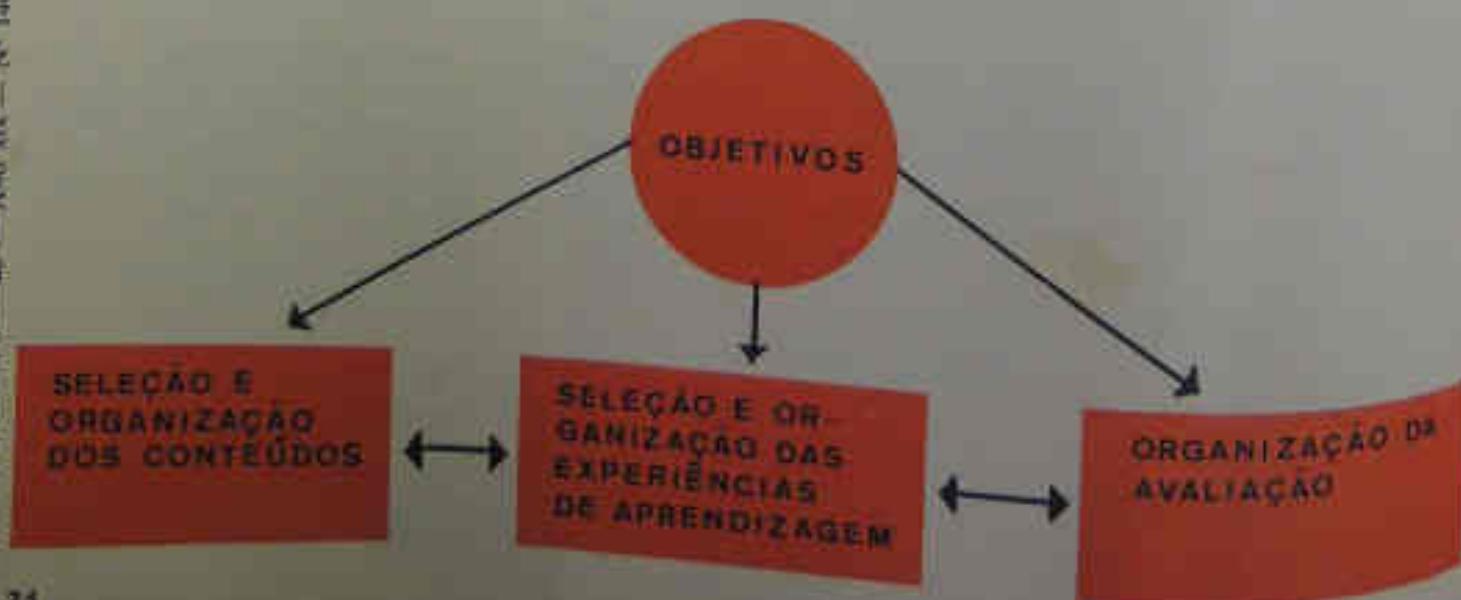
As 8 séries do ensino de 1º grau estão assim distribuídas pelas 2 formas curriculares:



2. ORGANIZAÇÃO

A montagem do Curriculo do Ensino de 1º grau envolve 3 elementos fundamentais:

- conceitos
- experiências
- avaliação, sendo que cada um desses elementos serão **selecionados e organizados em função dos objetivos**.



A) Seleção e organização dos conteúdos:

O conteúdo do currículo será usado pelos alunos no desenvolvimento das experiências de aprendizagem.

"O conteúdo é uma soma total de fatos, impressões, observações, generalizações, conceitos, princípios, informações ou dados, sensibilidades, discernimentos, soluções, produtos da experiência humana e das construções da mente, aspectos do 'conhecer', envolvendo não só 'o que se conhece' mas o 'como se conhece'" (Ryle)

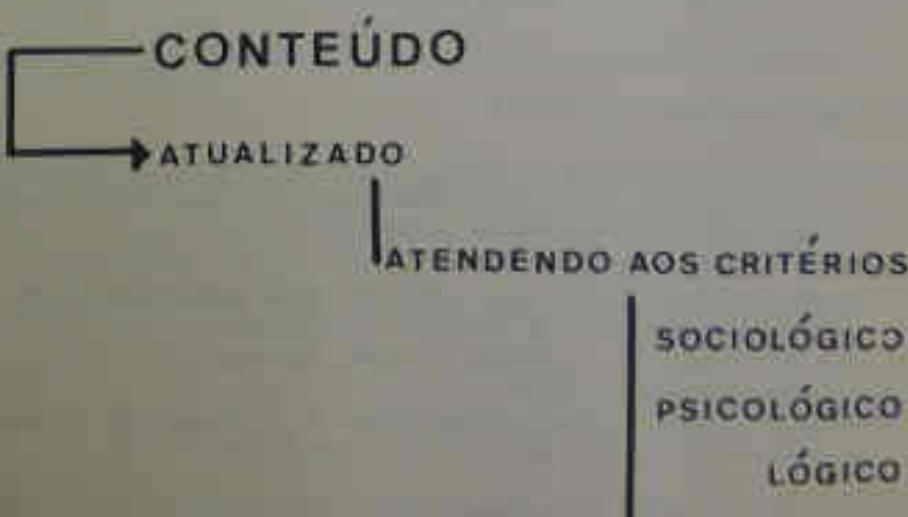


Assim, o conteúdo do currículo abrange a realidade em termos de ideias e de processos de abordagem, de conhecimento desta realidade.

Basicamente, o conteúdo do currículo deve ser **atualizado**, a fim de acompanhar o crescente progresso das ciências e de se constituir em um meio efetivo para a consecução dos objetivos, que em última análise podem ser expressos em termos de conhecimento da realidade onde está inserido e ação sobre esta realidade.

A seleção e organização do conteúdo deve atender aos critérios:

- SOCIOLOGICO:** relacionado ao contexto sócio-cultural do aluno e às suas exigências.
- PSICOLOGICO:** relacionado à fase de desenvolvimento do aluno, suas reais possibilidades e interesses.
- LÓGICO:** relacionado à estrutura da matéria em termos de ordenação.



B) Seleção e Organização das Experiências de Aprendizagem:

"As experiências de aprendizagem se referem ao processo de interação daquele que aprende e as condições externas que lhe são propiciadas. Portanto, a ênfase é dada à atividade do aluno, pois ele aprende através do que faz."

Para que estas experiências se constituam em um meio para a consecução dos objetivos deverão ser:

VARIADAS no sentido de múltiplas formas de abordagem de um mesmo tema;

DINÂMICAS no sentido de que o aluno deve "aprender fazendo";

ENCADEADAS no sentido de continuidade e seqüência;

INTERESSANTES no sentido de atendimento à motivação própria do aluno;

DESAFIADORAS no sentido de se constituírem em situações-problema para o aluno;

INDIVIDUAIS no sentido de atender ao ritmo próprio de cada estudante;

GRUPAIS no sentido de permitir ao aluno enriquecimento pessoal através da dinâmica grupal.

C) Organização da Avaliação:

A avaliação envolve a detecção do alcance dos objetivos. Deve ser organizada envolvendo uma definição clara de características, critérios, instrumentos, momentos, técnicas, processos que permitam acompanhar e obter informações a respeito do ponto em que o aluno se encontra no processo de aprendizagem.

E a avaliação preventiva que possibilita retroalimentação do processo.

Configura-se, dessa forma, também como um meio para a consecução dos objetivos, principalmente se oportunizar a participação do aluno no processo de avaliar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Conselho Federal de Educação. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Grado, e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 12 ago. 1971.
- — — Parceria 853/71.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Série ensino fundamental. Rio de Janeiro (Documentos n. 1, 2 e 3).
- RAGAN, William H. — *Curriculo primário moderno*. Trad. de Ruth Cohen. Porto Alegre, Globo (1965).
- SAYLOR, J. Galen & ALEXANDER, William M. — *Planeamiento del currículum en la escuela moderna*. Buenos Aires, Ediciones Trigual, 1970.

Documento elaborado pela Professora NILZA JUNQUEIRA ARMELLINI.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CURRÍCULO POR ATIVIDADES

3.1 Com base no parceria 853/71, do Conselho Federal de Educação,

"O Curriculo por atividades caracteriza-se pela ênfase nas experiências de aprendizagem em situações concretas."

Quer isto dizer que, para o aluno, os conteúdos aparecerão de maneira sistemática, porque irão surgindo, medida que a continuidade das experiências os forem exigindo. Desta forma, no Curriculo por Atividades, o ensino se fará partindo do que é concreto, próximo, imediato, mas amplo, para que se estabeleçam as bases, os pré-requisitos que o aluno deverá apresentar ao iniciar o Curriculo por Áreas de Estudo.

"Na sequência de atividades, íntima de estudos e disciplinas, nas atividades, as aprendizagens desenvolver-se-ão antes sobre experiências coladas em situações concretas do que pela apresentação sistemática dos conhecimentos, nas áreas de estudo (...), as experiências tenderão a equilibrar-se com os conhecimentos sistematizados; e, nas disciplinas (...), as aprendizagens se farão predominantemente sobre conhecimentos sistematizados."

Quando se diz, para as atividades "antes... do que" e, para as disciplinas "predominantemente", quer se significar realmente PREDOMINIO de uma ou de outra orientação, e não exclusividade de nenhuma delas. É, portanto, soberania de gênero e distinção que se estabelece entre atividade, área de estudo e disciplina, em relação ao jogo situação-conhecimento. Assim como o conhecimento há de estar presente desde a atividade, sob pena de que o mesmo não conduza, também não se deve pensar alguma conexão com o conteúdo de estudo das disciplinas, sem o que se

¹RS GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. *Termos básicos*. Porto Alegre, DEP.

²BRASIL. Conselho Federal de Educação. *Núcleos-comum para os currículos de 1º e 2º graus*. Rio de Janeiro.

descobrindo para um intelectualismo vazio e inconsistente.”

No início da escolarização, as Ciências (por exemplo) só podem ser tratadas em termos de atividades, isto é, como vivência de situações e exercícios de manipulação para explorar a curiosidade que é a pedra de roque do método científico.¹⁰ Ao falar aqui em Ciências, está-se falando não da disciplina (que, em princípio, não existe no *Curriculo por Atividades*), mas se está tomando esse campo de conhecimento como referência, para situar o ponto de partida da situação concreta, que acabará por envolver outros campos de conhecimentos. E o ponto de partida que, de maneira global, trará consigo ações do aluno que o dirigirão a outros campos de conhecimentos que, para ele, nesta fase, não importa rotular como Ciências ou Língua Nacional ou outro qualquer. Para o aluno, o que importa são as experiências como um todo globalizado.

Isso não impede, no entanto, que essas experiências sejam, desde já, “objetos de uma incipiente sistematização, partida mais do aluno que do professor, embora sob a direção estimulante deste último”¹¹.

As categorias curriculares (atividades, áreas de estudos e disciplinas) não são entidades estanques; devem convergir para uma reconstrução, no aluno, da substancial unidade do conhecimento humano. Tal convergência se faz pelo seu relacionamento, ordenação e sequência, a fim de que, do conjunto, resulte um todo organizado e coerente.¹²

Essas três palavras se resumem “em ordenação, se considerarmos que, no relacionamento, se faz uma ordenação horizontal e, na sequência, se faz uma ordenação vertical.”¹³

A forma de ordenação — relacionamento e sequência — deverá estar

“em função do grau de crescimento psicológico dos alunos. Tanto mais imaturos sejam eles, quanto mais em bloco lhes surge o mundo das coisas, dos fatos e das ideias, o que leva a um predominio do relacionamento nos períodos iniciais da escolarização”. Deste relacionamento — ordenação horizontal — quando bem articulado, de modo a não deixar perceber as fronteiras porventura existentes entre uma e outra linha de conhecimento, finira naturalmente a sequência — ordenação vertical. Como já foi afirmado, as formas de ordenação dos conteúdos (relacionamento e sequência) deverão estar em função do crescimento psicológico dos alunos. Também o “desenvolvimento das matérias, da ‘maior para a menor amplitude’, e o seu escalonamento progressivo em ‘atividades, áreas de estudos e disciplinas’ estão em consonância com a conceituação destas categorias curriculares que, por sua vez, refletem as comprovações da Psicologia Evolutiva”.¹⁴

“A velha marcha do ‘concreto para o abstrato’ apresenta-se hoje — na Psicologia Genética de Piaget, por exemplo — sob a forma tríplice de um período sensório-motor, seguido de uma fase de operações concretas que leva, na adolescência, as operações formais... móveis e reversíveis.”¹⁵

A Lei 5.692/71, que previu uma escolarização de oito anos, não fixou as séries em que o currículo se organizaria predominantemente por uma ou outra das categorias curriculares. Diz que as atividades se destinam predominantemente às “séries iniciais”, esclarecendo apenas que essas séries iniciais podem abranger de dois a cinco anos letivos. Diante disso, o Grupo-Base de Curriculo para o Ensino de 1º Grau (DEP-SEC/RS), em princípio, houve por bem considerar como “séries iniciais” as três primeiras séries. Portanto, quando se fala em “currículo por atividades”, está-se falando em 1º, 2º e 3º séries do Ensino de 1º Grau.

Nessas séries, o ensino, essencialmente ocasional para o aluno — não para o professor que o planeja e tem bem definidos os objetivos que os alunos devem atingir — deve ensejar a “que o fazer (de ação do aluno) se ensine, aprenda e avalie no próprio fazer, em períodos mais amplos e sem provas ou exames formais programados com muita regularidade. ‘Esta pouca incidência de provas ou exames formais’ não exclui, é evidente, a avaliação constante e contínua, que se fará durante o próprio ‘fazer’ do aluno.

Pelas próprias características do *Curriculo por Atividades*, já se antevê a necessidade de que o “ensino seja programado em períodos flexíveis” para permitir esse “continuo acompanhamento aos progressos do aluno”.

Refere ainda o Parecer — do qual foram transcritos os aspectos essenciais que dizem respeito às atividades — que se parte de um professor único para as séries iniciais. Esta referência vem coincidir com a situação real da grande maioria de nossas escolas, pelo menos no que tange às duas primeiras séries, contudo, em um regular número de casos as séries seguintes com professores especializados em Educação Física e em Educação Artística (Musical e/ou Plástica).

Cabe, portanto, ao professor de 1º e 2º séries (e possivelmente ao de 3º) ser capaz de trabalhar com os conteúdos, habilidades e atitudes que dizem respeito à Educação Física e à Educação Artística. No entanto, aqui ressaltamos a necessidade de que esses professores especializados — se atenderem às três principais séries — façam seu trabalho junto ao professor de classe, de maneira integrada, sem horários rígidos e predeterminados.

¹⁰BRASIL. Conselho Federal de Educação. op. cit., p. 26

¹¹Ibid.

¹²Ibid.

¹³Ibid.

¹⁴Ibid.

¹⁵Ibid.

SÍNTESI

FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO

POR ATIVIDADES	POR ÁREAS DE ESTUDOS	POR DISCIPLINAS
PREDOMINIO do assistemático do imediato do concreto do amplo de próximo de relacionamento do prático da ação do processo	EQUILÍBRIO entre: o assistemático e o sistemático o imediato e o mediato o concreto e o abstrato o amplo e o específico o próximo e o remoto o relacionamento e a sequência o prático e o teórico a ação e o pensamento o processo e as ideias	PREDOMINIO do sistemático do mediato do abstrato do específico do remoto da sequência do teórico do pensamento das idéias

3.2 O Currículo por Atividades no Ensino de 1º e 2º Graus

Tomando como ponto de partida as Matérias determinadas pelo Núcleo-Comum para o Ensino de 1º e 2º Graus (Parecer nº 853/71, do CFE), vemos que os campos de conhecimento que estão presentes no Ensino de 2º grau, estão presentes desde as séries iniciais do Ensino de 1º Grau (exceção feita de Língua Estrangeira Moderna e de OSPB, que poderão, no Currículo por Áreas de Estudos integrar-se, respectivamente, na Área de Comunicação e Expressão e na Integração Social).

Desse modo, considerando as Matérias e as três Formas de Organização Curricular para o ensino de 1º e 2º Graus de que fala o Núcleo-Comum, teremos:

FORMAS DE ORGANIZAÇÃO CURRICULAR MATERIAS	ENSINO DE 1º GRAU		ENSINO DE 2º GRAU
	CURRÍCULO POR ATIVIDADES (1ª A 2ª SÉRIE)	CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDOS (DA 4ª A 8ª SÉRIE)	CURRÍCULO POR DISCIPLINAS
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO		COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	- LÍNGUA NACIONAL
CIÊNCIAS		INICIAÇÃO ÀS CIÊNCIAS	- EDUCAÇÃO FÍSICA
ESTUDOS SOCIAIS		INTEGRAÇÃO SOCIAL	- EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
			- LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA
			- MATEMÁTICA
			- CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS
			- HISTÓRIA
			- GEOGRAFIA
			- EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA
			- EDUCAÇÃO RELIGIOSA
			- O.S.P.B.

Portanto, no currículo por Atividades, esses diferentes campos de conhecimentos aparecerão, para o aluno, como um todo globalizado. Assim, temos, já ali:

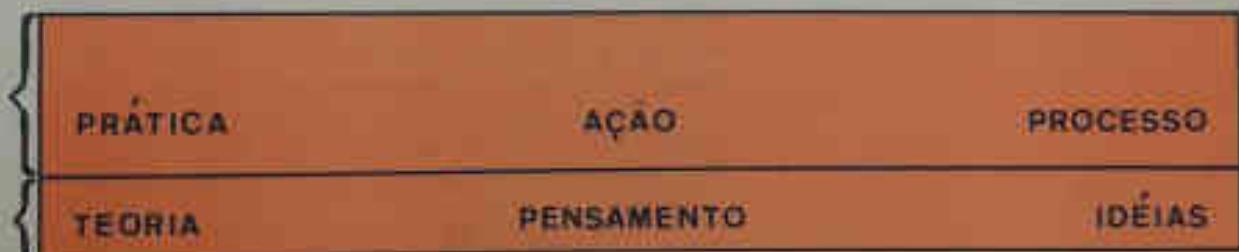
- Comunicação e Expressão;
- Iniciação às Ciências;
- Integração Social.



Por que dizemos que esses campos de conhecimentos aparecem num todo globalizado? Como isso vai acontecer?

Diz-se um todo globalizado, considerando que o CURRÍCULO POR ATIVIDADES tem sua "ênfase nas experiências de aprendizagem em situações concretas".

Essas "experiências de aprendizagem em situações concretas" supõem mais PRÁTICA que TEORIA, mais AÇÃO do que PENSAMENTO a respeito dessa ação; mais o PROCESSO em si mesmo, enquanto dura e no modo como se dá, do que as IDEIAS sobre a duração e o modo como se desenvolve esse processo. Sintetizando, teríamos, no Currículo por Atividades:

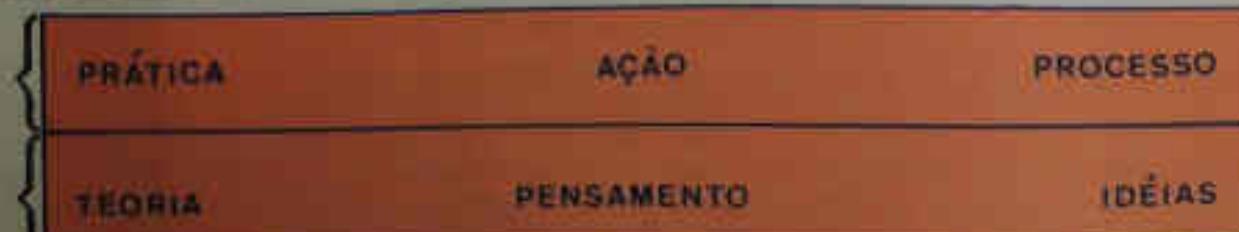


Como vemos, a parte maior do retângulo (assinalada pela linha interrompida) diz respeito à PRÁTICA — AÇÃO — PROCESSO, restando a parte menor para TEORIA — PENSAMENTO — IDEIAS.

Assim, a partir do Currículo por Atividades e através do Ensino de 1º Grau, o aluno vai crescendo:

- da PRÁTICA para a TEORIA;
- da AÇÃO para o PENSAMENTO a respeito dessa ação;
- do PROCESSO para as IDEIAS a respeito desse processo.

Este crescimento do aluno nos daria, no Currículo por Áreas de Estudos:



Esta situação possibilitaria, para o Currículo por Disciplinas, do Ensino de 2º Grau, a seguinte forma:

PRÁTICA	AÇÃO	PROCESSO
TEORIA	PENSAMENTO	IDEIAS

O Currículo por Atividades que tem sua "ênfase nas experiências de aprendizagem em situações concretas", tem como **OBJETIVO** a **INSTRUMENTALIZAÇÃO** do aluno, que envolve:

- o desenvolvimento psicomotor, inserido no desenvolvimento de habilidades gerais e específicas;
- a formação de atitudes a partir da internalização de valores;
- a aprendizagem de conteúdos.

A aprendizagem de conteúdos se fará através de um **CONTEÚDO GLOBALIZADO**, cuja globalização inclui o desenvolvimento de habilidades e a formação de atitudes. Daí dizer-se que o processo de ensino-aprendizagem se fará através de **EXPERIENCIAS** de aprendizagem em **SITUAÇÕES CONCRETAS**. Essas experiências de aprendizagem em situações concretas é que farão com que conteúdos, habilidades e atitudes se assumam e desenvolvam e se formem em um todo globalizado.

Que caminho, que Metodologia vamos adotar para que isso ocorra?

Em princípio, a boa Metodologia para o Currículo por Atividades será aquela que permitir ao professor trabalhar com conteúdos globalizados e exigir que o aluno desenvolva as necessárias habilidades e forme as necessárias atitudes, de modo a estar realmente instrumentalizado ao término sua fase de currículo por atividades, para iniciar sua fase de Currículo por Áreas de Estudos. Entendemos aqui, também como instrumentalização do aluno, sua iniciação no método científico que será utilizado no nível adequado à faixa etária do aluno que desenvolve o Currículo por atividades. Destacamos como metodologia indicada, entre outras: projeto, unidade operacional.

Como saberemos se o aluno se está instrumentalizando na medida necessária? Surge aqui o problema de **AVALIAÇÃO**, que será:

- QUALITATIVA
- CONTINUA
- CUMULATIVA
- INTEGRAL

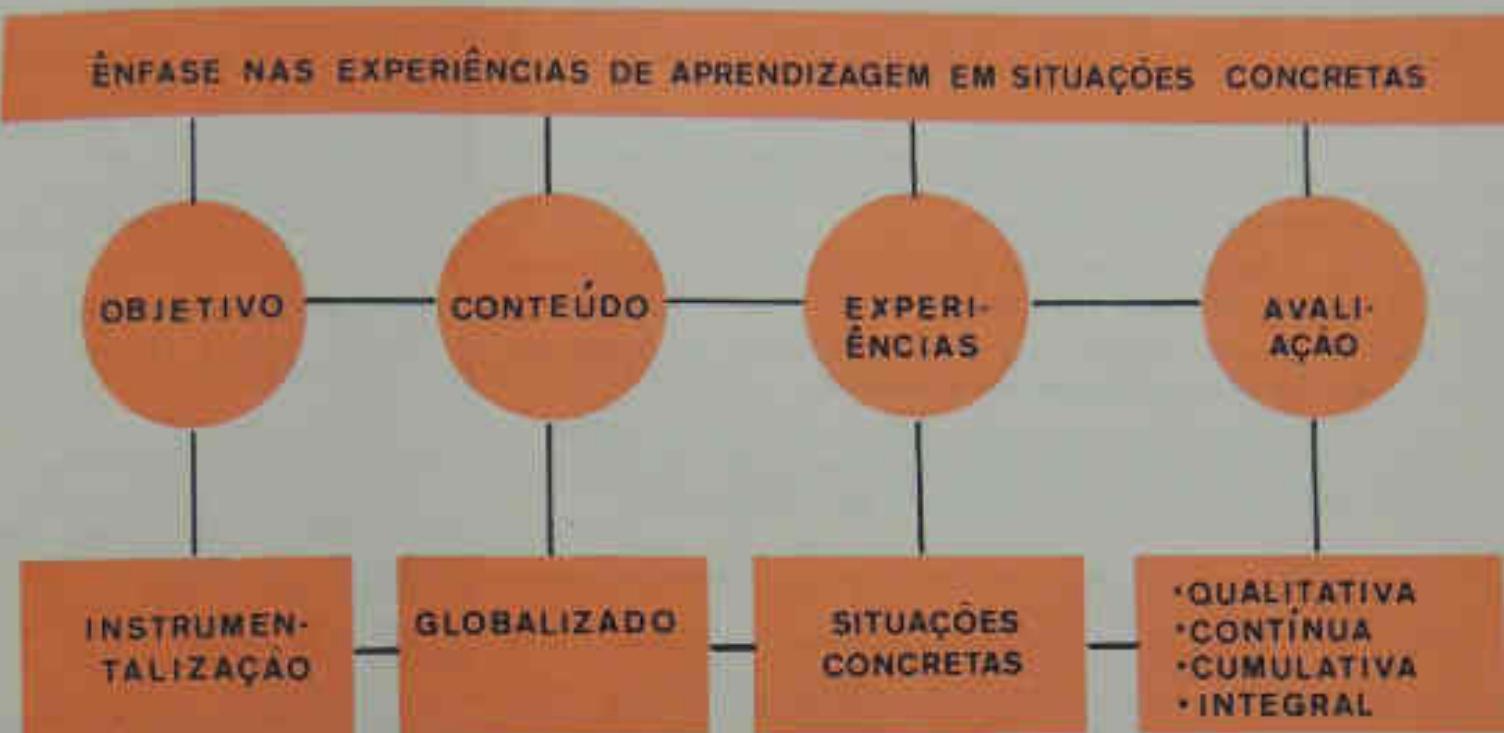
Será **QUALITATIVA**, enquanto partir mais da observação do professor do que de testes regulares e freqüentes e se expressar mais por conceitos do que por notas ou graus.

Será **CONTINUA**, na medida em que significar um constante acompanhamento aos progressos dos alunos, de modo a poder dizer, em cada momento, até onde estão sendo alcançados os objetivos e de modo que dê ensejo a que haja recuperação preventiva. Por essa recuperação preventiva poder-se-á evitar que o aluno, por não ter completado uma etapa de sua aprendizagem, seja levado, por essa razão, a ter insucesso nas posteriores.

Será **CUMULATIVA** a avaliação, enquanto considerar, de cada vez, tudo que já tiver sido constatado em ocasiões anteriores, em termos de crescimento do aluno.

E será **INTEGRAL**, enquanto considerar todos os aspectos de sua personalidade, de todas as experiências vividas pelo aluno.

Sintetizando o que dissemos do *Curriculo por Atividades*, teremos:



Documento elaborado por **ALSINA ALVES DE LIMA**

4 - CARATERIZAÇÃO DO CURRÍCULO POR ÁREAS DE ESTUDO

O *Curriculo por Áreas de Estudo* caracteriza-se fundamentalmente pela "integração de conteúdos afins e pelo equilíbrio entre as situações de experiência concreta e de sistematização de conhecimentos".

O seu desenvolvimento é garantido pelo trabalho do *curriculo por atividades*, onde o aluno tem oportunidade de viver experiências e trabalhar com os conteúdos, considerados como pré-requisitos para o "curriculo por áreas de estudo". Da mesma forma, o trabalho "do curriculo por áreas de estudo" constitui-se pré-requisito para o "curriculo por disciplinas", no 2º grau.

Conseqüentemente, o aluno não corre o risco de ter seu processo educativo interrompido ou desintegrado.

A partir da 4ª série, o aluno apresenta melhores condições de trabalhar com abstrações, no plano mental, já um pouco mais independente de realações concretas. Por esta razão, no "Curriculo por áreas de estudo", o

trabalho desenvolve-se no sentido de haver o **equilíbrio** entre o **agir** e o **pensar**, entre o **processo** e a **sistematização** de conhecimentos, entre a **prática** e a **teoria**. Podemos assim representar:

PRÁTICA	ACÃO	PROCESSO
TEORIA	PENSAMENTO	IDEIAS

O "currículo por áreas de estudo" tem o objetivo não só de instrumentalizar o aluno, mas também que ele sistematize os conhecimentos já obtidos, em função de suas experiências anteriores.

Desse modo, o próprio conteúdo do currículo expresso através de cada matéria apresenta-se integrado, estruturado e inter-relacionado.

Os **objetivos comuns** em cada área é que permitem a **integração** dos conteúdos de seus diferentes campos de estudo.

Assim, temos objetivos comuns a um e dois ou três campos, dentro de uma mesma área. Da mesma forma identificamos a mesma situação, considerando-se as 3 áreas do currículo, que pode ser representada:



Assim as áreas são reguladas pela integração, abrangendo os aspectos de verticalidade e horizontalidade.

A **integração interna vertical** deve ser vista, no próprio currículo, como sequência ordenada de metas nas diferentes séries, e a **integração horizontal** também, sob o ponto de vista do próprio currículo, no que diz respeito aos diferentes momentos de cada área no tocante à interdependência e relacionamento dos campos de estudo abrangidas pela mesma.

Enfatizamos a **integração** em sua plenitude no **Curriculum por Áreas**, para evitar o perigo de que se recua no antigo sistema de disciplinas ou tanques, pois a sua organização é, em primeiro momento, o isto poderia implicar.

Para não se perder o sentido essencial de "Área de Estudo", visualizamo-la como uma orquestra cujos instrumentos seriam os campos de estudo, mas que, pelo princípio da **finalidade**, deveria resultar em sinfonia para o aluno, ou seja, o produto dos instrumentos afimados tocados em conjunto, e não o próprio instrumento (no caso, o campo) seria a preocupação do educando.

Neste momento, a metodologia é a estratégia para a consecução de uma total integração numa área ou inter-áreas.

A **integração** concretiza-se através de um planejamento, execução e controle num trabalho de equipe com professores em constantes turnos de estudo e não excluindo a presença do aluno para co-responsabilizá-lo pela sua própria tarefa educativa.

A **cooperação** do aluno é indispensável e esta cooperação estimula desde o **Curriculum por Atividades** é preponderante nas aprendizagens do **Curriculum por Áreas de Estudo**, por uma democracia tem seu inicio nos pequenos grupos, o que determina a integração nacional. Reforçando nosso pensamento, percebemos que a própria vila, cidade etc., é um sistema de cooperação. Nas 4º, 5º, 6º, 7º, 8º séries, o indivíduo deverá manipular a realidade, agindo sobre ela, agora menos com o intuito de percebê-la, captá-la, mas para agir com eficiência sobre a ela. A cooperação é, por excelência, o mais produtivo instrumento de mobilização dos alunos. Uma simples unidade de um educando em um grupo o mobiliza para um engajamento total, o que o habilitará a responder, positivamente, no decorrer de sua vida. Artigo 1º da Lei 5.692/71.

A solução de um problema em grupo é uma atividade de "Integração". A produção de um país em progresso não é de caráter artesanal, mas sim de caráter cooperativo, tendo-se que a socialidade resulta da cooperação, ou seja, das ações em conjunto. O sistema adotado

de produção e o sistema juvenil de educação se influenciarão mutuamente, serão mais efetivas suas trocas, passando a juventude não só a receber o "Know-How" da comunidade como a pô-lo em questão (inovação) dentro de sua própria estrutura ("numa síntese seqüencial") (L.O. Lima).

A integração do aluno à vida, à história, ao meio físico e social deve

ser encarada como aplicação progressiva de sua visão interna da realidade, em círculos concêntricos, cada vez mais largos e universais, o que se obtém através dos instrumentos de aprendizagem, trabalhada pelas áreas ou inter-áreas.

As experiências de aprendizagem, no "currículo por áreas de estudo" devem equilibrar-se, envolvendo não só situações de experiência concreta

como de sistematização de conhecimentos. Pesquisas de campo, técnicas de seminário, painel, estudo de documentos de referência, leituras, unidade operacional e outros tantos são indicados.

A avaliação também equilibra-se entre a avaliação quantitativa e a qualitativa, mantendo suas características de ser contínua, progressiva, cumulativa, integral e cooperativa.

Sintetizando a caracterização de cada uma das formas de organização do Currículo do Ensino de 1º grau temos:



Concluindo, podemos dizer que todo o desenvolvimento do currículo, visando atender ao objetivo básico do 1º grau que "é a formação integral da criança e do pre-adolescente", tem seu conteúdo e seus métodos selecionados e organizados segundo as fases de desenvolvimento do aluno.

O presente documento foi elaborado pelas professoras NEUSA JUNQUEIRA ARMELLINI e LEZIA HELENA NAGEL.

5 — CARATERIZAÇÃO DE CADA ÁREA DE ESTUDO

5.1. INTEGRAÇÃO SOCIAL

5.2. COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

5.3. CIENCIAS

5.1 COLOCACOES RELATIVAS AOS FUNDAMENTOS DA ÁREA INTEGRAÇÃO SOCIAL

— Aspectos legais: o Conselho Federal, através da resolução de novembro/1971 fixa o núcleo comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus.

- O artigo 1º determina a inclusão no núcleo comum, em caráter obrigatório, da matéria ESTUDOS SOCIAIS.
- Os parágrafos 1º e 2º do referido artigo determinam os campos de conhecimento que a matéria ESTUDOS SOCIAIS abrange:

Geografia

História

Moral e Cívica

Religião

Organização Social e Política do Brasil

- O artigo 3º, em seu item b, estabelece o objetivo de ensino da matéria: "ajustamento crescente do educando ao meio, cada vez mais amplo e complexo, em que deve não apenas viver como conviver, dando-se ênfase ao conhecimento do Brasil na perspectiva atual de seu desenvolvimento.

— Os campos de conhecimento dos Estudos Sociais são organizados em forma de área de estudo — Integração Social, denominação que tem em vista expressar a função da área no processo educativo.

— Os campos de conhecimento enfatizam o estudo do homem atuando em sociedade, o que possibilita a formulação do objetivo integrador da área que visa capacitar o aluno para:

- compreensão e atuação sobre o espaço e o grupo social em que vive, buscando atingir o equilíbrio pessoal e o equilíbrio do meio, que é cada vez mais amplo e complexo;
- integração no processo de evolução da sociedade com pessoa que aspira à transcendência.

— O objetivo integrador embasa os fundamentos da área Integração Social.

— A área de Integração Social é a organização de conhecimento — Geografia, Moral e Cívica, História, Religião — em termos de espaço, grupo, tempo e transcendência, visando a realização do homem, a construção do mundo e a glorificação de Deus.

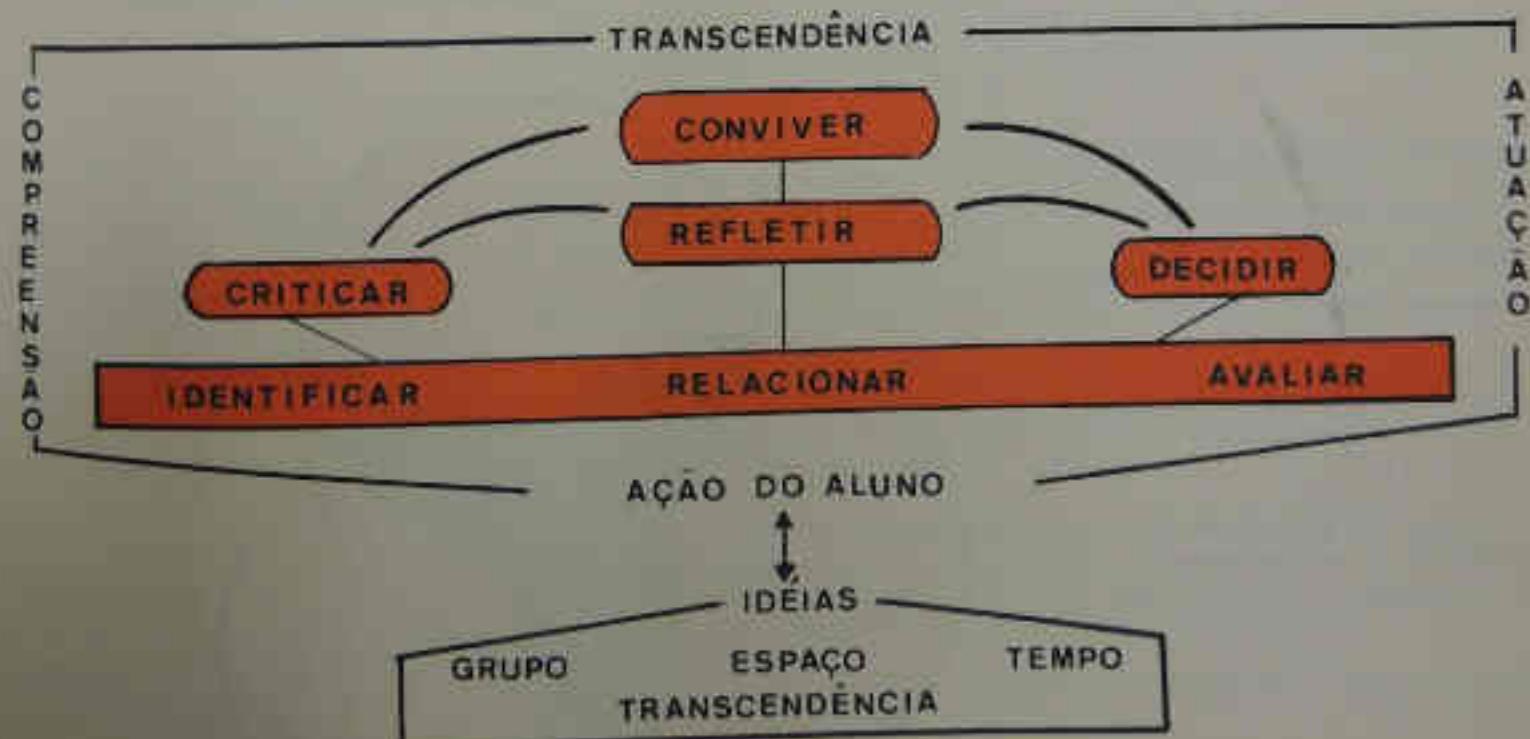
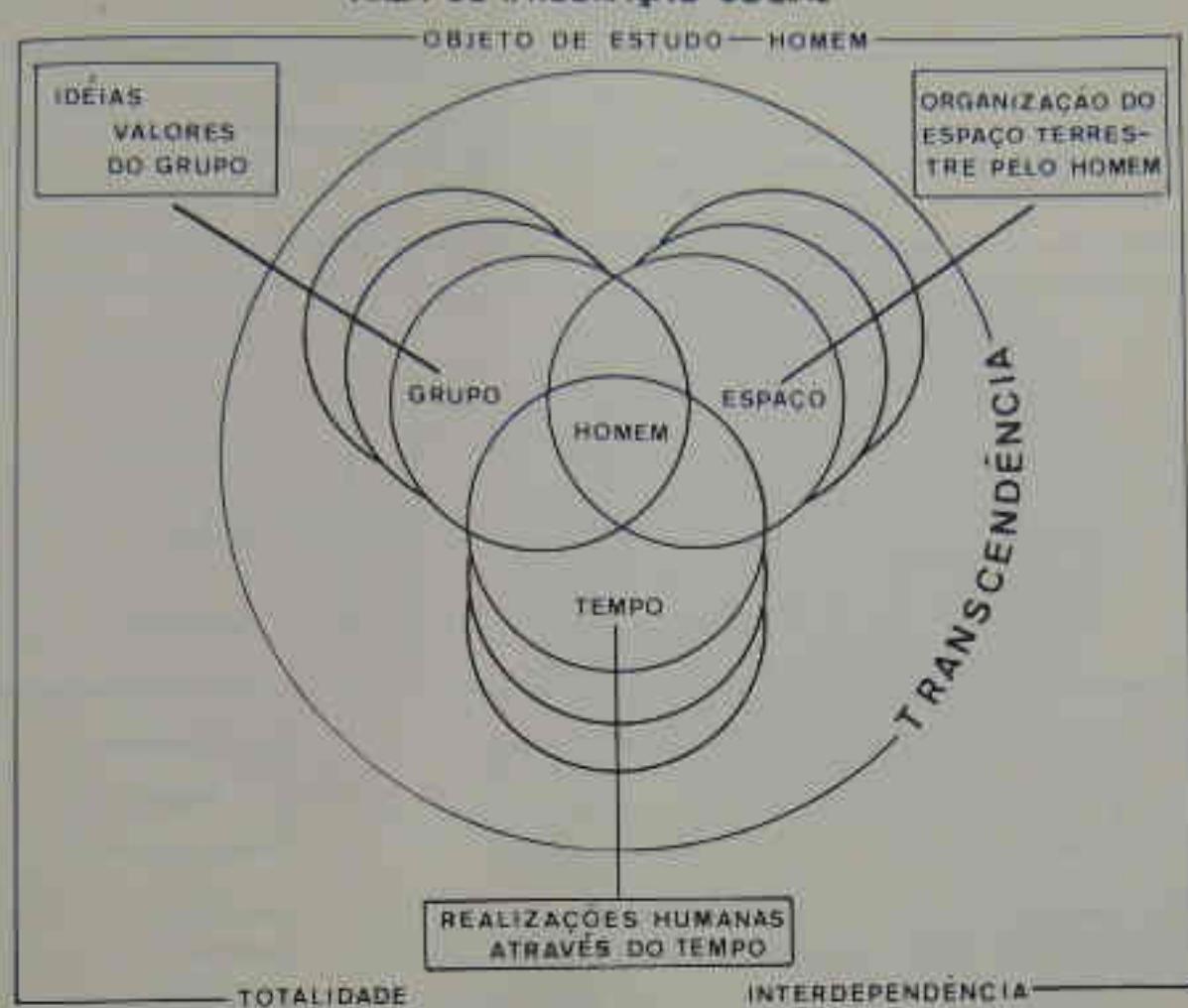
ESTUDOS SOCIAIS — OBJETIVOS

O ensino de Estudos Sociais no 1º e 2º graus visará ao ajustamento crescente do educando ao meio, cada vez mais amplo e complexo, em que deve não apenas viver como conviver, dando-se ênfase ao conhecimento do Brasil na perspectiva atual do seu desenvolvimento.

A área de Integração Social, no ensino de 1º grau, visará capacitar o aluno para:

- compreensão e atuação sobre o espaço e o grupo social em que vive, buscando atingir o equilíbrio do meio, que é cada vez mais amplo e complexo;
- integração no processo de evolução da sociedade como pessoa que aspira à Transcendência.

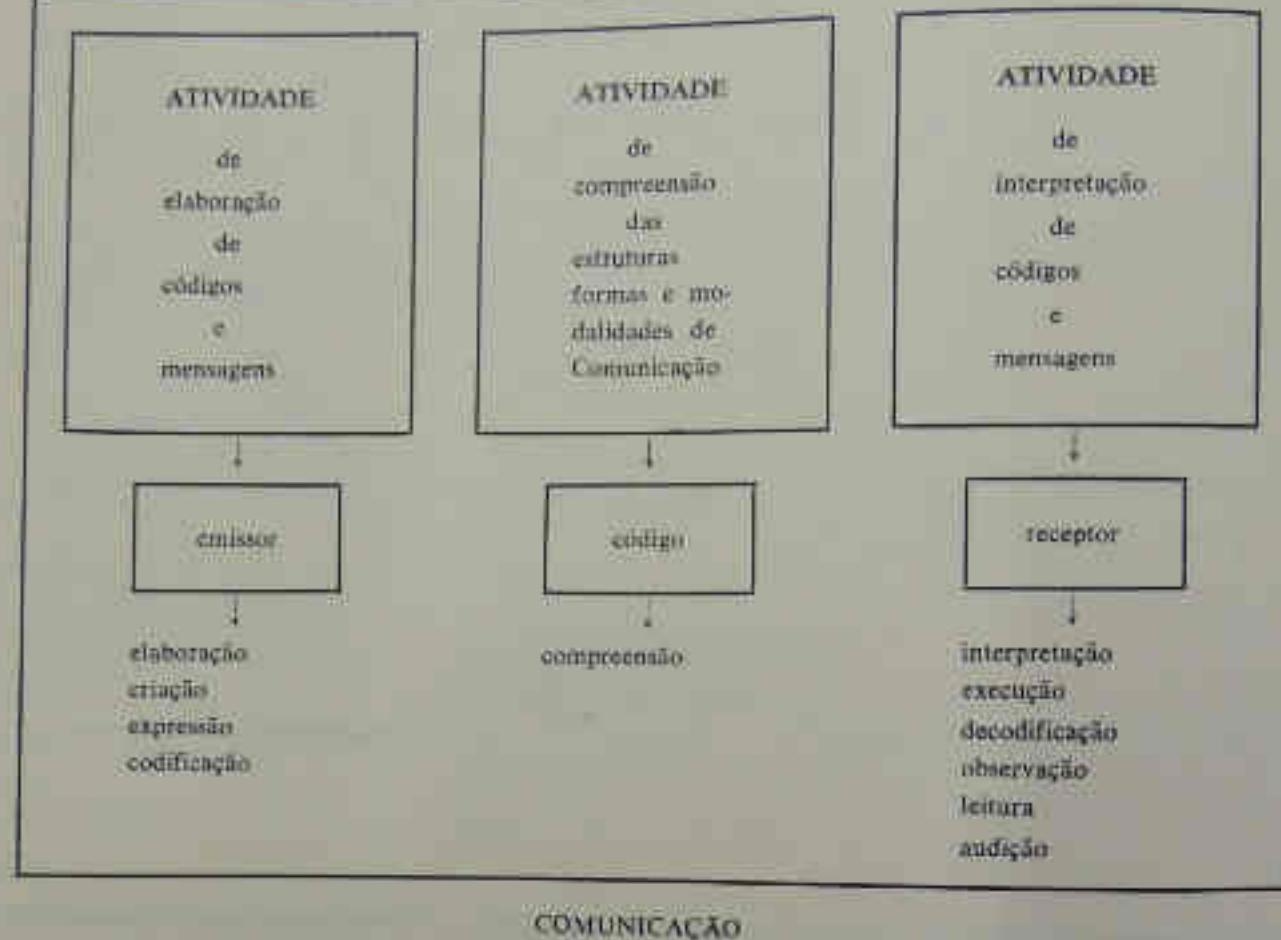
EXPERIÊNCIAS



Documento elaborado pelas professoras: LÍDIA BENÍCIO DA FONSECA, JUCY SARAIVA OSORIO, MARIA DE LOURDES DIAS DOS SANTOS, MIRIAM REJANE SARAIVA MOREIRA + MARILIA CORRÉA BONINI

3.2 ÁREA DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

OBJETIVO GERAL — Comunicação eficiente e Expressão criadora para auto-realização
Integração social



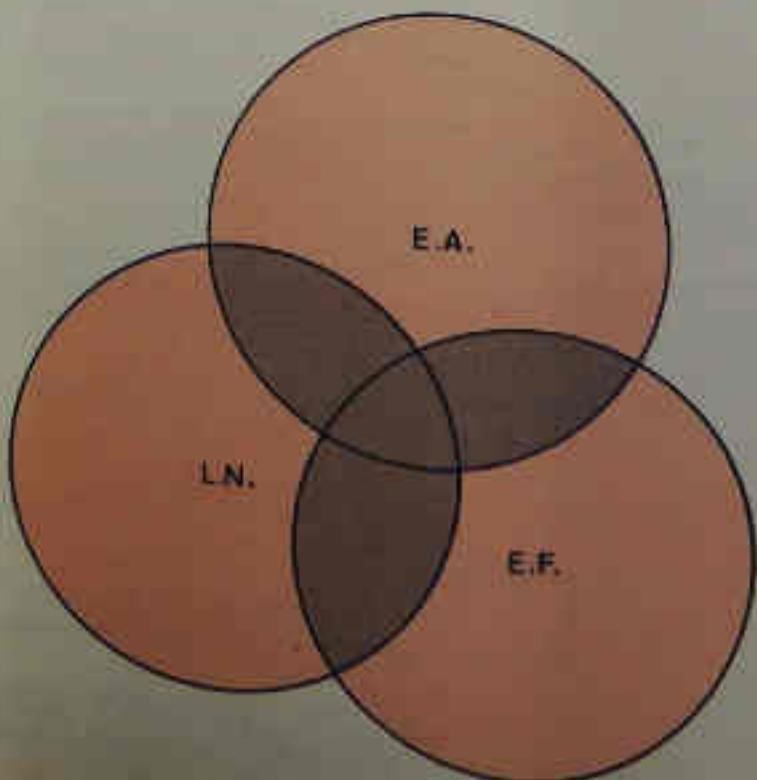
COMUNICAÇÃO

Área de comunicação e Expressão

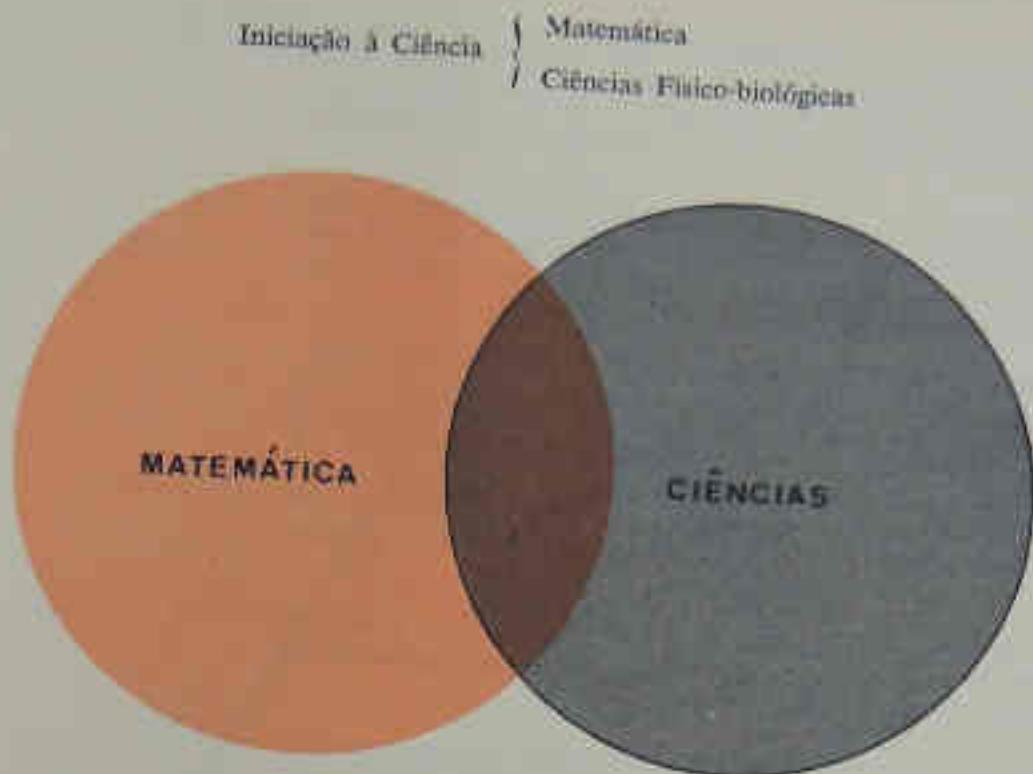
Língua Nacional

Educação Artística

Educação Física



5.3. INTEGRAÇÃO POR ÁREA



JUSTIFICATIVA DA INCLUSÃO, NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO, DE:

A. LÍNGUA NACIONAL

"No ensino de 1º e 2º graus dar-se-á especial relevo ao estudo do idioma nacional como instrumento de comunicação e como expressão da cultura brasileira". (§ 2º, art. 4º, Lei 5.692/71).

Na medida em que a Língua é funcional, isto é, na medida em que a Língua atinge o seu objetivo, o seu destino — a comunicação — nessa medida ela é um **instrumento**, pois, o "valor do instrumento está na sua funcionalidade". E, na medida em que a Língua consegue comunicar, quando usada em todas as ciências e, no caso específico, em todas as áreas e atividades de um currículo escolar, é funcional e é, portanto, um instrumento.

Assim, sendo como língua dos falantes do país e como instrumento de comunicação em todas as áreas de um currículo de escola brasileira, a Língua Nacional participa de todas as **MATERIAS** e **AREAS** previstas para um currículo escolar, no Brasil.

No entanto, como a matéria-prima do ensino de Língua Nacional é a própria **comunicação** (instrumento e matéria ao mesmo tempo), no momento de localizar a Língua Nacional, dentro do currículo, cabe enquadrá-la na **MATERIA** e **AREAS** de **COMUNICAÇÃO** e **EXPRESSAO**.

Elaboração dos Professores RAUL JOSE MORAES MACHADO e ALSINA ALVES DE LIMA.

¹ROSA, Alfredo Pradelino. A estrutura lingüística do diálogo. 1^ª ed. Fac. de Filosofia, UFRGS, Porto Alegre, 1970, p. 20.

B. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

A arte tem sido considerada principalmente, talvez com maior ênfase na época atual, como uma linguagem simbólica, o que implicitamente compreende comunicação e expressão. Esta linguagem se efetua através de símbolos não discursivos mas, fundamentalmente, fonéticos, auditivos, visuais e cinestésicos.

O ato de criar produz um objeto que se torna único, independente, possuidor de uma estrutura e de uma consistência de ser; como objeto tem seu significado próprio, que é a expressão da individualidade do criador, que se oferece à comunicação com o receptor.

A inserção da Arte no Ensino de Primeiro Grau tem uma conotação específica, razão pela qual recebe a denominação de Educação Artística. Visa, na escola, a despertar pelos múltiplos caminhos que oferece o potencial criador inherent a cada ser humano; esse potencial se manifesta através da atuação da sensibilidade que, junto com a inteligência e vontade, concorre para o desenvolvimento integral do educando, isto porque, ser criador não implica necessariamente em ser artista mas, sim, em exteriorizar a própria autenticidade.

Em seu aspecto específico, a Educação Artística procura atingir a emoção do educando, a fim de provocar o enriquecimento da imaginação criadora com o aproveitamento de sua vivência interior.

Por sua natureza, pois, a Educação Artística deve integrar, junto com Língua Nacional e Educação Física, a área do currículo escolar denominada: "Comunicação e Expressão".

Elaborado pelos Professores do Departamento de Assuntos Culturais participantes da Equipe-Base da Reforma do Ensino de Primeiro Grau.

C. EDUCAÇÃO FÍSICA

O movimento constitui uma atividade primária do ser humano. O uso da mão pelo homem, quer indicando direção ou demonstrando movimento, quer procurando dar uma noção de tamanho, de altura, estabeleceu o que podemos considerar como o primeiro processo de comunicação. Entretanto, a gesticulação e mesmo os gritos, não eram suficientes ao homem em suas necessidades de comunicação com seus semelhantes. Desenvolveu ele, então, o que chamamos de linguagem.

A linguagem falada tem recursos sutis e matizes, sua transmissão e assimilação se produz em nível intelectual, enquanto a expressão corporal, por sua capacidade de comunicar estados animicos, através do movimento, pode ser assimilado como linguagem de primeira instância, em diferentes níveis.

O movimento é uma linguagem comum a todos os homens e, por essa razão, constitui uma das formas mais universais de comunicação e compreensão entre os seres humanos.

A Educação Física é movimento, expressão, comunicação e consequentemente sua estrutura faz parte da área de Comunicação e Expressão.

Elaborado pelos Orientadores do DED: FRANCISCO CAMARGO NETO, LYDIA RANGEL JUNQUEIRA, LUIZA COPSTEIN, WALEDEMAR, DARCLEA VIEIRA, ALCI PIRES MURLIN e IRIS PAULA Z. GONZAGA.

6. CURRÍCULO EM AÇÃO

Nesta organização curricular, o professor, o aluno e a escola, integrada na comunidade assumem funções definidas.



ALUNO — planeja, prepara, executa, descobre, avalia, cria, pesquisa, analisa, sintetiza, resolve problemas, conclui, compara, reflete, comunica, convive, coopera, decide...

Constrói sua própria aprendizagem

PROFESSOR — planeja, guia, sugere, estimula, desafia, acompanha, avalia, observa, orienta, supervisiona, informa, propõe...

É um estímulo e organiza as situações de aprendizagem

ESCOLA — é aberta

integra-se na comunidade

é funcional

é dinâmica

é flexível

oferece clima sócio-emocional positivo

É um laboratório

É da interação destes 3 elementos básicos que o currículo em ação se configura como um meio para o alcance dos objetivos educacionais.

VIII - OUTRAS BASES TEÓRICAS

A - MÉTODO CIENTÍFICO

Atualmente, os cientistas perseguem o conhecimento dentro de campos tão especializados que um físico, um biólogo e um psicólogo chegam a ponto de não compreender os trabalhos realizados nas áreas que os outros atuam. Contudo, a Ciência tem fundamentos comuns, que podem ser entendidos por qualquer um deles e que um não-cientista terá facilidade em aprender. Esses fundamentos não são um particular conjunto de conhecimentos fátuais, mas formas de buscar e de agir que, reunidas, dão lugar ao chamado método científico.

Ciência é, em verdade, aquilo que os cientistas fazem.

"Sem o conhecimento científico, não é possível, para o homem que pensa, uma afirmação do valor de sua existência. A formação científica é paciente, árdua, progressiva, de aquisição tão laboriosa como o foi para a humanidade a conquista do mundo de hoje."

O cientista quer encontrar sentido naquilo que conhece. Faz continuamente perguntas com o objetivo de conseguir progressivamente um quadro de experiências dotado de mais claras conexões. Tais indagações conduzem, não apenas a novo conhecimento, mas também a novas perguntas e, assim, empurram sempre para diante as fronteiras da experiência humana."

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Diariamente o homem investiga intelectualmente, resolve assuntos, infere, julga e toma decisões. Investiga quando faz perguntas e investiga quando busca soluções para os problemas formulados.

O homem assim age, porque vive em situações que nem sempre são claramente determinadas, mas geralmente, e na maioria das vezes, são problemáticas.

A maneira como o indivíduo consegue o problema e como decide quais

as sugestões específicas que deve considerar ou desprezar, quais os elementos que devem ser selecionados ou rejeitados é que lhe possibilita êxito na solução do mesmo.

Viver uma situação problemática e procurar sua solução faz parte, da existência humana.

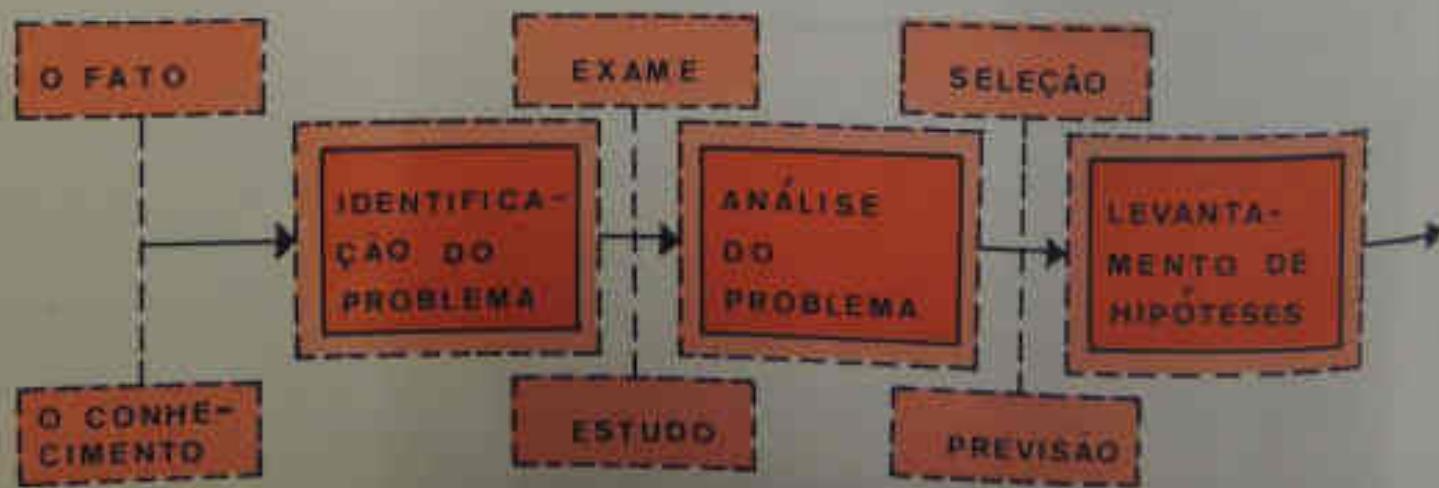
Esta experiência natural de vida que promove o crescimento pessoal do indivíduo pode e deve ser explorada pela escola.

A aprendizagem sistemática deve ter por objetivo geral "proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania" (Lei ... 5.692/71 cap. I art. 1).

Acreditamos que isso possa ser alcançado se proporcionarmos ao indivíduo condições para seu pleno desenvolvimento intelectual que, a longo prazo, envolvem a aquisição e a retenção de um extenso e expressivo

ESTRUTURA OPERACIONAL DO PENSAMENTO CIENTÍFICO

As etapas do Método Científico são decorrentes da Estrutura Operacional do Pensamento Científico que pode ser sintetizada pelo esquema representado pela Comissão de Didática Geral da Faculdade de Filosofia da UFRGS (1970).



corpo de conhecimentos que pode ser atingido pelo crescimento da habilidade para usá-lo na solução de problemas particulares que, quando resolvidos, aumentam o equipamento original de conhecimentos do indivíduo.

O desenvolvimento da habilidade para usar estes conhecimentos envolve uso de métodos específicos de trabalho no campo das ciências, método este conhecido pelo nome de **Método Científico**.

ETAPAS DO MÉTODO

Na realização do método científico aparecem fundamentalmente os seguintes passos:

1 — Observação

O primeiro ponto de importância, no procedimento científico, é o de observar todas as coisas ou acontecimentos que estejam sendo estudados. Nesta etapa estabelecem-se os critérios e treina-se a atitude de observação.

2 — Reconhecimento e definições do problema

É um dos itens mais importantes de uma pesquisa correta. O problema deve ser equacionado, as relações dos dados não podem falsoar-se. A análise e o exame precisam ser corretos.

3 — Informações Bibliográficas

É de obrigação a consulta a livros, resumindo-se, o quanto for possível, o maior número de informações sobre o assunto em pauta. Em primeiro lugar buscam-se os tratados, como fontes de informações; depois os compêndios preciosos, as monografias, e os artigos.

4 — Formulação de Hipóteses

Baseado nas informações e nos exames dos dados, em um campo assumido restrito, o cientista elabora sua primeira hipótese. Para a formulação de uma hipótese, requerem-se duas coisas: informações suficientes, bem assimiladas e precisas e a exclusão do desnecessário para o trabalho.

Este pode ser um primeiro passo para a solução desejada.

No decorrer de uma pesquisa, as hipóteses costumam ser retificadas

ou mesmo substituídas, conforme a marcha dos acontecimentos, pois elas se aperfeiçoam à medida que se tornam mais simples, quantitativas e gerais.

5 — Teste ou experimentação

Os testes ou experiências oferecem a oportunidade de confirmação da hipótese. Se, numa primeira experiência, a hipótese apresenta-se incipiente, deve desde logo ser reforçada.

6 — Coordenações de dados

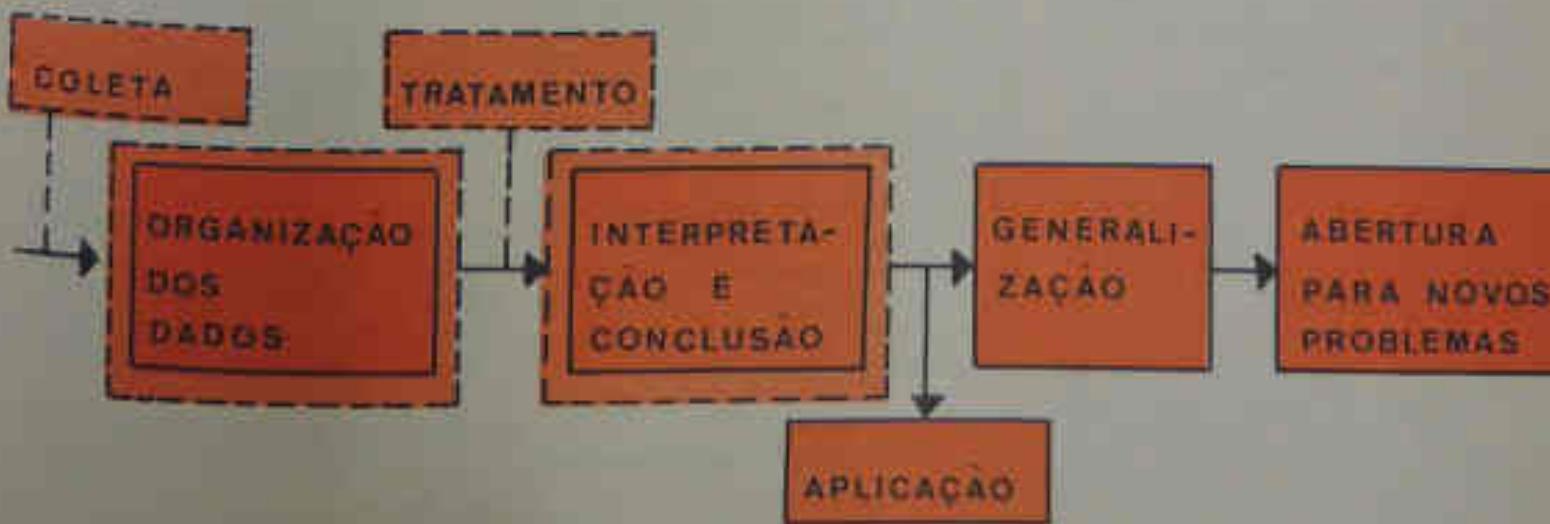
No decorrer de uma pesquisa, a coleta, a organização, a hierarquia e as relações dos dados representam os elementos interpretativos, evidenciadores da verdade.

7 — Conclusão

Chega-se a uma decisão final: uma conclusão é considerada como válida e definitiva, se a hipótese foi tida como correta e adequada.

O Método Científico implica, portanto, um suceder alternativo de reflexão e experimento.

O Cientista elabora ideias definidas, à luz do conhecimento disponi-



sei; concebe e realiza experimentos para verificar estas hipóteses, o conhecimento se amplia e o ciclo prossegue, indefinidamente, sem que nunca se alcance a certeza absoluta, mas sempre conseguindo generalidade maior e possibilitando crescente controle do ambiente.

A base do Método Científico está no reunir observação e hipótese, ou fato e idéia. O processo é cílico e consiste, alternadamente, no aperfeiçoamento dos meios de realizar observações e reexaminar as hipóteses.

ATITUDES EXIGIDAS PARA O MÉTODO

Convém, ainda, ressaltarmos que, ao lado disso, há ATITUDES que se consideram inseparáveis do pesquisador, que precisam ser vivenciadas pela nossa criança e pré-adolescente se desejamos realmente que sejam científicas.

1 — Sensibilidade aos problemas

A mente disciplinada pela ciência está em constante trabalho, recolhendo todas as informações que a natureza lhe fornece. O cientista, quando em trabalho, deve estar sempre preocupado, apenas, com os problemas em estudo.

2 — Honestidade intelectual

É questão envolvida com a formação moral do cientista, com a sua educação para a vida.

O trabalho científico é objetivo. Nada, neste campo, deve receber o influxo das paixões. Os resultados precisam ser a expressão da verdade, mesmo se contrariarem os pontos de vista do pesquisador.

Jamais um cientista se apoderará do trabalho do outro, para glória pessoal, e não deixará nunca de reconhecer os méritos dos colegas. Em circunstância alguma, a verdade deverá ser sacrificada para a exaltação do egoísmo.

3 — Mente aberta

Não se recusa a receber ideias alheias, albergando-as, quando úteis à pesquisa.

A mente aberta às boas sugestões e a novos ensinamentos produz mais a nova situação diversa ou contrária.

Muitas verdades científicas podem ser relativas, hoje. A história da própria Ciência tem mostrado que alguns de seus passos foram refutados por novas e mais fecundas pesquisas.

Mesmo no caso de contestação ao seu trabalho e as suas conclusões, o cientista deve considerar os argumentos dos outros. Pode ser que a verdade esteja com eles.

4 — Habilidade nas pesquisas

Este é um treino a ser feito com perseverança. Instrumentos e processos mentais podem ser, quase sempre, mais primitivamente usados. As medições, os cálculos, as experiências, as observações necessitam sempre, de aperfeiçoar-se.

A inabilidade científica é incompatível com qualquer pesquisa.

5 — Ausência de superstição

O quanto for possível deverá o cientista ater-se aos dados da Natureza, procurando uma explicação natural para todos eles.

Ligar-se-a, também, a esta atitude, a luta contra a superstição. Mesmo se a cultura religiosa permitir ao cientista uma visão mais ampla dos fenômenos, como aquela que se relaciona com os problemas transcendentes das causas primeiras e dos objetivos morais que o homem encontra no uso dos bens da Natureza, deverá ele, em seu campo estrito de trabalho, enquanto cientista, não se afastar dos métodos e postulados da Ciência, auxiliando a própria Religião a desfazer a superstição e a ignorância.

6 — Oportunidades das conclusões

O entusiasmo, às vezes, pode levar o cientista a tirar conclusões

apressadas de suas pesquisas, o que poderá levar-lo a erros graves.

No afirmar, dentro da Ciência, toda a cautela é pouca.

Um experimento científico deve seguir num a marcha normal, que apressamento virá em seu julgamento.

7 — Crítica e autocrítica

Os trabalhos dos outros costumam ser sempre reexaminados. Nada na Ciência pode impor-se pelo prazer, simples prestígio pessoal do pesquisador. Tudo obedece à razão e ao mérito.

Para que se critique um trabalho, há necessidade de preparo pleno e amplo sobre o assunto.

E também conveniente que o pesquisador se habitue a julgar suas próprias capacidades, em relação às dos outros, e, sempre que possível, num tanto sua produção científica a consideração dos colegas, antes da publicação definitiva. Os trabalhos em grupo são muito mais rendosos e produtivos.

Caso um trabalho já publicado tenha sido considerado obsceno ou desfeso, o autor deverá refutá-lo ou substituí-lo.

É muito comum que alguém mude sua opinião e a rotula de pesquisa.

Mas o que não se pode modificar são os métodos e processos, porque só o cientista será substituído pelo empirista ou simplesmente pelo teórico, mais sonhador e latente que qualquer outra coisa.

TÉCNICAS QUE MELHOR ATENDEM AO MÉTODO EM QUESTÃO

Desde que se propicie o desenvolvimento do processo de pensamento científico, toda a técnica é válida: não exclusivamente a técnica da Experiência da Arte de Ciência.

Algumas técnicas que melhor atendem ao método científico seriam:

— observação

- demonstração
- círculos de debates
- solução de problemas
- projeto
- estudo dirigido

VANTAGENS DO MÉTODO CIENTÍFICO

- 1 — Elimina o verbalismo no ensino das ciências, as noções devem ser aprendidas através das coisas que a elas se relacionam;
- 2 — Atinge os objetivos da lei 5.692/71;
- 3 — Atende aos reclamos da psicologia da aprendizagem;
- 4 — Permite participação ativa dos alunos;
- 5 — Permite ampla objetivação;

- 6 — Permite a aplicação do método induutivo;
- 7 — Possibilita estreita correlação com o real;
- 8 — Propicia fácil aplicação do princípio da redescoberta.

FONTES DE CONSULTA

1. PEPE, Carlos — *Instruções para o estudo de ciências*. São Paulo, Pistaflinga.
2. SANTOS, Newton Dantas — *Prática de ciências*. São Paulo, Olímpica, 1969.
3. Subsídios da Cadeira de Didática Geral da Faculdade de Filosofia da UFRGS, os anos de 1966 e 1967.
4. Trabalho elaborado pela prof. Helena Maria Albertani da Equipe de Filosofia do C.P.O.E.
5. WEATHERALL, M. — *Método científico*. São Paulo, Ed. da Univ. de São Paulo, 1970.

Documento revisado e ampliado pela professora RITA CARNEVALE DE ALMEIDA

B — RELAÇÕES E ESTRUTURAS

No princípio dos tempos existiam um conjunto de moléculas e/ou um conjunto de átomos. E, moléculas e átomos estavam no caos. Mas como moléculas e átomos não eram isolados e menos ainda estáticos lhes foi possível interagirem um sobre os outros e houve a evolução.

Entre as relações estabelecidas entre átomos e moléculas destacaremos as de — "exercerem influência sobre" e, entre essas, as relações de atração e as de repulsão.

Consideremos ainda: quanto maior é a evolução de um dado conjunto de seres, mais numerosas, mais profundas e mais complexas são as relações estabelecidas entre seus elementos.

Assim sendo, evolução gera evolução.

— Quantos milhares de séculos se desenrolaram desde o início dos tempos até nossos dias?

Ninguém nos pode responder com exatidão matemática, pois não há concordância entre os estudiosos a esse respeito. Entretanto, aquilo sobre o que todos concordam é que, daqueles tempos a estes, houve extraordinária evolução. Logo, existem numerosas e profundas relações e essas são imensamente complexas.

Mas perguntam-me, agora, os senhores:

— Que interessa isso a nós, educadores do século XX, da era interplanetária, da era da velocidade superior à do som?

Senhores, em nossas escolas vivemos, convivemos e estabelecemos muitas relações, principalmente com o foco de nosso ensino, o aluno.

O aluno, criança do século XX, que, ao nascer e mesmo antes, entra em contato com um mundo em constantes e profundas transformações, onde existe uma infinitude de conjuntos que interagem intensamente.

A criança, ao nascer e mesmo antes, vive e estabelece um grande número de relações. Entre essas destacam-se: "ser filho de", "ter por pai", "ter por mãe" e tantas outras, um pouco mais tarde, viverá e estabelecerá outras tais como: "ser irmão de", "ter por irmão", "ser sobrinho", "ser parente", "ter por parente", relações essas de profundo significado tanto psicológico, como sociológico, portanto didático.

Mais tarde ainda, além de viver e estabelecer as relações de: "ser vizinho de", "ser aluno de", "ter por professor", "ter a nacionalidade de", a criança é capaz de observar e determinar relações entre conjuntos dos quais ela não é um elemento. Por exemplo: "João é pai de Antônio", "Manuel é irmão de Maria", "Chico é primo de Gaetano", "Tóto brinca com o gato", e tantas outras. Além disso é capaz de determinar relações entre um conjunto de cidades e/ou um conjunto de países e/ou um conjunto de rios, ou de serras, ou de pessoas. Por exemplo: "estar situado em", "ser capital de", "estar no limite de", "ser vizinho de", "ser afiliado de", "ser governador por", "ter por presidente", "ser médico", "ser professor", "ser pedreiro", "ser doméstica" e muitas outras.

De outro lado, irá aos poucos adquirindo habilidade de determinar relações em subconjuntos dos seres vivos. Tais como: "ter ossos", "ser mamífero", "ser homem", "ser brasileiro", "ser porto-alegrense"; e, em subconjuntos dos planetas, poderá estabelecer "ser habitado por seres humanos", "ter sido visitado pelo homem", "ser explorado pelo homem". E, ainda mais, no conjunto das idéias podem tornar-se hábil em compô-las, elaborá-las, valorizá-las, classificá-las e ordená-las conseguindo, desta maneira, construir, para si próprio, uma hierarquia de valores.

De tudo o que foi dito, podemos averiguar que:

— a criança estabelece relações, inicialmente, colocando-se no centro e, veificando, ou sentindo as ligações, os laços entre ela e os seres que a rodeiam. Mais tarde é capaz determinar relações entre conjuntos de seres longínquos, tais como os formados por planetas ou outros. O estabelecimento de relações é realizado, portanto, partindo do próximo para o remoto.

— a criança estabelece relações, partindo de conjuntos cujos elementos pertencem ao mundo físico, para o conjunto cujos elementos são ideias — vai portanto do concreto para o abstrato;

— as relações que as crianças vivem, estabelecem, ou determinam, são, segundo o nosso ponto de vista, sempre complexas, pois simples não apenas as relações matemáticas, que não têm conotações nem afetivas, nem emocionais. Sobre a complexidade das relações, podem falar melhor do que nós os psicólogos, os sociólogos e os orientadores educacionais.

Além do conhecimento sobre relações, consideramos de importância fundamental para os educadores, o estudo das propriedades das mesmas. Esse estudo permite classificar e ordenar as relações que as crianças e os jovens estão vivendo e estabelecendo em um determinado momento. O conhecimento disso levará o educador a determinar as estruturas que seus alunos estão vivendo e construindo a cada momento, o que lhe permitirá melhor atendê-los.

E, se a nossa escola pretende estar dentro da vida de nossos dias, e não à margem dela, deve ter bem presente e estar bem alertada para o papel das relações no desenvolvimento de suas tarefas; tarefas essas que não realizadas em um mundo que se debate entre relações extremas — as do amor que constroem e as do ódio que destroem.

Que as nossas aulas, as nossas situações de ensino, as nossas experiências, os nossos conteúdos sejam dinâmicos e não estáticos, sejam inter-relacionados e não isolados, para que muitas e profundas relações sejam estabelecidas entre os mesmos; alcançando-se dessa forma o desenvolvimento de nosso aluno em todas as suas dimensões, é o que todos esperamos.

C – PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

"Educação é um processo de comunicação e as melhores possibilidades da educação prospectiva estão na teoria da informação" (Mutações em Educação, Segunda M. McEachan, de L. O. LPM).

Cherry, Berlo, Miller, Morris, Richards, Eco, Wiener, Jakobson, Pomeroy, d'Arzvedo, são alguns dentre inúmeros estudiosos que, nos últimos anos, têm se dedicado ao estudo do problema da Comunicação entre os homens humanos, através de abordagens variadas, dentro de campos de estudo como a Sociologia, a Linguística, a Psicologia, a Economia, a Cibernetica etc. Os conceitos de "comunicação" surgem, ainda, determinados pelo contexto de ideias de disciplinas, tais como a fisiologia do sistema nervoso, a teoria dos signos (semiótica), a engenharia de comunicações, a matemática. É claro que em cada um desses campos de estudo o termo "comunicação" tem sua significação precisa e não seria difícil reconhecer nos enunciados, abaixo, a disciplina científica de quem os formulou:

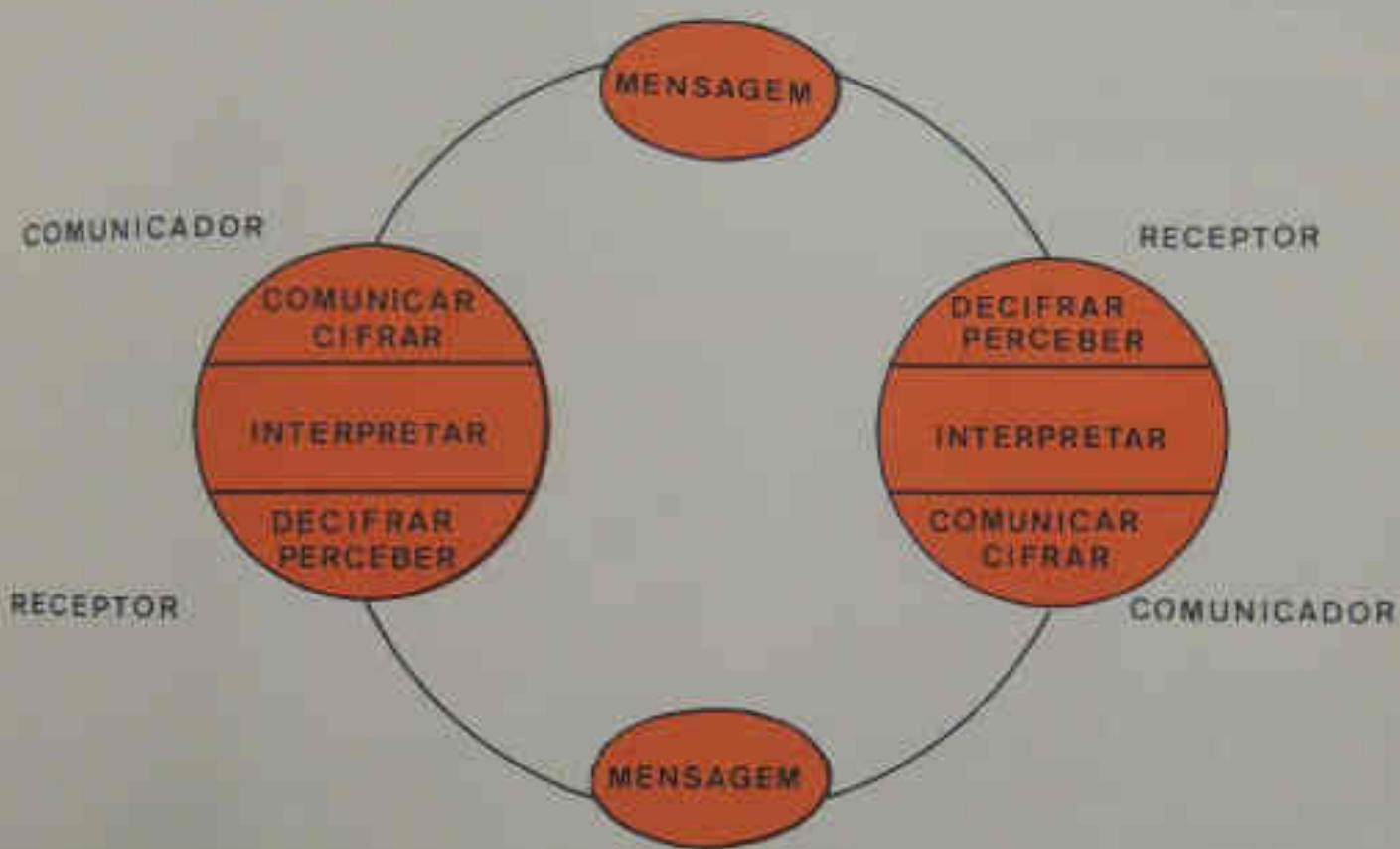
- Comunicação é uma questão essencialmente social.
- Comunicação significa organização.
- A comunicação possibilita o crescimento dos sistemas organizados à dependência mutua.
- Os engenheiros de comunicação alteraram o tamanho e o feito do mundo.
- É através da comunicação que o homem se torna e se mantém ser social, trabalhando eficientemente em conjunto.
- Comunicação não é apenas resposta discriminada ou seletiva a um estímulo.
- Comunicação é a relação estabelecida pela transmissão de estímulos pela provocação de respostas.
- A fala e a escrita não são, de modo algum, nossos únicos sistemas de comunicação.
- Os sinais de comunicação, nos sistemas económicos, são as moedas, os títulos, as cartas de crédito etc.
- Quer se processe entre homem/homem, homem/máquina, ou mesmo máquina/máquina, a comunicação é um fenômeno e uma função social.
- Um grupo de pessoas, uma sociedade, uma cultura podem ser definidos como "pessoas em comunicação", compartilhando regras de linguagem, de costumes, de hábitos.
- A vida no mundo moderno vai dependendo cada vez mais de meios "técnicos" de comunicação: telefone, telegrafia, rádio, imprensa, televisão.
- Não existe comunicação sem um sistema de signos, um código, isto é, uma transformação concertada, convencionada, geralmente de elemento a elemento e reversível e por via da qual se podem converter mensagens de um conjunto de signos em outro.
- Podemos comunicar-nos estaticamente.

— A comunicação une as partes num organismo completo, imbuído de propósitos, orientado para um objetivo.

— Sem os sistemas da linguagem e outros instrumentos importantes da comunicação, não poderíamos realizar os milhares de processos organizados de grupo que empregamos para coetuar nossas atividades sociais e levar nossas existências extremamente interdependentes.

— A fonte, o codificador, a mensagem, o canal, a decodificação, o destino são os elementos de um modelo de processo de comunicação.

PROCESSO DE COMUNICAÇÃO



— É através da comunicação que a Educação se faz possível.

Dante dessas colocações, o processo de comunicação é entendido não só como o processo que dinamiza a estrutura da área que lhe deve o nome, como também está presente no sistema aberto do Currículo de 1º grau, no Rio Grande do Sul, permitindo a interação de seus elementos constituintes, quais sejam: o aluno, o professor, a escola, a comunidade.

Também considera-se esse mesmo processo como suporte para a inter-relação aluno/aluno, professor x aluno, professor x professor.

Quando se fala na Comunicação professor x aluno x comunidade já nos referimos à abertura do próprio sistema de Comunicação, pois não só as partes (emissor/receptor) se influenciam mutuamente, mas o próprio sistema intercambia influências com seu ambiente, ou meio, pressionando o processo evolutivo social, agora conscientizado pelos modernos estudos sobre "Informação x Comunicação".

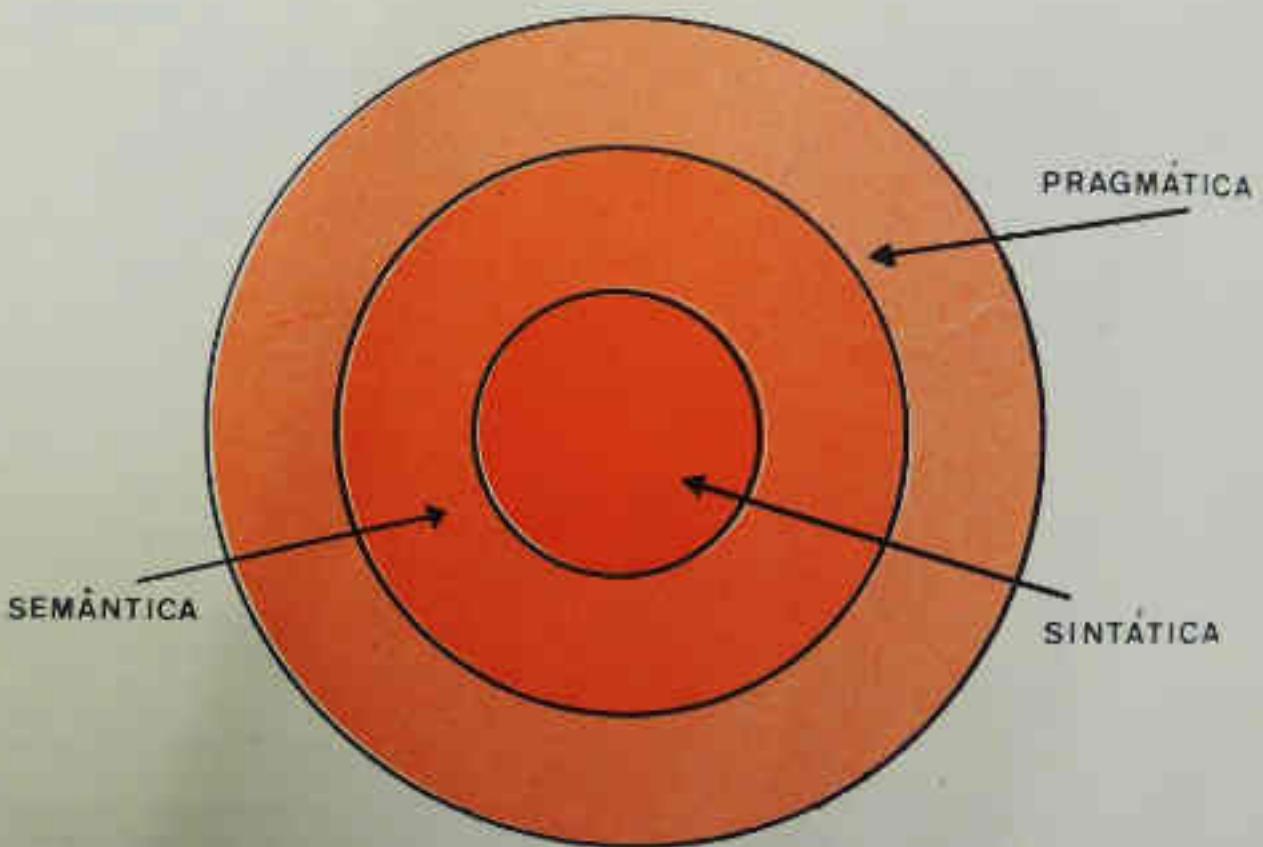
O processo de Comunicação, quando bem vivenciado desde a sala, propicia o diálogo aberto com a realidade vigente e, então, o sistema se torna produtivo ao desenvolver um mecanismo de retroinformação que lhe permite avaliar os seus produtos em termos de adaptação às demandas socio-culturais e influências positivas exercidas no meio.

Toda a comunicação se processa por meio de signos, com os quais um organismo influencia o comportamento de outro. O ser humano deles se utiliza em grande número e variedade: os sons orais da fala, letra e números escritos ou impressos, diagramas, figuras, esboços, dinheiro, sinalização, uniformes, distintivos, gestos e expressões faciais. Desenvolveu, também, sistema de regras de variadas espécies.

A semiótica (teoria dos signos) estuda todo esse vasto campo, incluindo a linguagem humana.

A semiótica apresenta três níveis diferentes, representando diferentes tipos de abstração:

- a pragmática — estudo dos signos com relação a seus usuários;
- a semântica — estudo das relações dos signos e designata;
- a sintática — o estudo dos signos e das relações entre signos.



A pragmática é o nível mais geral e abrangente, incluindo todos os fatores pessoais, psicológicos e de valor pessoal para os usuários dos signos. Em linguagem, temos ai o aspecto conotativo. É o nível da vida real, das coisas concretas.

As propriedades pragmáticas de qualquer mensagem dependem das experiências (pessoais e diretamente intransferíveis) do emissor ou do receptor.

A semântica procura abstrair-se dos usuários (será isso possível?) isto é, de todos os aspectos individuais e subjetivos, e preocupa-se somente com os signos e sua designata; é quase impersonal. Em linguagem temos ai o aspecto denotativo.

A sintática, mais abstrata ainda, se preocupa apenas com os signos e suas ordenações, trata a linguagem como um cálculo; visa os aspectos puramente formais da linguagem e seu sistema. Interessa especialmente aos lógicos que podem inventar regras de combinar signos para formar sentenças, juntamente com regras para fazer subsequentes deduções.

dades — estejam intimamente relacionados com a própria atividade natural da criança nessa idade, de sua forma de trabalho e de aprender; o brincar, o jogar.

Já nas Áreas de Estudo, a partir da 4^a série, propomos um gradativo desenvolvimento dos níveis semântico-sintáticos, até atingir, na 8^a série, um equilíbrio entre os aspectos pragmáticos e os semântico-sintáticos.

Retornando ao professor x aluno vemos que em comunicação a medição através da retroinformação não visa apenas a mudança de conhecimentos (o que se tem feito hoje, quase que exclusivamente), mas irá mensurar "qualitativamente" pois a comunicação é "troca" de informações, idéias, pontos de vista e principalmente de atitudes.

O processo de Comunicação traz em si mesmo a Avaliação, através do inerente FEEDBACK (retroalimentação) que é buscado, hoje mais do que nunca, para as necessárias reformulações face aos desvios das metas de produtividade e rentabilidade desejadas.

— O "Feedback" vem a ser o próprio controle, exigência "sine qua non" para qualquer atividade humana organizada.

— A avaliação cumulativa, concomitante, qualitativa é uma constante em todos os momentos de ensino-aprendizagem e é este o enfoque vital da verificação do rendimento escolar atual.

— A reprovação do alunado, que nos é apresentada por estatísticas assustadoras, deve ser estudada sobre o prisma do processo de comunicação para detectar as falhas (os ruidos) que estão ocorrendo no mesmo processo.

— O "diálogo" professor x aluno implica em "ouvir-receber", "transmitir-informar" emanando desta situação a habilidade de autocritica, de auto-diagnóstico, de objetividade, de reformulação (flexibilidade-criatividade) que, em última análise, leva ao método científico — preocupação de todo o trabalho do Currículo do Rio Grande do Sul, em termos de crescimento relativo aos níveis de conhecimentos, habilidades e atitudes do estudante.

Talvez a comunicação seja parte tão íntima do ser humano que seu estudo se torne extremamente difícil, diante de sua complexidade desarmadora. Onipresente e generalizada em todas as formas de relações sociais, tanto imediatas como mediante a utilização de canais "técnicos" mais complexos e sofisticados, ela é tão comum e tão acessível que pode parecer que seu estudo seja extremamente importante. Mas se descermos conhecer mais completamente a espécie "homo sapiens", seu estudo é de importância incalculável, pois conhecê-la é condição de acesso a alguns dos "mistérios" do comportamento humano mais desafiadores à argúcia e inteligência do "animal comunicativo".

"Um homem não é um ser isolado num vácuo; está essencialmente integrado na sociedade. Os diversos aspectos do comportamento do homem — seus meios de subsistência, sua linguagem e todas as formas de auto-expressão, seus sistemas de economia e lei, seu ritual religioso, que o enredam, todos, em atos de comunicação — não são discretos e independentes, mas estão intrinsecamente correlacionados, conforme os sociólogos têm acentuado, desde o tempo de Adam Smith". (Colin Cherry).

FONTES DE CONSULTA

1. AZEVEDO, Marcelo C. de — Comunicação, Linguagem, automação.
2. — Teoria da informação. Porto Alegre, UFRGS.
3. CHERRY, Colin — A comunicação humana. São Paulo, Ed. da Univ. de São Paulo.

Elaborado pelo Prof. RAUL JOSE MORAES MACHADO.

IX - O PLANEJAMENTO DO CURRÍCULO

O planejamento do currículo configura-se como um processo contínuo e flexível, permitindo, dessa forma, sua constante atualização.

Podemos identificar, basicamente, 4 etapas:

1 — Sondagem e diagnóstico da realidade escolar, quando identificamos os recursos disponíveis em termos de escola, professor, aluno, comunidade.

2 — Elaboração do plano curricular da escola, quando decidimos a respeito dos objetivos educacionais, da seleção e organização dos conteúdos, da seleção e organização de experiências de aprendizagem e a respeito da organização da avaliação.

3 — Execução do plano, quando concretizam o previsto.

4 — Avaliação, quando avaliamos os resultados obtidos em função dos objetivos e identificamos os elementos para o replanejamento.

Todo este processo envolve um **acompanhamento, controle e avaliação permanente**, a fim de que as reformulações necessárias sejam realizadas visando manter a trajetória prevista.

Partindo do plano curricular, cada equipe de professores da escola elaborará os planos da Área e cada professor seu plano de trabalho, todos integrados.

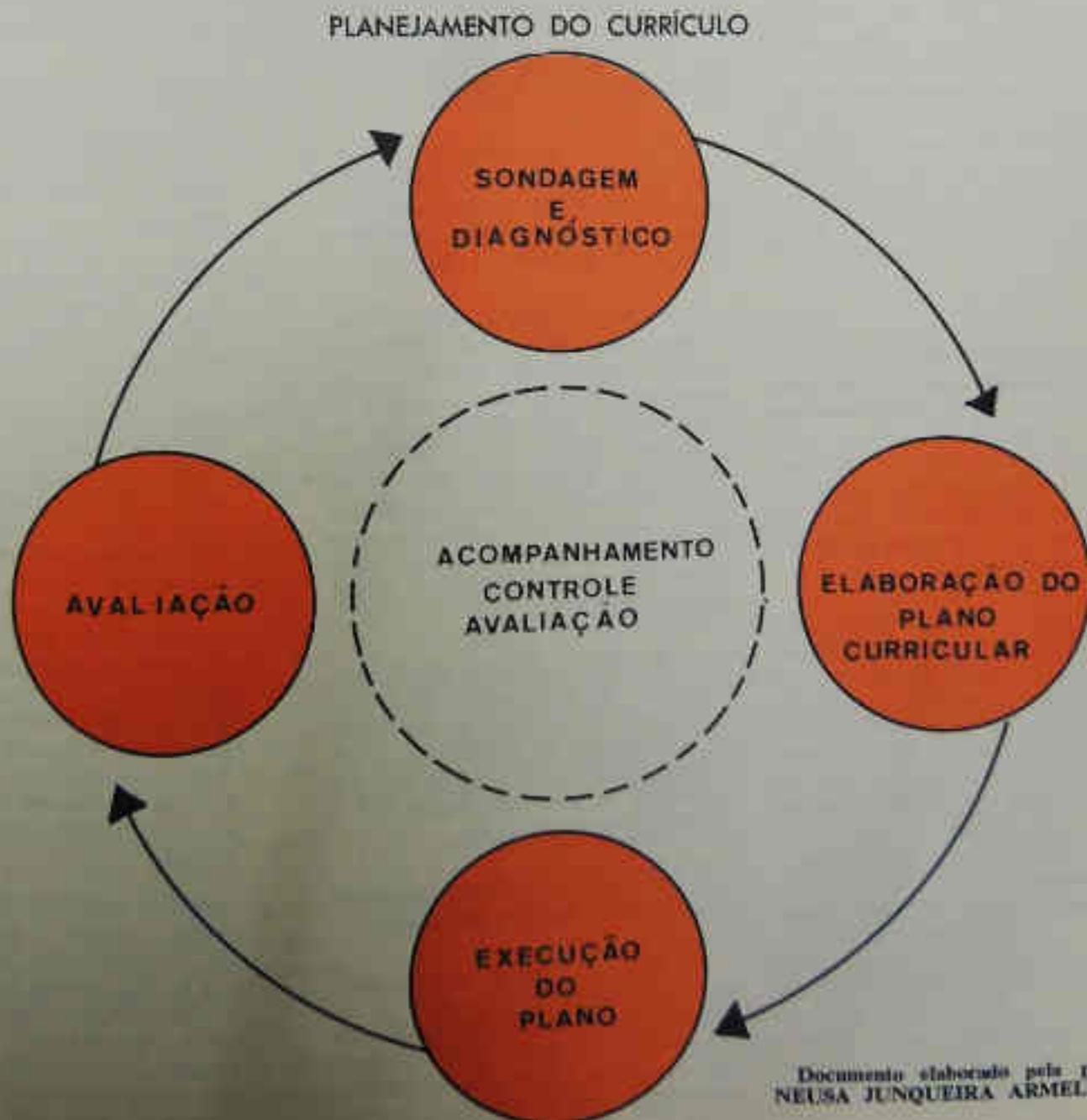
Identificamos, assim, os seguintes níveis de planejamento na escola:



Considerando responsabilidade da escola o planejamento do currículo, faz-se necessário que este planejamento seja **cooperativo**, envolvendo, fundamentalmente:

- diretor
- coordenador pedagógico
- coordenadores de área
- orientador educacional
- representantes de outras instituições da escola:
 - círculo de pais e mestres
 - biblioteca
 - conselho de classe
 - cooperativa
 - merenda escolar
 - etc.

Esquematizando:



Documento elaborado pela professora
NEUSA JUNQUEIRA ARMELLINI

X - O PROFESSOR DO ENSINO DE 1.º GRAU

O professor configura-se como o elemento chave do Sistema Educacional e especialmente, neste momento, quando iniciamos um processo de implantação de uma reforma curricular.

É o insumo humano por excelência. É o agente da mudança.

A modificação da filosofia educacional prevista pela Lei 5.692/71, levando a novos posicionamentos em relação a objetivos educacionais, princípios administrativos e pedagógicos, não se concretizará só não contar com a efetiva participação do professor e de seu desempenho técnico nas escolas. A concretização da reforma curricular a que nos propomos está, portanto, nas mãos do professor.

Dra. Juracy Marques da UFRGS, em uma análise a respeito das perspectivas da educação no momento atual, comenta que, sendo a educação um programa de governo e não iniciativa e criatividade individual, passa o professor a ser um dos elementos do sistema e não aquele que lidera uma ideia perseguida de forma isolada.

Este novo posicionamento exige do professor uma enorme capacidade de adaptação, para abandonar seu personalismo e se integrar no sistema, de forma a se constituir um fator produtivo dentro deste sistema, em direção a objetivos que não são seus, mas que ele reconhece serem os mais apropriados, do ponto de vista da coletividade a qual pertence. Daí a importância de que se reveste o preparo do professor, sua conscientização e sua constante atualização, quando se trata, como no nosso caso, de renovação em termos de sistema educacional. O professor necessita compreender sua posição e suas funções dentro do sistema, para que possa, efetivamente, se integrar

com os demais elementos, visando a consecução dos objetivos do sistema.

As funções do professor, dentro deste novo contexto educacional, assumem maior amplitude, envolvendo multidimensionalidade.

Os modelos do "magister dixit" não convém mais. Pois, como diz Pierre Gaidez, "a educação está saíndo de seu período feudal. Assim, ao fim do monopólio da escola e à ruína do professor como único distribuidor do saber".

A figura do professor como guardião da cultura deve ser substituída pela figura do professor como modernizador da cultura, mediador, fonte entre gerações.

Ele traduz a experiência do homem em termos que tem significado para o aluno. Dessa forma, ele expressa as ideias de ontem através de meios que as relacionem com a experiência atual dos alunos. Isto é que permite ao aluno participar de tal modo da experiência do passado que se ela torna viva e significativa para o presente e para o seu futuro, libertando-o e possibilitando-lhe crescimento contínuo.

O professor necessita movimentar-se dentro de sua matéria de ensino em termos de domínio de conteúdo, de metodologia de habilidades específicas, visualizando-a como um dos elementos de um todo maior que é o conhecimento humano.

O professor é o administrador da situação de ensino-aprendizagem.

Ele tem as funções de planejar, organizar, liderar e controlar as situações de ensino-aprendizagem com o objetivo de que o aluno aprenda, modifique seu comportamento em seu processo de desenvolvimento.

Dessa forma, ele necessita conhecer, compreender e orientar este processo. Para tanto, ele deve ser capaz de:

- diagnosticar problemas, identificar as alternativas para sua solução, selecionar a melhor alternativa e executá-la e, acima de tudo, responsabilizar-se pela decisão adotada. O dia-a-dia do trabalho do professor está repleto de problemas que demandam soluções técnicas e mais científicas;

- analisar o desenvolvimento e a interação de um grupo, desempenhando a função de líder desse grupo, visto que a situação de sala de aula é uma situação de grupo;

- orientar a aprendizagem dos alunos, evidenciando habilidades técnicas de ensino, tais como os de:

- a) reforçar o comportamento desejável do aluno, valorizando suas contribuições e participação. O aluno é o foco de seu trabalho e não o programa de ensino;

- b) distribuir convenientemente o tempo disponível para o seu trabalho, no sentido de maior racionalização e produtividade;

- c) colocar-se de forma espontânea na situação de ensino-aprendizagem sem artificialismo, fazendo de sua classe um lugar onde reina o entusiasmo e a boa vontade, não exibindo sua autoridade;

- d) perguntar de forma a obter respostas inteligentes e dessa forma promover a participação dos alunos, pois o professor que caminha sozinho nas atividades de classe não é professor. Só é professor na medida em que caminha junto com os alunos;

- e) variar os estímulos de aprendizagem, visando à manutenção do comportamento de atenção dos alunos, imprescindível para a aprendizagem. Ele utiliza variados recursos para a aprendizagem: audiovisuais, interação aluno-aluno, aluno-grupo, aluno-professor. Ele explora

sus próprias possibilidades em termos de voz, gesticulação, expressão corporal, movimentação.

Ele faz de cada período de classe um momento interessante, significativo e vital de modo que o trabalho não se constitui numa monotonia e rotina. Ele mostra para os alunos como fazer as coisas e não se contesta com o fato de que ele mesmo sabendo é o suficiente.

- f) informar o aluno sobre seus progressos, auxiliando-o a identificar suas áreas de possibilidades e carencias, estimulando seu progresso.

O sucesso da classe é o sucesso do professor.

— O processo de desenvolvimento humano é um processo complexo, principalmente em nossa civilização. E a criança não está preparada para responder eficazmente ao seu ambiente, pelo simples processo de crescimento, como ocorre com os animais inferiores.

Ela necessita aprender milhares de coisas no decorrer de seu processo de crescimento: resolver problemas e conflitos, decidir, fazer opções. Necessita, portanto, de apoio, de estímulo e da compreensão dos adultos, não só no ambiente familiar, como no ambiente escolar e social. E na escola, face a essa exigência, assume o professor a função de **conselheiro, orientador, amigo**.

E esta função só pode ser desempenhada se o professor expressa otimismo, aceitação do aluno e principalmente disponibilidade em relação a ele. O professor mantém uma atmosfera efetiva e amistosa na classe e evidencia disposição de ver as coisas desde o ponto de vista do aluno, possibilitando um positivo relacionamento interpessoal.

As atitudes do professor se constituem em estímulos que revertem em experiências para o aluno.

O professor não precisa pedir pontualidade; se é pontual está apontando para uma atitude que ele considera valiosa.

A imitação inconsciente do professor é para o aluno uma aprendizagem profunda,

Neste momento o professor exerce a função de **modelo**. Ele ensina mais pelo que ele é e faz, do que pelo que ele sabe e diz.

Todo o bom professor está profissionalmente alerta. Não vive sua vida confinado ou isolado do meio social. Tenta fazer da comunidade, e particularmente da escola, um melhor ambiente para o aluno. (Frances Rimmel)

O professor é um elemento do sistema social; é ele também responsável pela solução de seus problemas mais urgentes. Dessa forma, suas funções assumem novas dimensões sociais, pois não se restringem somente ao microcosmo da sala de aula, indo além, abrangendo uma realidade mais ampla.

Ele participa de equipes interdisciplinares de planejamento, ele exerce funções de consultoria, assessoria e treinamento de pessoal na comunidade, em instituições a ele relacionadas.

A vida é um eterno aprendizado. "E o professor é um aluno que aprende com melhor propriedade." (Heidegger)

Ele é um aprendiz de si mesmo, da vida, dos outros. Isto requer humanidade a respeito de si próprio.

O professor sente necessidade de crescimento e desenvolvimento pessoais, por que comprehende a magnitude de suas responsabilidades.

Ele tem consciência do pouco que sabe e do muito que precisa saber. Aceita a contingência humana de que o crescimento ou o progresso pessoal depende de uma atitude de mudar. E só alguém disposto a se modificar mantém a flexibilidade necessária para continuamente se adaptar às constantes e imprevisíveis transformações do mundo de nossos dias.

O indispensável alargamento de visão que significa espírito aberto e flexibilidade só se tornará possível medida em que o professor refizer seus esquemas dentro da realidade.

E o princípio da atualização, da educação permanente conscientizada pela autoformação contínua, progressiva e pela aceitação às inovações.

E, segundo Whitehead; a humanidade encontra-se agora numa de suas raras disposições de mudar sua perspectiva. Compete aos filósofos, aos homens de ciência, aos estudiosos dos problemas sociais, aos professores, aos homens práticos, recriar uma visão do mundo.

E isto só ocorre se nossas escolas efetivamente mantiverem um ritmo em concordância com a vida e com a ciência moderna. Para tanto, é preciso que os professores examinem continuamente a sua experiência, em bases científicas, na estreita relação ensino-pesquisa.

Trabalhando sistematicamente em equipe devem utilizar sua imaginação de forma construtiva e criadora, para formular e reformular objetivos, para testar teorias e ensinar novos métodos, para encontrar as práticas a serem modificadas, para experimentar com valentia aquelas atuações que prometem renovações e, ainda, recolher, de modo sistemático, os resultados que comprovem seu valor.

E lembramos que os nossos alunos serão os homens do ano 2000. A educação que eles estão recebendo hoje será utilizada no ano 2000.

O que estamos oferecendo aos nossos alunos será útil, significativo e funcional?

FONTES DE CONSULTA

1. DOCUMENTOS de micro-ensino. *Curso de Licenciatura de curta duração*. Porto Alegre, PREMEN, 1970.
2. FERRY, Gilles — *Reinventando o papel do professor*. Porto Alegre, UFRGS, 1967.
3. MARQUES, Juracy C. — *Ensinar não é transmitir*. Porto Alegre, Globo, 1969.
4. — — — *Perspectivas da educação*. Porto Alegre, UFRGS, 1971.
5. PULLIAS, Beat V. & YOUNG, James D. — *A arte do magistério*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
6. TEIXEIRA, Anísio — *Mestres de amanhã*. Porto Alegre, UFRGS, 1966.
(*Curso de Pedagogia, Métodos e Técnicas de Ensino na Faculdade de Educação*).

PARA OS NOVOS PROGRAMAS DE ENSINO

EDIÇÕES TABAJARA apresenta ao magistério primário livros para o 1º grau: "A REDESCOBERTA DA MATEMÁTICA", obra em 4 volumes — com os respectivos materiais do professor — destinada ao ensino de 1º grau, de autoria de ANNA FRANCHI, da equipe de orientação do Grupo Escolar Experimental Dr. Edmundo de Carvalho, SP. Licenciada em Matemática pela USP.

ANTONIETA MOREIRA LEITE, professora e orientadora da Escola Nossa Senhora das Graças, SP. Licenciada em Matemática — SEDES SAPIENTIAE — SP. Trata-se de uma obra de relevo entre a atual bibliografia didática da autoria de consagradas professoras paulistas, distinguiando uma longa experiência docente. Os volumes destinados aos alunos apresentam uma série de exercícios cuidadosamente ordenados e graduados, que possibilitam a formação de conceitos e a descoberta de princípios e de soluções de problemas.

Os MANUAIS DO PROFESSOR apresentam um plano geral do trabalho; a definição dos objetivos para cada grupo de exercícios; sugestões de atividades, dentro de uma linha metodológica que caminha sempre do concreto para o abstrato. No momento, encontram-se à disposição do professorado brasileiro:

"A REDESCOBERTA DA MATEMÁTICA" — 3ª série Cr\$ 1,50

Manual do Professor Cr\$ 8,00

"A REDESCOBERTA DA MATEMÁTICA" — 4ª série Cr\$ 9,00

Manual do Professor (em elaboração).
Os livros de 1º e 2º séries, ainda em preparo pelos autores, têm sua edição prevista para 1973.

OUTROS LIVROS DE MATEMÁTICA DE NOSSA EDIÇÃO

A MATEMÁTICA E O JARDIM DE INFÂNCIA, Prof. Ida Schmidt Pávero Cr\$ 10,00

Manual do Professor Cr\$ 10,00

ENSINANDO MATEMÁTICA REFORMULADA NO JARDIM DE INFÂNCIA E 1º ANO, Laura Maria Nicoletti Cr\$ 14,00

MATEMÁTICA DO GURI, 1º Livro, de Ross M. Ruschel e Flávia Zena Cr\$ 5,00

Bruun

EM REEDIÇÃO DE ACORDO COM OS NOVOS PROGRAMAS E CURRÍCULOS

MATEMÁTICA, 1º Livro, de Marganda Sirângelo e Sagebin Cr\$ 5,00

2º Livro, de " Cr\$ 5,00

3º Livro, de " Cr\$ 4,50

Manual do Professor para os 3 volumes Cr\$ 4,00

MATEMÁTICA DE HOJE, 5º Ano, de Virgílio Córdova Cr\$ 5,00

1972

— 91 —

— 2 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

— 1 —

PREMIAR OU REPREENDER QUANDO?

PAULINA VISSOKY
da equipe da RE



De modo geral, diz-se que merece prêmio tudo aquilo que reflete o esforço pessoal de uma criança ou jovem. Assim, as atividades comuns tanto no lar como na escola são estimuladas, não premiadas. A satisfação que esta criança ou jovem sente quando realiza um trabalho bem já é gratificadora.

Por outro lado, merecem sanção as faltas resultantes da não atividade voluntária dessa criança ou jovem e não aquelas que refletem suas deficiências ou suas dificuldades. Isso em termos comuns, quando pais e professores são levados a raciocinar sensatamente diante de fatos do cotidiano.

Entretanto, quer nos parecer que o assunto que ora abordamos dá margem a opiniões diferenciadas e oferece um campo muito vasto de considerações, ligado que está ao estudo do comportamento humano. Por isso procuraremos escolher, apenas, os aspectos que nos parecem mais relacionados com as vivências diárias dos professores, principalmente os de 1º e 2º graus.

Por que uma criança se comporta de certo modo na escola?

As experiências mais marcantes, a idade, o grau de inteligência, o estado de saúde serão pontos de referência para uma análise deste comportamento.

A causa imediata de um ou outro comportamento pode ser encontrada nas circunstâncias que, no momento, envolvem a criança.

Entretanto, é preciso levar em conta sua predisposição: "Quanto mais predisposta a portar-se de certa forma, menor é o estímulo que uma pessoa necessita para revelar determinado comportamento; por exemplo, se ela se sente feliz, mais fácil será fazê-la rir" — diz L. Derville.

Na interação com o meio, muitas coisas poderão enriquecer a criança, outras prejudicá-la. Pode manifestar comportamentos inaceitáveis, socialmente incompreendidos, não só pelas vivências negativas do momento e pelas acumuladas em seus primeiros anos de vida, como por seus componentes agressivos inatos.

Como professores ou pais gostaríamos de encontrar respostas a interrogações:

- Como e em que circunstâncias é oportuno premiar?
- Como e em que ocasiões é aconselhável a censura?
- Terá o prêmio melhor efeito que a censura?

A primeira coisa que ressalta, relendo a bibliografia de estudos de psicologia, é que a maioria dos autores concordam em que não existem fórmulas para respostas sobre o comportamento em determinadas circunstâncias, nem existem explicações feitas ou regras fixas para cada caso.

Um pouco de censura poderá estimular algumas crianças a trabalhar mais; um excesso poderá interferir negativamente em seu trabalho.

Em alguns casos de crianças com sentimento de inferioridade, a censura pode levar a procedimentos que causem abocheamentos a ela e aos outros. Em outros casos, a censura pode

VIDA NA ESCOLA...

despertar o desejo de vencer a inferioridade e agir como estímulo que leva a criança a ter êxito em seu trabalho.

Algumas crianças podem suportar a censura mais do que outras. Ainda mais, a forma de censura, o tom de voz e a expressão facial se tornam bastante significativas.

Em algumas circunstâncias as crianças melhoram quando recebem elogio, em outras quando repreendidas.

E, portanto, muito pessoal. Uma associação positiva, uma relação favorável ao louvor ou à censura depende da criança, do relacionamento da pessoa que louva ou censura com a criança e ainda do motivo pelo qual se faz o elogio ou reprimenda.

O QUE SE ESPERA DO ESCOLAR

A formação de atitudes socialmente desejáveis, nas crianças e jovens, é problema de grande importância não só para psicólogos e sociólogos, mas principalmente para pais e educadores.

Uma atitude "é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais etc., mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir", segundo William W. Lambert e Wallace E. Lambert.

A criança desenvolve atitudes à medida que aprende a enfrentar e ajustar-se ao meio social. Ao mesmo tempo, se torna sensível às atitudes dos demais com quem convive. E, por exemplo, inútil discutir a influência que uma mãe exerce sobre o filho, isoladamente de sua atitude para com o marido e os outros filhos.

As atitudes dos pais, os princípios e objetivos da educação, peculiares a cada cultura, vivenciados no meio escolar e social, irão, por certo, exercer sua influência na formação da atitude pessoal de cada criança.

O que se observa é que, de modo geral, a criança ou o jovem desenvolve fortes atitudes favoráveis em relação aos pais, se sentir suas necessidades atendidas ou sua presença associada a atitudes de aceitação.

Os autores W. W. Lambert e W. E. Lambert, em seu livro *Psicologia Social*, relatam uma interessante experiência com crianças de escola primária, demonstrando como as atitudes para com os outros são aprendidas através da associação e da satisfação de necessidades.

"A idéia submetida a teste era a seguinte: uma criança desenvolve atitudes positivas em relação aos outros se, enquanto estiver na presença deles, for agradavelmente surpreendida. Nenhuma das crianças escolhidas para a experiência, deve ser notado, era amiga íntima dos demais, no início do estudo.

As crianças foram organizadas em grupos de três e a cada grupo foi entregue um jogo interessante para brincar. Durante os jogos, crianças de alguns grupos receberam brinquedos como prêmios; outros grupos nada receberam. Alguns tempo depois dos jogos, o professor da classe pediu a cada criança que indicasse duas crianças com quem ela gostaria de passar as férias. Resultou que as que tinham recebido prêmios escolheram mais entre os companheiros do grupo com quem tinham jogado, para com eles passarem as férias, do que entre as crianças que não tinham recebido brinquedos.

Como previsto, desenvolveram-se atitudes positivas em relação aos membros do grupo de jogo, nequeles casos em que brincaram juntos estavam associados com um acontecimento agradável."

COMO A MOTIVAÇÃO SOCIAL INFLUENCIA O COMPORTAMENTO

A maneira como uma criança ou jovem fizer uso de suas capacidades, o sucesso ou insucesso nas atividades a que se propuser depende de sua motivação — seus desejos, seus anseios, suas ambições, suas necessidades, seus medos, seus temores, seus ódios, seus afetos.

Edward J. Murray, em sua obra *Motivação e Emoção*, traz o exemplo seguinte: "Suponhamos o caso de três jovens estudantes de uma faculdade. Possuem inteligência e aptidão acadêmica idênticas. Contudo, um deles obtém notas altas, o segundo notas médias e o terceiro fracassa. As diferenças de motivação podem explicar essas diferenças de desempenho.

O primeiro estudante é oriundo de uma família de imigrantes pobres. Seus pais depositaram todas as esperanças em que o rapaz termine o seu curso universitário e venha a ser um profissional bem sucedido. Encorajaram-no e recompensaram-no desde a infância pelas notas elevadas, de modo que ele desenvolveu um desejo muito poderoso de realizá-la e não teme o trabalho árduo. Na realidade estabeleceu para si próprio elevados padrões e só sente satisfação em obter notas altas.

Por outro lado, o segundo rapaz provém de uma família abastada. Não tem preocupações quanto ao futuro. Terminado o curso, ingressará no negócio do pai. Não é motivado para obter notas altas. De fato, pode até considerar o primeiro estudante um 'crente' talvez um pouco cético. Para si próprio, almeja apenas obter notas que cheguem para passar, como um cavalheiro.

A exploração do fracasso é provavelmente mais complicada. Contudo, um caso de pai e filho que vi recentemente

tamente ilustra o gênero de situação que poderia explicá-lo. O pai era oriundo de uma família pobre, mas sabia a própria custa e era agora um advogado de grande clientela e utarefadosimo. Esperava que o filho conseguisse outro tanto. O rapaz, contudo, sentia-se assustado em relação ao pai e convencera-se de que nunca lograria fazer idêntica carreira. Ia para os exames sob tensão: o coração pulava descompassadamente e as mãos transpiravam. Sua inquietação interferia em seu desempenho e ele começou a fracassar.

No primeiro caso, o estudante era motivado para obter notas altas. O segundo não era. O terceiro estudante era motivado no sentido da realização pessoal, mas o motivo emocional concorrente impedia-lhe o êxito. Em todos os casos, o processo de percepção, memória e raciocínio eram adequados à tarefa, mas o desempenho concreto dependia de motivos e emoções."

É comum a observação de que a criança é influenciada pelas expectativas paternas, mesmo quando o pai e a mãe não se encontram presentes para aprovar ou desaprovar. Por outro lado, é fácil verificar como adultos podem continuar a adotar certo comportamento, mesmo depois dos pais terem morrido.

Os motivos sociais são influências bastante significativas na vida, da criança ou jovem. Eles os sentem como se viessem de dentro e uma espécie de interiorização tivesse ocorrido.

A OPÇÃO DA CRIANÇA OU DO JOVEM

A princípio, nos primeiros anos de vida, a criança é obediente porque isto pode agradar à mãe ou ao adulto com quem ela se relaciona; mais tarde, uma parte do seu autoconceito diz-lhe que é obediente. O que quer dizer que uma apreciação a seu próprio respeito, o seu amor-próprio tem origem em suas primeiras relações afetivas.

Ser desobediente desperta na criança o temor de perder o amor da mãe. E, mais tarde, mesmo que a mãe ou outra pessoa da família com quem

a criança se relaciona estiver afastada, ser desobediente poderá causar inquietação, pois isso não é coerente com a concepção da eu como obediente.

Por outro lado, a existência do superego explica como em toda forma de civilização há uma força disciplinar nos indivíduos, que é indispensável para a ordem social. Ao que parece, segundo o autor Franz Alexander, se não houvesse um código interno como imposto pelo superego à consciência, a ordem social só poderia ser mantida pelo posicionamento de cada cidadão

Entretanto, o comportamento social não é, de modo algum, imposto apenas pelo medo de punições externas. Toda pessoa bem ajustada possui um senso de disciplina que depende muito pouco de coação.

A análise psicanalítica mostrou, porém, na opinião do mesmo autor, que a concordância íntima com os hábitos sociais abrange apenas algumas poucas normas fundamentais. Sem medo de punição, a maioria se comportaria menos socialmente do que na realidade, pois o superego não é na maioria das pessoas um substituto da autoridade real.

Há, em todas as pessoas, um conflito permanente, entre as tendências instintivas iniciais não ajustadas e a influência restritiva do superego, na opinião de Franz Alexander. A atividade mental consciente, consiste então, numa reconciliação contínua entre esses desejos incompatíveis. Alguns devem ser temporariamente contidos, outros modificados e outros subordinados a exigências mais importantes. Assim, a criança ou o jovem é levado a optar. Se irritado, ele revela a irritação dando pontapés, gritando, através de um comportamento indiscriminadamente hostil, mais tarde ele poderá controlar tais explosões pois aprende que desta forma prejudicará o apoio e afeto dos adultos.

Ainda mais, em muitas ocasiões o jovem será levado a escolher, a optar, por exemplo, entre assistir uma conferência sobre um assunto de atualidade e ir ao cinema, cujo filme é elogiado pela crítica. Ou então a atender a uma pessoa da família que esteja doente ou comparecer a um compromisso profissional ou social. Há um conflito consciente que pode ser solucionado pelo julgamento consciente. Um desejo tem que ser posto de lado, por ser incompatível com outro. Em qualquer situação prevalece o que o jovem julgar mais importante.

O assunto a que nos propusmos trazer neste trabalho não fica concluído. A conduta frente ao prêmio e ao castigo é tema sempre atual. Acompanhando novos conceitos está sujeito a revisão contínua. Tocamos, apenas, em alguns aspectos e sugerimos, sobretudo, uma abertura a novas investigações.

No próximo número trataremos, nesta seção, a opinião sobre o assunto, da psicóloga Dra. Jurema Alcides Cunha.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALEXANDER, Franz — *Fundamentos da psicanálise*. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, ZAHAR [1965]
2. DERVILLE, Leonora M. T. — *Psicologia prática no ensino*. Trad. de José Reis. São Paulo, IBRASA [1969] (Bibl. Psicologia e Educação, 5)
3. LAMBERT, William W. & LAMBERT, Wallace E. — *Psicologia social*. Trad. de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro, ZAHAR [1966] (Curso de Psicologia Moderna, 1)
4. MEDNICK, Sarnoff A. — *Aprendizagem*. Trad. de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro, ZAHAR [1967] (Curso de Psicologia Moderna, 10)
5. MURRAY, Edward J. — *Motivação e emoção*. Trad. de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro, ZAHAR [1967] (Curso de Psicologia Moderna, 9)
6. WINNICOTT, D. W. — *A criança e o seu mundo*. Trad. de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro, ZAHAR [1966]



VOCÊ SABE DISTINGUIR AS ORAÇÕES ADJETIVAS RESTITUTIVAS DAS EXPLICATIVAS?

IRIA MULLER POÇAS — da equipe de RE

Na Revista do Ensino nº 139 publicamos um suplemento e um artigo sobre Análise Sintática. Na ocasião, tivemos oportunidade de verificar que as maiores dificuldades que os alunos apresentam com referência ao assunto são diferenciar as Orações Subordinadas Adjetivas Restitutivas das Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas. Procuramos, por isso, exemplificá-las aqui de uma maneira bastante simples, para que as possíveis dúvidas sejam sanadas.

Tanto as orações Restitutivas como as Explicativas são geralmente introduzidas por um pronome relativo: **que**, o **qual** (e suas variantes) **quem**, **cujo**, **onde** e **quanto** e representam um substantivo ou pronome antecedente. Essas orações diferem entre si apenas quanto ao sentido.

As **RESTITUTIVAS**, como o próprio nome indica, restringem limitam a significação do nome antecedente. Assim sendo, são **indispensáveis** ao sentido da frase. Por se ligarem ao termo antecedente sem pausa, não admitem, na escrita, o uso da vírgula. Essas orações equivalem ao Adjunto Adnominal. Serve de exemplo:

O menino que gritava ficou rouco.

As **EXPLICATIVAS** acrescentam ao termo antecedente uma qualidade acessória, uma explicação, sendo, por isso, **dispensáveis** à compreensão da frase. Assemelham-se a um aposto. Na fala são separadas do termo antecedente por uma pequena pausa que, na escrita, é assimalada pela vírgula. Antes das orações explicativas, portanto, é **obrigatório** o uso da vírgula. Quando essa oração vier intercalada, duas vírgulas a destacarão da principal. Como exemplos temos:

O leite, que é branco, é excelente alimento.

Analizando os exemplos dados constataremos a veracidade do que foi dito. Assim, no período:

O menino que gritava ficou rouco, "que gritava" restringe o conteúdo significativo de menino. Não foi qualquer menino que ficou rouco, foi o menino "que gritava". Assim sendo, a Oração Subordinada Adjetiva Restitutiva "que gritava" não pode ser excluída da frase, sob pena de modificar-lhe o sentido.

Já no exemplo seguinte:

O leite, que é branco, é excelente alimento, "que é branco" é uma explicação meramente acessória, não sendo absolutamente necessária à compreensão da frase. O leite continuará a ser excelente alimento quer eu diga que ele é branco, quer eu omita essa explicação.

Vejamos agora, se depois das explicações dadas você consegue distinguir as Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas das Explicativas.

Escreva em cada quadrinho a letra (R) se o exemplo se referir a uma Oração Restritiva e a letra (E) se o exemplo apresentar uma Oração Explicativa. Ao término do exercício, confira o resultado com as respostas dadas ao final do trabalho.

1. Meu pai, que é um homem correto, sempre me deu bons conselhos.

2. O menino que estuda ajuda o Brasil a crescer.

3-4. A pedra que rolou do penhasco atingiu o homem que passava.

5. O menino cuja mãe é professora cedo aprende as primeiras letras.

6. Devo a meus mestres tudo quanto sei.

7-8. Pedro, que é pintor, casou-se com Maria, que é escritora.

9. Nem todas as coisas que faço são perfeitas.

10. Euclides da Cunha, que escreveu "Os Sertões", foi um grande homem.

Solução:

- | | |
|------|-------|
| 1. E | 6. R |
| 2. R | 7. E |
| 3. R | 8. E |
| 4. R | 9. R |
| 5. R | 10. E |

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. CUNHA, Celso — Gramática do português contemporâneo, 2. ed. Belo Horizonte, Bernardo Álvares [1971].
2. OLIVEIRA, Nelson Custódio — Português ao alcance de todos, 14. ed. [s.l., s. ed.] 1968.



RECICLAGEM NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Com o objetivo de dar conteúdo à lei 5.692/71, face à implantação do novo Sistema de Ensino, dentro das diretrizes da educação atual, o Departamento de Educação Fundamental da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul preparou junto às coordenadorias regionais professores em legislação. A esses professores recicladores em suas delegacias de educação coube a preparação de outros, nas áreas de legislação e currículo.

A Assessoria Técnica do DEF reciclagem em 1971, entre pessoal técnico-administrativo e docente, coordenadores, delegados, supervisores, fiscais de ensino particular e professores, cerca de 1.248 pessoas. A referida Assessoria Técnica teve as professoras Nellys Mariath, Terezinha Oliveira e Amélia Bulhões, coordenando a divulgação da lei 5.692/71, e professoras Maria Cleusa Guerra e Neusa Armellini, coordenando a Equipe Base de Currículo.

Com a participação de elementos da Assessoria Técnica foram também promovidos Encontros, para conhecimento do novo Sistema de Ensino e nova estrutura curricular, com as Faculdades de Educação do interior do Estado, tendo por local a Universidade Federal de Santa Maria, ocasião em que participaram 174 professores.

Para o decorrer do ano 72 estão previstos novos Encontros com diretores e professores de Escolas Normais e Faculdades de Educação, localizadas na capital gaúcha.

INTEGRANTES DO RIO GRANDE DO SUL NO X CONGRESSO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

A cidade de Salvador, Estado da Bahia, foi, de 18 a 24 de janeiro do corrente ano, sede do X Congresso de Professores Primários, cujo tema central foi a Reforma da Educação.

A sessão de abertura do referido Congresso ocorreu no auditório do Colégio N. S. da Salette, que foi insuficiente para acolher o grande número de professores congressistas. O ato contou com a presença do Profº Eurídes Britto da Silva, representante do Ministério da Educação e Cultura, do Sacre-

tário da Educação e Cultura da Bahia, de grande número de autoridades educacionais daquele Estado e de outras unidades da federação.

Representando a Secretaria de Educação do RS, participaram do X Congresso de Professores Primários, a diretora do Departamento de Educação Fundamental Profº Muria Izidora Bofill, a Profº Nellys Severo Mariath coordenadora da Assessoria Técnica e os Assessores Lísia Helena Nagel, Rute Vivian Angelo e Letícia Amaral Marreco, que apresentaram o Plano de Implantação da Reforma no Estado do Rio Grande do Sul. Colaborando ainda com a Comissão Organizadora do X Congresso, a referida representação do DEF da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, reciclagem 150 professores baianos, em termos da nova Lei de Ensino.

OUTRAS NOTÍCIAS PARA INFORMAÇÃO DO PROFESSOR

EM BRASÍLIA ENTROU EM FUNCIONAMENTO UMA ESTAÇÃO DE RASTREAMENTO DE SATELITE METEOROLÓGICO

O trabalho da referida estação é receber as fotografias feitas por um satélite meteorológico, que tira retratos das nuvens a uma altitude de 1.500 quilômetros. Suas fotos abrangem uma área de 10 milhões de quilômetros quadrados.

Com apoio de dados de uma outra estação que já está em funcionamento no Rio de Janeiro e também dos elementos fornecidos pelos rádio-sondas, os técnicos poderão ter uma visão tridimensional da atmosfera, para a elaboração de uma previsão mais acertada e, o que também é de maior importância, com uma antecedência muito maior.

Em termos de melhoria para a produtividade agrícola é de grande valor uma previsão do tempo com razoável antecedência e com grande margem de acerto. Um aguaceiro, por exemplo, não favorece às plantas, menos ainda à sementeira, que é especialmente prejudicada. Certos frutos, já um tanto amadurecidos, caem dos galhos com uma chuva mais forte, em geral acompanhada de ventos. Os que trabalham com irrigação, se alertados com antecedência para uma pancada de água muito forte, tomarão providências quanto à reserva da água para evitar danos maiores ao acúculo. Atualmente, os agrônimos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária estão atentos às condições meteorológicas na Amazônia, para iniciar a sementeira de plantas não tradicionais na região. E é precisamente isso que a nova estação de rastreamento de satélite de Brasília vai proporcionar aos agricultores brasileiros.

AMAZÔNIA DE HOJE

A direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil fez uma visita à Amazônia onde, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, pode observar a intensa ação colonizadora que lá se forma, fixando agricultores brasileiros, especialmente nordestinos. Muita coisa já se escreveu sobre a integração da imensa região verde. Muito mais se faiou, ainda, ao longo de tantos anos, desde que os primeiros europeus informaram ao mundo a grandezza daquela região. O que os bispos brasileiros escreveram sobre a Amazônia, a impressão que relataram, segundo informações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma agrária, é a seguinte:

Fica da Amazônia uma impressão de dois mundos. "É o mundo da natureza como Deus o fez: um mundo imenso, dramático, cheio de fascínios e desafios. É a impressionante rede de rios e igarapés, belos uns, poderosos outros; é a misteriosa selva, imensa e ondulada, hostil de um lado, repousante de outro; é a terra fértil, especialmente em Altamira e nos espinhaços mais altos; é o ferro da serra do Carajás, o ouro de Itaituba, o cobre escondido em diversos lugares; são as distâncias a perder de vista, são as potencialidades apenas adivinhadas."

E ainda: "É o mundo do homem, que tenta conquistar e colocar a seu serviço a natureza amazônica, numa verdadeira e gigantesca batalha. Rascando estradas, fundando agrovilas, tentando variados plantios, integrando aquele Brasil desconhecido, levando a mensagem do Evangelho, o homem da mostra de sua vocação de rei da criação. O homem da Igreja e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o índio e o branco, o nativo e o adventício, o homem de ontem e principalmente o homem de hoje, estão escrevendo arrojada epopeia, digna de admiração".

Essa é a obra que se realiza para a colonização da Amazônia e sua integração com vistas ao aproveitamento de sua potencialidade econômica. ■



Cantinho das Novidades

FLAVIA MARIA ROSA — da equipe da Rj

O LIVRO TEM SUA VEZ

Qual a criança que não gosta de um livro? É difícil dizer, pois antes, muito antes mesmo de dominar o mecanismo de leitura, ela já se interessa em manusear um livro de estórias, em olhar gravuras, em "ler" o que ele contém. E, quando realmente *sabe ler*, é o livro seu grande companheiro, tanto nas horas de estudo como nas de lazer. E como se sente feliz ao reconhecer uma palavra aprendida, ao se identificar com determinado personagem, ao compreender a mensagem do escritor, ao sentir que as idéias do texto se fundem com as suas!

Assim, comprovado esse interesse pelo livro, nada mais oportuno que, neste ANO INTERNACIONAL DO LIVRO, destaque especial seja dado em classe a esse instrumento de tanta utilidade e prazer.

Tendo por objetivo fazer com que seus alunos leiam, leiam muito, leiam bons livros e aprendam, desse modo, a valer-se da leitura como fonte de informações e entretenimento, selecione os mais indicados para sua classe e, através de cartazes, convide-os à leitura.

Livros afixados a um relógio construído em cartolina resistente indicarão aos alunos leitura de seu interesse, selecionada entre as novas aquisições da biblioteca da escola ou da classe. Assuntos variados, abrangendo humor, fantasia, folclore, natureza, esportes, mistério, aventura, pessoas famosas, ciência e espaço, deverão estar incluídos nesta seleção.

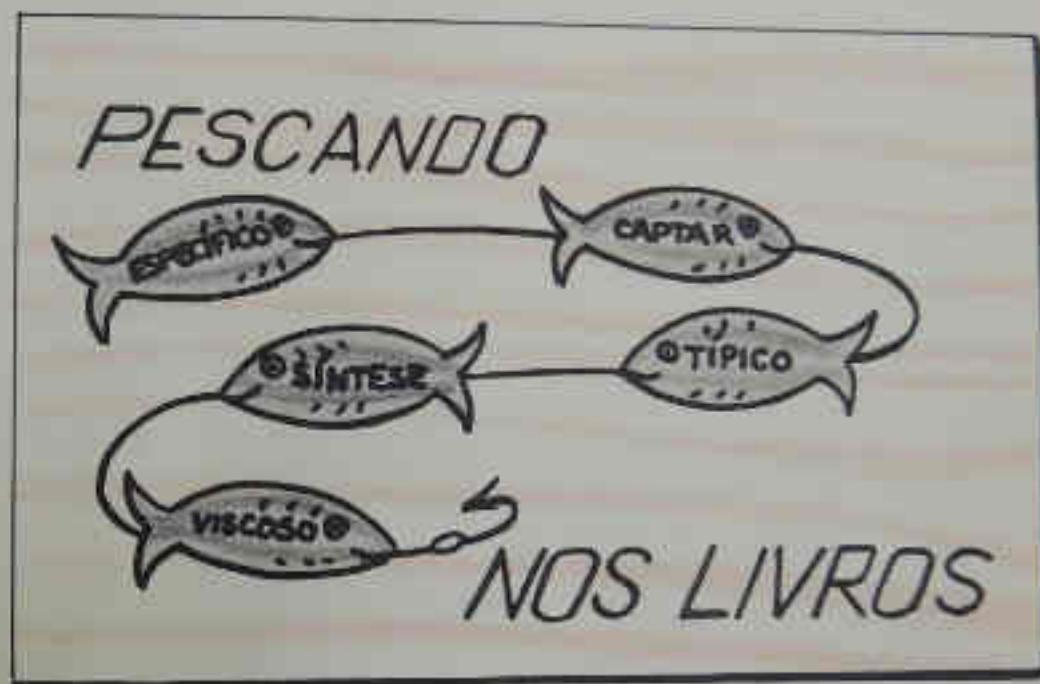
É HORA DE LER!



São muitas e variadas as perguntas que nos fazem, e que fazemos a nós mesmos, sobre diferentes assuntos, que decorre de cada dia. E, para responder-las, nada melhor que um bom livro. E o que nos demonstra este livro, é que através de desenhos, são evidenciados diferentes tipos de livros a que pode a criança recorrer, para obter respostas a suas perguntas, e suas dúvida, a suas curiosidades.



Sendo a leitura um importante veículo de aquisição e ampliação do vocabulário, conduza seus alunos a "pescarem" nos livros novas palavras, escrevendo-as em peixinhos de cartolina. Após a definição da nova palavra e sua aplicação em frases, o resultado da pescaria será afixado em um painel de "styropor". Periodicamente, os peixinhos serão renovados, dinamizando esta atividade.



Estimulando as crianças para que aproveitem melhor suas horas de folga, dedicando-se a um passatempo agradável e ao mesmo tempo proveitoso, coloque a seu alcance livros que abordem assuntos como: filatelia, xadrez, jardinagem, horticultura, apicultura e outros.

Utilizado para expor livros sobre jardinagem, o cartaz aqui apresentado tem como motivo flores estilizadas feitas de círculos coloridos.



Sentindo tudo isso resolviu fumar, ser alguém. Pediu o consentimento do pai e foi para o Rio de Janeiro. Tinha 14 anos apenas. Sem grandes conhecimentos, mas demonstrando vontade firme de vencer, conseguiu o emprego de aprendiz extranumérico da Santa Casa de Misericórdia. O ordenado era muito pequeno — dois mil réis, mas ele se mantinha com a mesada de dezenas mil réis que o pai lhe mandava. Saíu da Santa Casa de Misericórdia quando a farmácia passou às mãos das Irmãs de Caridade. Por causa disso o pai lhe cortou a mesada. Sem ficar desesperado, o jovem buscou a proteção do Conselheiro Albino de Alvaranga, que conheceria em Campos. Este lhe conseguiu emprego na casa de saúde do Dr. Batista dos Santos, depois Visconde de Ibituruna. Por ele foi estimulado a estudar Teve então por mestre o Dr. João Pedro de Aquino, que tinha um externato. Ali José do Patrocínio encontrou — além do carinho e estímulo — tudo o que precisava para adquirir cultura. Fez os preparatórios para o curso de farmácia e os do curso médico. Nos exames decidiu-se a seguir, apesar, o curso de farmácia.

Entrando para a faculdade, passou a receber auxílio da Sociedade Beneficente. Para aumentar seus rendimentos passou a dar aulas particulares, para alunos do primário. Nessa época não tinha maiores despesas, porque seu colega Sebastião Catão Calado lhe dava casa e comida. Quando se formou, entretanto, seu amigo foi para Santa Catarina e ele ficou só. Só, sem dinheiro e com um diploma que — no máximo — poderia render quarenta mil réis, se o alugasse.

Novamente teve a sorte de rever um amigo. Foi o antigo colega de externato, João Rodrigues Vila Nova. A convite do amigo visitou sua casa. Lá recebeu a simpatia de todos e o convite do padastro de Vila Nova, o capitão Emiliano Rosa de Sena, para que ficasse morando com eles para lecionar seus filhos. Aceitou o convite e depois de algum tempo mudou-se para uma casa perto da chácara do capitão Emiliano.

Fazia um ano que estava formado quando resolveu tentar o jornalismo. Fundou, então, um quinzenário satírico — Os Ferros — que não durou muito.

Em 1876 escreveu o poema "Vae Victis" (AI dos vencidos) à princesa

imperial. O poema, nos moldes de Castro Alves, era usado «apenas para a razão da jovem princesa para a causa dos escravos».

Esse poema, publicado no jornal "O Mequetrefe", lhe abriu, no ano seguinte, as portas da "Gazeta de Notícias". Inicialmente publicava versos rimados, mas depois, com o pseudônimo de Prudhomme, começou a redigir a semana parlamentar.

José do Patrocínio começou então a aparecer nos meios intelectuais da Corte. Por essa época participava das reuniões do Clube Republicano, que havia sido fundado e se reunia na casa do capitão Emiliano Rosa de Sena. Ali conheceu Quintino Bocaiúva, Sousa Caldas, Lopes Trovão.

Em 1879, na Gazeta de Notícias, começou a fazer, de forma sistemática, a campanha contra o regime de escravidão. Nesse mesmo ano conseguiu vencer a oposição do capitão Emiliano (que não queria gente de sua família) e casou com sua filha mais velha Mariz Henrique. Bem para os amigos. Dessa união nasceram Marieta, Maina, Tinon, Macau e José.

A causa dos escravos cada vez o empolgava mais. Não bastava que fizesse campanha pelo jornal; era preciso mais. E para quem tinha o dom de oratória, nada mais fácil. E, em 1880, no Teatro São Luís, centro de encontros e conferências, ocupou pela primeira vez a tribuna para atacar a escravidão. A partir de então dedicou-se, inteiro, à causa abolicionista.

Seu sogro o admirava e por isso ajudou-o a comprar o jornal "Gazeta da Tarde". Sabendo manejá-la pena e a palavra, José do Patrocínio empolgava, fascinava, catequizava a todos para a causa dos escravos. Participava da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão e de todas as manifestações da causa. E, escrevendo ou discursando, era sempre a figura máxima.

Em 1883 foi instalada a Confederação Abolicionista, cujo emblema era uma camélia. Dessa reunião foi feito um manifesto, redigido por José do Patrocínio, André Rebouças e Aristides Lobo, que pedia aos legisladores brasileiros que extinguissem a escravatura.

O Manifesto foi lido no Teatro D. Pedro em sessão solene no dia 16 de agosto de 1883 e acompanhado, com simpatia e entusiasmo, por todas as classes sociais, principalmente a dos intelectuais.

A partir de então a Confederação Abolicionista passou a fazer a limpeza das ruas centrais do Rio de Janeiro. Essa consistia em colocar os escravos em liberdade. Anunciavam a "limpeza" em determinada rua e, de porta em porta, convencendo os donos a que libertassem seus escravos. Primeiro foi a rua Uruguaiana, depois a Travessa do Ouvidor. Quando os senhores do Largo de São Francisco alforriaram seus escravos, os estudantes da Escola Politécnica Professor Miguel Arcanjo Galvão, colocaram — no largo — a placa "Praça da Liberdade".

A campanha foi, gradativamente, tomando vulto. E a 13 de maio de 1888, quando a Princesa Regente assinou a lei que aboliu o cativeiro no Brasil, viu prostrar-se a seu pés o apóstolo negro que lhe diz: "Minha alma sobe de joelhos nestes Pisos". O povo delira, todos querem homenagear Patrocínio, todos querem um pedaço de sua roupa, um fio de sua barba para guardar como reliquia.

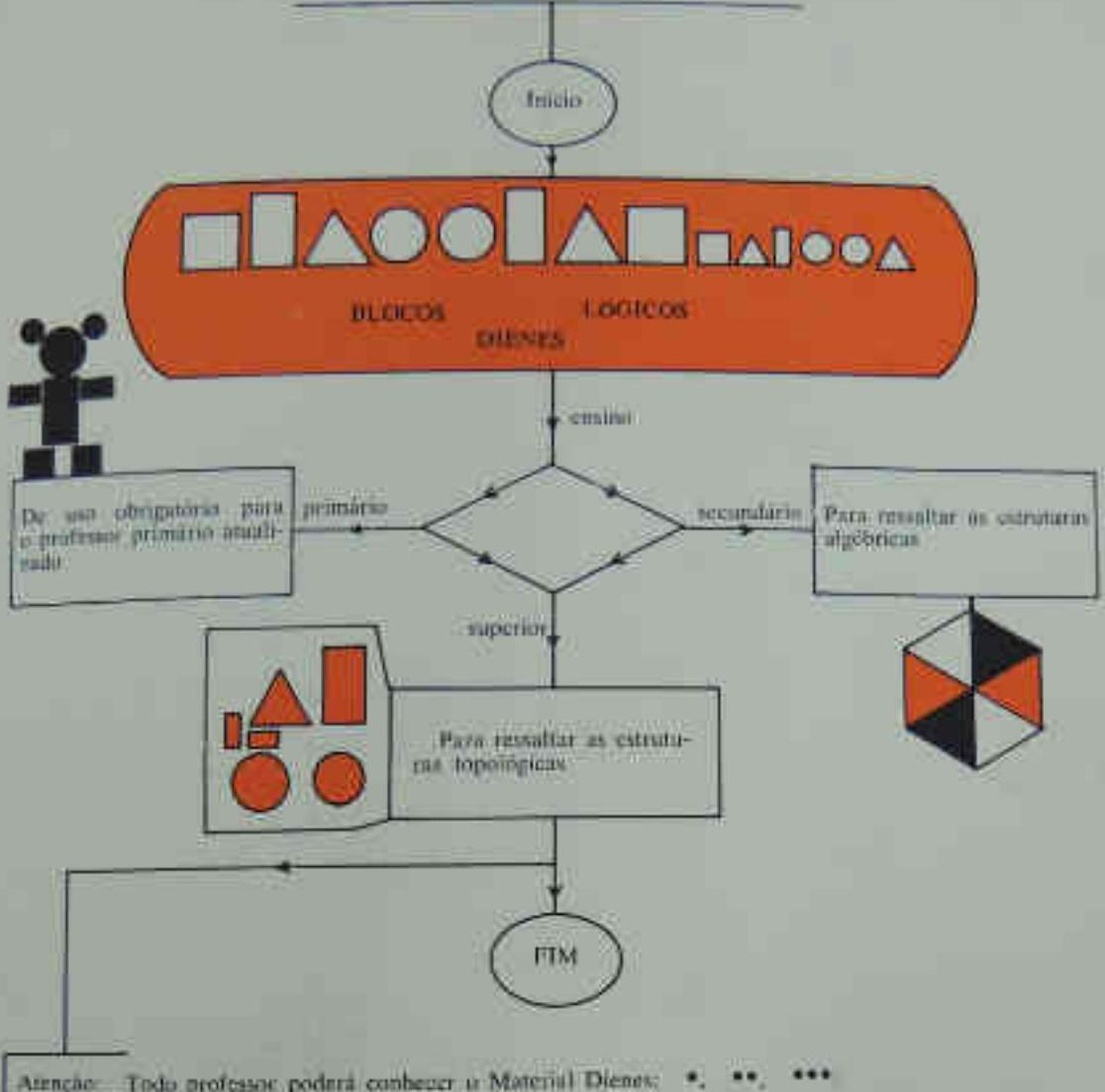
José do Patrocínio ficou tão grato à Princesa que deixou seus amigos republicanos e apoiou a "Guarda Negra" que se destinava a defender a Regente e o Trono. Mais tarde foi acusado como conspirador contra as autoridades constituintes e deportado para o Amazonas. Nunca chegou até lá, mas ficou em Santa Isabel do Rio Negro, até que foi anistiado.

Em 1903, por ocasião da chegada de Santos Dumont, ele voltou de novo a falar. Seu discurso foi magnífico, mas ele teve ali a primeira crise de histeria.

Nos últimos anos de vida dedicou-se ao problema da navegação aérea, construindo o aerostato "Santa Cruz", que nunca subiu aos ares. Morreu em 30 de janeiro de 1905, em estado de miséria, mas seu enterro foi acompanhado por cerca de dez mil pessoas, de todas as classes sociais.

José Carlos do Patrocínio ficaria em nossa história como figura simbólica do movimento abolicionista, mas também está ligado à nossa literatura, por seus discursos, por sua obra "Mota Coqueiro" (1877), pela tradução da obra de Maurice Ordonneau: As Meninas Godin; por ser membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

- ★ Quando pensar é divertido
- ★ Jogos "de verdade" para todos

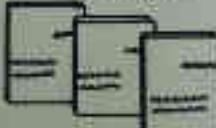


Atenção... Todo professor poderá conhecer o Material Dienes: * * * ***

* BLOCOS
Cr\$ 55,00



** LIVROS
Cr\$ 32,00



Lógica e Jogos Lógicos
Consumo, Números e Potências
Exploração do Espaço e Medidas
Pensar é Divertido — S. Kotke

*** Peças Cr\$ 10,00
EDIÇÕES TABAJARA LTDA.
SÃO PAULO
Rua Palmeiras, 219
Fone: 70-2880

Livraria Tabajara S.A.
Rua dos Andradas, 1714 — Fones
24-1073 e 24-7724 — Porto Alegre

PROFESSOR

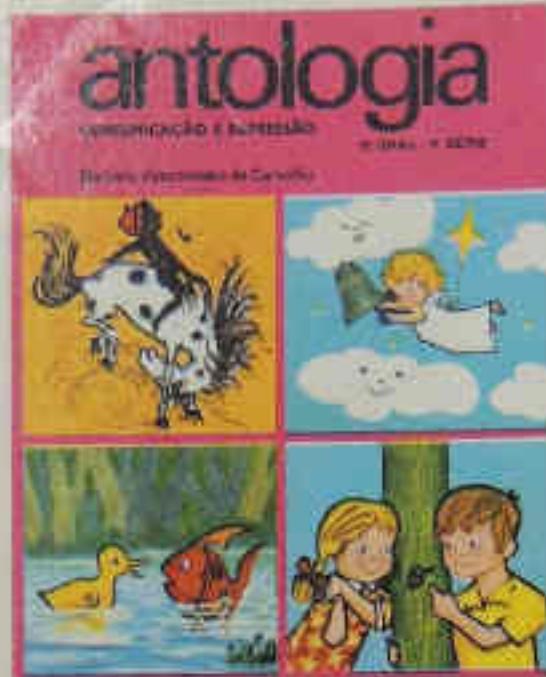
ALERTAMOS aos professores se acostumarem na tomada de assinaturas da Revista do Ensino, sobretudo quando tiverem que efetuar o pagamento na ocasião a pessoas NÃO CONHECIDAS que se apresentarem como agentes, viajantes ou revendedores. Todos os nossos AGENTES, VIAJANTES, REVENDORES, possuem CREDENCIAIS DE IDENTIFICAÇÃO fornecidas por nossas firmas de Porto Alegre e São Paulo. Na dúvida, não efetuam pagamento, dirigam-se por correspondência aos nossos endereços referidos dando e solicitando informações, ou façam passe bancário do valor

Os EDITORES

antologia

Barbara Vasconcellos de Carvalho

Leratura destinada aos quatro primeiros anos do ensino de 1º grau.
Obra em 4 volumes, com os respectivos manuais para os professores.
De acordo com a NOVA REFORMA ORTOGRÁFICA e REFORMA de Ensino.



A LEITURA COMEÇA AQUI

sim. A Leitura de todo e qualquer trabalho escrito começa exata e logicamente na introdução.

E se estamos apresentando um livro infanto-juvenil, começemos por educar os nossos pequenos leitores no campo literário, pelo qual nos empenhamos, preparando-os e iniciando-os na arte da leitura.

A OBRA

Esta obra é a que chamamos de uma Antologia infanto-juvenil. Ela está dividida em quatro livros, para atender a cada classe dos níveis primários. Admitimos que assim facilitariam a sua aquisição, com maior proveito educacional e econômico, uma vez que em cada livro se encontram leituras de todos os gêneros literários, numa completa e selecionada variedade de textos, escolhidos dentro das exigências educacionais e das observações psico-pedagógicas.

Cada livro desta pequena obra compõe-se de quatro partes, isto é, dos quatro gêneros de leituras ou textos necessários ao completo conhecimento e formação literária da criança.

Primeiro — "Os saininhos do tempo", em prosa, representando o volume de contos.

"Os saininhos do tempo", como o próprio nome está indicando, representam o toque que vai despertar as estórias adormecidas através do tempo para a alegria de "contar" e de "ouvir".

"Despertar de Passarinhos" é o volume de poesias. Ele desperta as crianças para cantar a poesia porque poesia é sempre música, harmonia, ritmo; as palavras, os vocábulos, tudo é ritmo e magia. Como os passarinhos que despertam cantando, fel-

zes; assim, queremos despertar todas as crianças, no auge seus primeiros vólos, na manhã da vida.

Os pássaros são os grandes artistas dos campos, da natureza.

Ordena-se e sai a criança alegre para a Escola, e assim — também, ao começar um novo dia, para saudar a natureza, disse o velho poeta português, Luis de Camões:

"está o doce passarinho
com o biquinho as penas ordenando;
o verso sem medida, alegre e grande,
expedito no rústico raminho;
isto é, cantando seus versinhos, sua poesia, sem palavras, sem preocupação de sabedoria, mas com encanto e graça.

O importante é, que as crianças cantem como os passarinhos.

"Magia e Sabedoria", este título é bem o símbolo do que são as Fábulas: — magia e sabedoria. Por meio de estórias de bichinhos que falam, de plantas que conversam, de seres e objetos que dialogam, fantasia e de magias acontecimentos e fatos, esses seres, em seus encantamentos, vão distribuindo mensagens de sabedoria, e de verdades eternas.

"O canto da Iara": simboliza este título a sedução do Folclore, pois o Folclore nos encanta, como o próprio canto da Iara (Sereia indígena dos rios, das águas doces), segundo a lenda.

O Folclore reflete a alma simples e pura de nossa gente, de nosso povo, de nossas tradições, como a fonte cristalina, reflete lá no fundo as fisionomias que nela se debruçam.

E assim, vamos mergulhar lá no fundo da alma de nosso povo...

AGORA UMA PALAVRINHA AOS COLEGAS SOBRE O LIVRO INFANTIL

ANTES DE ABRIR ESTE LIVRO, APENAS ESTA OBSERVAÇÃO:

Ao alcançar a primeira série, é evidente que a criança tenha já ultrapassado as áreas de incentivação da linguagem verbal, adquirindo todos os relacionamentos e associações do Pensamento lógico. O impressionável curso pré-primário deu-lhes condições, capacitando-as a sentir os pequenos e graciosos textos que lhes oferecemos e permitindo-lhes o prazer que os mesmos proporcionam.

Há os que condenam os contos fantásticos de Fadas. Fantástico também é que isso aconteça! pois não conseguimos entender como é possível condenar-se beleza, infância. Os inocentes contos de Fadas, mesmo com algumas implicações negativas (ocorridas) só podem encantar ou enriquecer o espírito da criança. E os argumentos apresentados contra os contos de Fadas são tão fracos quanto pobres de sensibilidade. Assim entendemos.

EDIÇÕES TABAJARA

Rua Peixoto, 234 - Tel. 76-2680
São Paulo

Av. Andradas, 1774 - Tel. 24-7724
Porto Alegre